

@verdade



RECICLE A INFORMAÇÃO:
PASSE ESTE JORNAL A OUTRO LEITOR

Tiragem Certificada pela KPMG

www.verdade.co.mz

Jornal Gratuito

Sexta-Feira 27 de Setembro de 2013 • Venda Proibida • Edição Nº 255 • Ano 6 • Fundador: Erik Charas



João Domingos: Um museu vivo

Destaque PÁGINA 15

Caro leitor

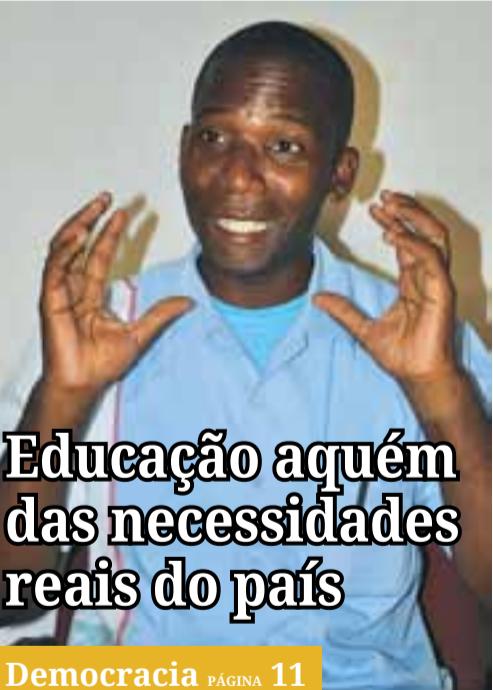
Pergunta à Tina...

Tudo o que precisas de saber sobre
saúde sexual e reprodutiva

SMS
90441

ou E-mail:
averdademz@gmail.com

SOCIEDADE 07



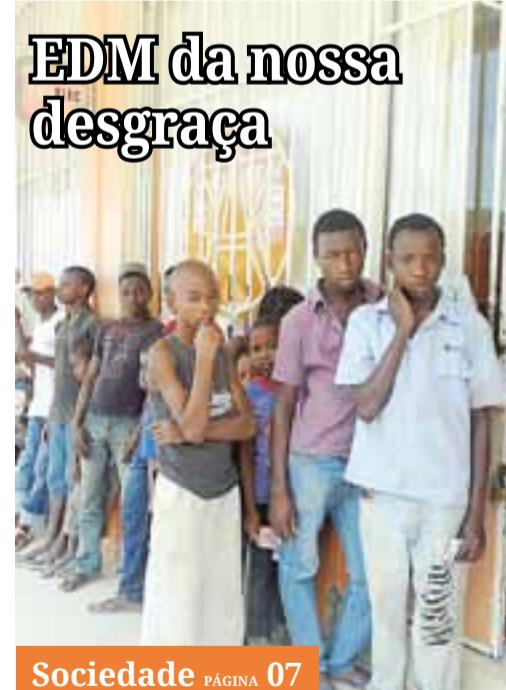
Educação aquém
das necessidades
reais do país

Democracia PÁGINA 11



Diga “não” aos
Direitos
Humanos

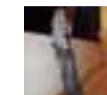
Plateia PÁGINA 26



Sociedade PÁGINA 07



Para informação desportiva de
Moçambique e do mundo em
tempo real siga-nos no
twitter **@DesportoMZ**



Gil Vicente @gil_vicente4 RT @
verdademz: Segue o
#Afrobasket no Twitter @
DesportoMZ e vamos todos
apoiar a nossa selecção “as
samurais” a chegarem ao título
africano



Sérgio Fernando @
FernandoSrgio
#Nampula, agente da
polícia municipal intimida
membros do MDM na Praça dos
Herois Mocambicanos @
Verdademz pic.twitter.
com/1GzBhpFawW



Alexandre Zerinho @
Zerinho_b4 Está de
parabéns o “Writer” de
“As nossas deformações
educacionais separam-nos do
mundo” @verdademz



Sara Moreira @
saritomoreira
observatório europeu
de jornalismo: a cobertura das
#autarquicas2013 é #opensource
<http://bit.ly/18agV5w> [it] cc @
verdademz



Gazzoido @
RolandBaga @
verdademz @
desportomz Portugal vs
Moçambique: Espanha-França;
Brasil-Argentina e Itália-Chile nos
quartos de finais, Forçaaa
#Moçambique



wMg @OficialWizzy
#News: Agentes da
PRM protagonizam
desmandos na Julius Nyerere:
Certos agentes da Polícia da Re...
<http://bit.ly/16UopLi> via @
verdademz



E' so lamber @MrLil_Jay1 “@verdademz:
Alunos interrompem
aulas para limpar fezes na
Escolas Patrice Lumumba na
#Matola <http://www.verdade.co.mz/soltas/40262> “ @eddy_legendario



Tomás Wate Watinho @WateJunior Ja recebi
e ja li o meu @
verdademz. #4real pic.twitter.
com/LPBjdR9J7K



20 de Setembro 2013



Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

Radar

Editorial

averdademz@gmail.com

O Nero moçambicano

Um bom líder não constrói um bom país; um bom país é feito/erguido por bons cidadãos; mas um mau líder, tal como um vendaval, destrói uma nação. Vai este intróito a propósito dos ventos que sopram da Pereira do Lago. Somos, não temos medo de o afirmar, governados por um imperador. O nosso Nero Cláudio César Augusto Germânico ascendeu ao poder em 2008 e desde então governa de forma extravagante e tirânica. Enquanto o imperador romano perseguia cristãos, o nosso combate os seus críticos.

Quanto a nós, as mudanças nas direcções editoriais de órgãos de informação públicos e privados é apenas um sintoma do que está para acontecer. Aliás, é uma autêntica manobra de distração para nos esquecermos do perigo que representa o futuro. O país caminha perigosa e vertiginosamente para a fórmula Angola. Um Estado sem liberdade e onde a liberdade de opinião e expressão é todos os dias estuprada pelo ídolo do Nero. Quando foi eleito, o nosso Nero visitou o país irmão igualmente governado de forma tirânica por um outro Nero déspota e caquético.

A ideia brilhante do nosso Nero reside na materialização de uma sociedade genuflexa, sem debate e amorfa. Uma sociedade de adoradores e aduladores. Uma sociedade acéfala e pronta a glorificar os desvarios do nosso Nero. O Goebbels já espalhou sementes pelos órgãos de informação e derrubou o ideólogo da única televisão independente que lutava contra a genuflexão militarista. Caiu Jeremias, um dos últimos redutos da verticalidade no Grupo Soico. Antes foi José Belmiro, um dos rostos do inconformismo televisivo e jovem de grandes causas.

A TV Miramar também sucumbiu ao poder de Goebbels. Tudo isso para agradar ao todo poderoso Nero. O jornalismo lambe as suas feridas e sente-se cada vez mais acossado pelos gladiadores de Nero. Eduardo Constantino, a voz autorizada do Sindicato Nacional de Jornalistas, escafedeu-se, engravidou o silêncio. Os mais atentos dizem que se escondeu em qualquer esgoto da sacanice a tocar uma cítara enquanto a classe definha diante das engrenagens do rolo compressor que faz estragos profundos na vida de cidadãos livres.

Mas não se trata do fim. Nero terá de gastar mais do que dois milhões de dólares para matar a liberdade. O que custou o sangue de moçambicanos e moçambicanas não se verga por tão pouco. Enquanto as estratégias de entorpecimento das vozes discordantes ganha robustez, os combatentes da verdade recuam para se municiarem. Nero ganhou os primeiros assaltos, mas irá perder a luta.

Rodeou-se de indivíduos desprovidos de massa cinzenta. Esse foi o seu maior erro. Vamos reerguer-nos e a luta só terminará quando Nero, mais uma vez, preferir o "suicídio" ao opróbrio...



Boqueirão da Verdade

"As piores instituições: 1. Ministério do Interior - Não se conhece nenhum website, actividades muito menos, os progressos em relação às suas actividades. Nossos países sérios, um ministério como aquele possui um website e outros mecanismos de comunicação usados para divulgar os progressos em várias frentes e mobilizar o apoio popular", Egídio Guillerme Vaz Raposo

"2. Serviço de Informação e Segurança do Estado – que apesar de ter maior bolo orçamental que o Ministério da Agricultura, não presta contas ao público nem comunica o que anda a fazer. Nos outros países, entidades como estas têm um website onde, por exemplo, divulgam as pessoas mais procuradas pelo Estado, últimas apreensões e principais linhas de trabalho no combate, por exemplo, ao narcotráfico, tráfico de órgãos humanos, etc., e solicita permanentemente o apoio popular", Idem

"Há coisas que acontecem com as nossas coisas públicas que me deixam confuso. Com que então a seleção feminina de Basquetebol designa-se "Samurais"? Em analogia a que evento moçambicano/africano?? Alguém me disse que faz parte do pacote da cooperação Moçambique-Ásia. Não admira que a seleção masculina passe a designar-se "O Dragão do Sol Nascente!", Matias de Jesus Júnior

"Os ratos afogaram o país na pobreza e dizem que os cidadãos lhes devem pela empreitada com que nos roem e ao país. Mas os mesmos ratos que roeram e roem tudo não pararam com a odisseia, com as suas investidas, roeram a banca (BCM e Banco Austral), não para pagar a dívida externa, mas para acrescerem o lucro e a riqueza, pois julgam-se eleitos e elegíveis para roerem tudo que se lhes depara à frente, pela participação na luta anti-colonial", Adelino Timóteo

"Os ratos que mataram Carlos Cardoso, Siba-Siba Macuácia, juízes, procuradores, são os mesmos que roeram a justiça que não funciona, roem as leis que só funcionam para as suas vítimas. Os ratos agem como ovelhas ronhosas, na sua sede de vingança. Os ratos estão na corrida renhida dos recursos minerais. A profissão mesmo dos moçambicanos é esperar. Portanto, quem pára a praga de ratos que roem o país?", Idem

"Se perguntar não ofende: O que fazem os governadores provinciais e os administradores distritais? Temos 11 governadores e 128 administradores. Eu sou

da humilde opinião de que devíamos eliminar a figura do governador provincial e criarmos a de governador regional. Assim teríamos apenas 3 governadores regionais. É que hoje o governador provincial é uma figura meramente política, e acho que não precisamos assim de tantos. A província seria gerida administrativamente por um tecnocrata chamado secretário permanente. E a figura do administrador distrital seria banida porque nem políticos conseguem ser, só atrapalham o ambiente político-democrático no Pólo de Desenvolvimento", Juma Aiuba

"Nunca há dinheiro para realizações públicas, mas enormes quantidades de fundos públicos desaparecem dos cofres do Estado. Nem do Gabinete da Primeira-Dama escapam...sumiram 121 milhões de euros. Vejam a vergonha em que se encontra metido o Tribunal Administrativo! O Conselho Constitucional havia sido transformado em covil de ladrões. Que coisa tão mal cheirosa!!!!", Edwin Hounou

"(...) Trata-se de um grupo descontente por tendência, ou seja, negativista, vazio de auto-estima que até chega ao ridículo de dizer que Moçambique estava melhor no tempo colonial do que hoje. Portanto, para esse grupo, o país estava melhor, em 1975, quando apenas tinha cerca de 350 mil crianças a estudar na escola primária contra os actuais cerca de sete milhões de crianças a frequentar o mesmo nível de ensino! Para esse grupo, o país estava melhor, em 1975, quando na única universidade existente, a Universidade de Lourenço Marques, apenas cerca de 40 estudantes eram moçambicanos contra as actuais mais de 40 instituições de ensino superior com perto de 100 mil estudantes! Para esse grupo, o país não está a andar, o país está parado ou a regredir!", Salomão Moyana

"Trata-se de um grupo que não enxerga nada à sua volta, não enxerga um país maravilhoso e em crescimento, em franco andamento rumo ao futuro, um país em obras, não vê as milhares de moageiras pelo país a moerem milho e mapira da população, não vê os milhares de hectares de hortícolas abastecendo os mercados, não vê milhares de vivendas e de prédios construídos por moçambicanos e para moçambicanos, não vê as milhares de cabeças de gado pertencentes a cidadãos que outrora nada tinham, enfim, o grupo não quer ver a pujança de um país em franco crescimento como é Moçambique", Idem

OSVALDO DA CONCEIÇÃO SILVA DUARTE

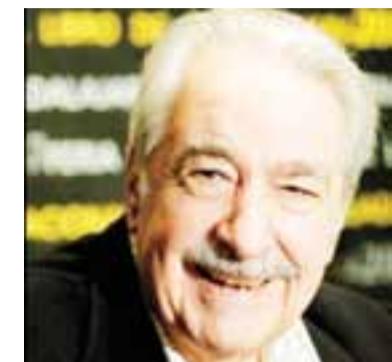
O Conselho de Administração do Grupo Charas e todos os seus colaboradores comunicam com profunda dor e consternação o falecimento do srº Osvaldo da Conceição Silva Duarte, pai da sua colega Nela Duarte, ocorrido no dia 18/09/2013, na República da África do Sul.

A Direcção do Grupo Charas endereça à família enlutada as mais sentidas condolências.

Paz a sua alma.

OBITUÁRIO:

Álvaro Mutis
1923 – 2013
90 anos



O romancista, poeta e ensaísta colombiano, Mutis, que vivia no México há quase seis décadas, morreu no domingo num hospital da capital do país. Tinha 90 anos de idade. Nascido em Bogotá em 1923, Mutis, que era filho do diplomata Santiago Mutis, passou parte da sua infância em Bruxelas, na Bélgica, onde o pai foi embaixador da Colômbia. Começou a sua carreira literária em 1948 com a publicação do volume de poesia *La Balanza*, seguido, em 1953, de *Los Elementos del Desastre*.

Foi antes de se tornar conhecido que viajou para o México, em 1956. Chegou ao país com cartas de recomendação do realizador espanhol Luis Buñuel e do produtor de televisão mexicano Luis de Llano Palmer.

Três anos depois da chegada viu-se acusado de fraude pela multinacional norte-americana Standard Oil Co., onde trabalhava como relações públicas, e acabou por passar 15 meses encarcerado na prisão de Lecumberri, na Cidade do México, experiência de que nasceu o seu primeiro romance, *Diário de Lecumberri*, publicado em 1959.

Foi, disse o escritor, "uma lição que nunca esquecerei nas mais intensas e profundas camadas de dor e fracasso". Duas décadas depois, com a publicação, em 1986, do primeiro volume das aventuras de Maqroll, Mutis ganhou a popularidade que o acompanhou até o fim, apesar de ter deixado de publicar em 1993.

Numa grande homenagem, o diário colombiano *El Tiempo* publica na sua edição online o que diz ser o mais recente poema conhecido do escritor, precisamente de 1993. Nele Mutis diz acreditar "ter chegado a hora de calar as palavras", "as pobres palavras usadas". "Penso às vezes que chegou a hora de calar".

Em 1942 casou-se com Mireya Durán Solano, com quem teve três filhos: María Cristina, Santiago e Jorge Manuel. Treze anos depois, casou-se com María Luz Montané, de cuja união nasceu a filha María Teresa. Em 1966, casou novamente, desta vez com Carmen Miracle Feliú.

Antes de se tornar escritor, trabalhou na Colômbia como jornalista, relações públicas, locutor de rádio, e distribuidor de filmes da 20th Century Fox na América Latina. Também fez dobragens e deu voz ao narrador da série *Os Intocáveis*.

Entre outros, Mutis foi Prémio Cervantes (em 2001), Príncipe das Astúrias e Reina Sofia (ambos em 1997) e Médicis Étranger (em 1989).

Xiconhoca

**Os nossos leitores nomearam os Xiconhocos da semana.
@Verdade traça em breves linhas as motivações.**



da Semana

Xiconhoquices

da Semana

Os nossos leitores nomearam as seguintes Xiconhoquices da semana.

Mudança cirúrgicas nos órgãos de informação

“Este país critica por tudo”, dirão os acólitos do oratório oficial. E não estão, diga-se, isentos de razão. Os órgãos de informação são livres de fazer mudanças e isso não deve, de forma alguma, alvoraçar a opinião pública. Contudo, quando tais mudanças sucedem de forma radical e seguem estritamente o que já era do domínio público por força de uma denúncia, importa compreender o que tal jogo de peças no xadrez da informação significam para a liberdade de imprensa.

É, portanto, neste aspecto que pretendemos questionar a nomeação de Isâlcio Ivan Mahanjane para o cargo de director de informação da TV Miramar. As ligações partidárias do cidadão em questão são incompatíveis com o estatuto de responsável máximo do conteúdo editorial de um órgão de informação. Não cremos que alguém comprometido com o poder público em tomadas de posição de carácter político represente uma mais-valia para a imagem de independência da TV Miramar e dos seus jornalistas.

Pelo seu posicionamento parcial está mais do que evidente que Mahanjane não será capaz de garantir um tratamento distanciado e isento de qualquer assunto. Não está obviamente em causa o direito de o mesmo pertencer a uma organização política: Isâlcio é um cidadão no pleno gozo dos seus direitos constitucionais. Pode ter o partido que quiser, as opiniões e as crenças que preferir. Mas não deve nunca confundir as suas opções privadas com a actividade que exerce publicamente. E já ficou provado - nas suas opiniões no Jornal Público e nos programas da Televisão Prostituída de Moçambique (TVM) - que isso é impossível. Mas assim vai a informação no país das Xiconhoquices.

Suspensão de Arnaldo Salvado

Suspenso para falar a verdade. Era o que faltava! A Liga Moçambicana de Futebol só dá razão ao técnico mais laureado do país com esta suspensão ignóbil, pútrida, fétida e, acima de tudo, ridícula. Não se vislumbra, nem com as lupas mais poderosas do planeta, um milímetro de verdade nos pronunciamentos

de Arnaldo Salvado. O homem disse, para quem quis ouvir, que um certo campo não reúne qualidades para receber partidas de futebol. Aliás, o que Salvado disse não é novidade. Semedo, quando esteve no Moçambola, fartou-se de falar da questão da qualidade dos campos. Mas nunca foi castigado.

Litos, técnico da Liga Muçulmana, também questionou a qualidade dos campos, mas nem sombra de castigo por parte dos homens da lisura. Se os outros não foram penalizados por pronunciamentos idênticos o que terá feito com que os homens da lisura tenham sido “tão zelosos” com Salvado? Que mais Salvado terá dito ao ponto de significar a gota que fez transbordar o copo da paciência dos homens da lhaneza?

Salvado disse que os homens da LMF não entendem nada de futebol. Uma verdade como um punho. Uma verdade atroz que souu como gancho de Tyson no rosto de Alberto Simango Júnior. Foi isso que mexeu com os homens da sapiência. Uma verdade. Um pecado no reino das Xiconhoquices de Alberto Simango Júnior...

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 90440, uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 2A8BBEFA) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.

O grito de socorro das mulheres apelando pela segurança na Polana Caniço “A”

A onda de criminalidade, as ameaças, o medo e a falta de segurança continuam a preocupar as mulheres do Polana Caniço “A”. As causas? Os muitos incidentes de assaltos e violação, a falta de iluminação nas ruas, o escasso patrulhamento da Polícia, e a proliferação das barracas e bêbados em quase todas as esquinas do bairro.

Texto & Foto: WLSA

“Os violadores e assaltantes são jovens do bairro que abusam do álcool e consomem drogas, depois atacam as mulheres, principalmente as raparigas que estudam de noite”, disse Oina Chiurre, moradora do bairro e membro da Associação das Vítimas de Violência Doméstica (AVVD).

Contudo, a onda de criminalidade regista uma ligeira descida, segundo activistas contra a violência no bairro. Dizem que no ano 2009 se verificava uma média de um assassinato por semana, e actualmente pode-se registrar um em cada dois meses.

Mas as mulheres vivem com medo, especialmente quando cai a noite nos becos do bairro de 45.000 habitantes.

Casos macabros

Chiurre disse que há criminosos que entram nas residências, violam e assassinam para não serem denunciados.

Um caso que ela conhece foi de uma rapariga que estava a dormir na sua casa. Os criminosos entraram, violaram-na e mataram-na com pau de pilar. Segundo Chiurre, noutro caso, um homem foi sexualmente violado na sua residência.

Para se protegerem dessa onda de violência, os moradores apostaram na patrulha, no policiamento comunitário e no uso de apitos para alertar os vizinhos caso sofram algum atentado.

Mas a patrulha composta de vizinhos e polícias não teve continuidade.

“Íamos ao posto policial mas não tínhamos como fazer a patrulha, porque a Polícia não estava disponível”, disse Chiurre. “Acabámos por desistir”.

Os chefes dos quartéis estão a reunir homens de novo para a patrulha mas esperam pela confirmação da Polícia para começar, segundo Madalena Cidália, presidente da AVVD.

O perigo de estudar à noite

Há cinco anos estuda de noite, e em cada dia que chega a casa viva é um graças a Deus. “Tenho medo de voltar sozinha, andamos sempre em grupo, este bairro é perigoso”, disse a estudante Aida*, de 19 anos.

“O que me deixa com mais medo é que a Polícia do bairro só vigia nos arredores do posto policial, e no interior, onde não há iluminação, a Polícia nem pisa”, acrescenta.

O medo também assola Carla*, de 20 anos, que estuda de noite: “Mesmo que eu saia cedo da escola, não posso ir para casa, porque tenho de esperar colegas para andar em grupo, essa é a única forma de nos precavermos”.

As jovens frequentemente são alvo de ameaças de violação. “Já fui ameaçada de ser violada enquanto eu estava dentro do quintal da minha casa, porque não aceitei conversar com um indivíduo”, conta Aida.



Para estar sempre actualizado sobre o que acontece no país e no globo siga-nos no [twitter @verdademz](#)

O corpo da rapariga estava amarrado juntamente com o amigo, vivo, que estava sem roupa. Dias depois, o suposto violador foi visto com as roupas roubadas e foi investigado. Segundo a polícia, está preso.

Mas a mãe da vítima e Cidália, que acompanhava o caso, recebem chamadas anónimas intimidatórias, provavelmente por terem denunciado o caso na imprensa.

Para Cidália, as chamadas começaram após ter falado da morte da jovem estudante da Escola Noroeste 1 num programa televisivo. “Depois do programa recebi mais de trinta chamadas. Quando ligam, querem marcar um encontro para resolver o caso mas não se identificam”, explica.

No início ligavam frequentemente, incluindo de madrugada, mas agora é menos frequente.

“Não sei até quando isto vai acabar. Se já mataram a minha filha, da forma mais cruel, não sei o que querem mais de mim”, lamenta a mãe da vítima.

Entretanto, as mulheres do Polana Caniço vivem com medo, limitadas na sua capacidade de movimentação nas ruas absolutamente obscuras onde o assalto, a violação e a morte espreitam em cada beco.

* Nome fictício

“No meu caso, foi porque não lhe dei cinco meticais”, disse Carla, estudante do curso nocturno.

“Eu não durmo antes de a minha filha voltar da escola”, lamenta Ernestina*, mãe de Carla. A jovem liga para a mãe logo que sai da escola para avisar que está a caminho.

Polícia apática

A indiferença da Polícia preocupa as mulheres do bairro.

“Vimos uma menina a ser agredida quando saímos da escola e corremos até a Polícia para pedir socorro. Os dois polícias disseram que não nos podiam atender porque estavam à espera de algumas pessoas que iam fazer denúncias,” lembra Aida. “Ficámos indignadas porque nós olhamos para a Polícia como nossa protecção”.

Há mulheres violadas e mortas em frente das suas residências, como a jovem rapariga atacada em Junho de 2012 ao voltar de uma festa com o namorado.

Em frente da casa, o namorado despediu-se. Então ela foi puxada para um beco a 30 metros da casa. Violaram-na, mataram-na, e meteram pedrinhas no sexo e na boca da rapariga. Os criminosos estão soltos.

“Tentámos de tudo, a Polícia não investigou. Não temos nenhum resultado até agora”, disse o irmão da vítima.

A dor de uma mãe

Com 18 anos, uma jovem estudante da 9ª classe na Escola Noroeste 1 foi passear com um amigo e nunca mais voltou.

Foi violada sexualmente e assassinada. O corpo foi encontrado perto da praia na noite de 27 de Setembro de 2012. “A minha filha despediu-se, disse que não demorava, só ia dar uma volta. Quando eram 16 horas comecei a ficar preocupada. Mas não tinha como perguntar, pois ela tinha deixado o celular em casa”, conta a mãe da vítima.

“Há insuficiência de polícias”

Entrevista à presidente da Associação das Vítimas de Violência Doméstica, Madalena Cidália

P- Porque é que decidiram criar esta associação no bairro Polana Caniço A?

R- Neste bairro acontecem muitos crimes, quase todos os dias ouvimos queixas de violência doméstica, sexual, e outros casos. Isso preocupou-nos e decidimos fazer campanhas e sensibilizar os moradores a não praticar a violência.

P- Quais são as causas desses crimes?

R- São várias: o consumo excessivo do álcool e drogas, a falta de iluminação no interior do bairro, e a fraca participação da Polícia no patrulhamento. Com 45 mil habitantes, há necessidade de se ter



uma esquadra e não apenas um posto policial. Há insuficiência de condições

de trabalho, são poucos polícias, não têm telefones nem viaturas. Já submetemos uma carta ao Ministério do Interior a pedir uma esquadra mas a resposta é que há insuficiência de polícias.

P- Onde se registam mais casos?

R- Por incrível que pareça, muitos casos registam-se próximos do posto policial, não sei porquê.

P- A Polícia consegue deter os criminosos?

R- Há muitas mortes e até hoje os criminosos andam soltos, nunca foram presos. Alguns que foram presos, pouco tempo depois foram soltos devido à insuficiência de provas.

**Vasco Mainga**, chefe de quarteirão 12

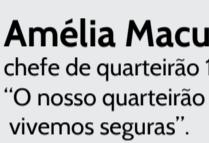
"O nosso bairro não tem muitos problemas, só temos medo dos ladrões. Nem podemos dormir com janelas abertas no Verão, como antigamente".

**Catarina Albino**

"Depois das mortes que já aconteceram aqui, temos medo de sair à noite. É perigoso".

**Justino Chilengue**

"Não há idade para ser violado. Qualquer um está em risco, inclusive homens. Deve-se fazer patrulha para nos protegernos".

**Amélia Macuculi**

chefe de quarteirão 13

"O nosso quarteirão não tem problemas, vivemos seguras".

**Mateus Manuel**

"Muitas coisas acontecem aqui no bairro. Os assaltos acontecem principalmente em ruas e becos sem iluminação".

Anita Macasse

"Eu já disse às minhas filhas para não saírem à noite porque é perigoso. Está cheio de ladrões. Mas elas pensam que é brincadeira porque ainda não foram assaltadas".

No posto de Saúde

Entrámos ao posto de saúde por volta das 19 horas. O banco de socorros está estranhamente vazio.

"Ainda estão a beber, é cedo para as brigas começarem," explica uma servente.

A jovem enfermeira, provavelmente uma estagiária, bonita e bem arranjada, cabelo e maquilagem impecáveis, está absorta numa telenovela. O volume está tão alto que não consegue ouvir uma jovem mãe com um bebé doente nas costas a bater a porta das consultas.

Pergunto à enfermeira se ali administram a profilaxia post exposição (PPE) em casos de violação sexual.

"Não, mando ao Hospital de Mavalane," responde.

"Aqui fazem, sim," disse Cidália.

"Eu não sei nada disso," replica a enfermeira.

Na parede ao lado da TV está colado um cartaz, de um metro de comprimento, com informações sobre o PPE. Ao lado, numa folha de papel, escrito à mão, o PPE contra ITS para crianças.

"Obviamente alguém administra estes medicamentos aqui", digo.

A enfermeira olha pra mim sem interesse e continua a seguir a novela.

Enquanto espera, converso com a jovem mãe. "A partir das 22 ou 23 horas, não podes sair às ruas, tiram-te a pasta, tiram o telemóvel, esfaqueiam-te, violam-te, não dá para chegar até o hospital à noite sozinha", disse. A sorte dela é morar na rua principal, Costa do Sol, que tem bastante iluminação.

As ruas da morte

A via de acesso ao bairro é bastante movimentada e com muitos carros e transportes semicollectivos a circular. Há ruas pavimentadas que cruzam o bairro, aonde também chegam os transportes semicollectivos, mas a maioria é de terra batida. Aqui a circulação faz-se sobretudo a pé, embora em certas zonas haja espaço suficiente para a passagem de viaturas, quase sempre privadas, de moradores.

Duas vizinhas acompanham-nos numa caminhada pela zona perto da esquadra. Depois de abandonarmos as vias principais, asfaltadas, já não há iluminação pública. A luz, fraca, vem das casas, das varandas ou escoa-se pelas janelas. Depois das 9 ou 10 horas da noite, quando os moradores se recolhem para dormir, as lâmpadas são apagadas. Depois dessa hora, a circulação no bairro é muito perigosa. "A partir das 21 horas, se acabou o Credelec, paciência, que fazer, uma mulher não sai de casa sozinha", disse Cidália.

Os únicos locais que continuam abertos são os de venda de bebidas alcoólicas ("barracas").

Uma *mamana* vende bolachas e refrescos numa lojinha, por trás de grades. Ela é a mãe da jovem violada e assassinada em 2012. Mostram-me o quintal da casa, a 25 metros da lojinha, onde acharam o corpo. "Como foi que os moradores da casa não ouviram nada?", espanta-me.

Na próxima rua, Oina Chiurre conta que dois dias atrás, um jovem tentou arrastar uma rapariga para dentro de uma obra inacabada para violá-la, mas ela conseguiu escapar. No dia seguinte identificou o agressor. A população queria linchá-lo com pneu e gasolina, mas acabaram por levá-lo para a esquadra.

Caminhámos mais 50 metros até ao "Bar do Veneño", assim chamado porque os moradores acreditam que ali envenenam pessoas que mais tarde vão morrer nas suas casas. Mais 20 metros, numa barraça pequena, um polícia fardado a beber. Fica incomodado quando nos vê e sai atrás de nós.

Passear à noite no Polana Caniço é como entrar num mundo totalmente diferente do que se vive durante o dia, quando as pessoas circulam, as crianças brincam e os vizinhos se sentam cá fora a apanhar fresco e a conversar. A noite, com a sua escuridão, é feita de incertezas e de medos.

"Não entro nestas ruas quando estiver escuro, nem pensar!", disse o taxista que me leva até Polana Caniço. "Não tanto pelo carro, que está protegido por tracking via satélite, mas pelo mal que te fazem. Sais ferido ou morto. Este bairro não dá".

Internet ajuda a controlar a violência nas ruas

Sabia que se pode combater a violência e insegurança nas ruas através das novas tecnologias de informação e comunicação como a Internet? Pode sim, através de websites que ajudam as mulheres a denunciar e acabar com a violência nos bairros, escolas e outros locais.

É o caso da HARASSMAP.org, uma ferramenta criada no Cairo, capital do Egito, para denunciar e combater o assédio sexual nas ruas.

As mulheres denunciam anonimamente as suas experiências de assédio sexual na rua. Um mapa reúne as denúncias e visualiza onde o assédio acontece. O Harassmap também proporciona assistência jurídica e psicológica às vítimas nos casos mais graves.

Para reduzir a insegurança nas ruas, o Harassmap trabalha com voluntários da comunidade, treinados neste assunto, que saem uma vez por mês às ruas para educar e convencer os vizinhos a intervir contra o assédio sexual. Falam sobretudo com as pessoas que trabalham nas ruas, como vendedores, *chapeiros*, polícias e porteiros nos cafés.

Quando termina a formação, estes comprometem-se a intervir quando ocorrer um caso de assédio na sua zona. Levam um colante "zona livre do assédio" para colocar nas suas lojas ou bancas, criando assim um espaço de segurança para as mulheres.

Saiba mais em: <http://harassmap.org/en/>

A Hollerback ("gritar de volta") é uma rede internacional contra a violência sexual que actua em 25 países para denunciar e pedir socorro através de SMS, e-mail e redes sociais. Nos sites locais do Hollerback, as mulheres podem registar os incidentes anonimamente, partilhando as suas vivências de assédio. Também se faz uso do mapa montado a partir dos testemunhos das mulheres por SMS ou por telefone para ilustrar os lugares e a frequência dos assédios.

Saiba mais em: [www.dw.de/berra-de-volta-mulheres-combatem-ass%C3%A9dio-sexual-com-ajuda-da-internet/a-16702340](http://berra-de-volta-mulheres-combatem-ass%C3%A9dio-sexual-com-ajuda-da-internet/a-16702340)

São várias as formas de assédio que podem ocorrer na rua:

- Tocar
- Vaiar
- Cobiçar
- Fazer comentários sexuais
- Perseguição
- Telefonemas,
- Exposição indecente
- Convite sexual
- Expressões faciais que sugerem intenções sexuais
- Atenção indesejada
- Exposição de fotos com carácter sexual
- Estupro ou abuso sexual
- Tortura psicológica
- Ataques em grupo



ALERTAR
A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade
SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634


 O Jornal mais lido em Moçambique.

É perigoso ter cães e gatos não vacinados

Celebra-se, a 28 de Setembro em curso, o Dia Mundial Contra a Raiva. Entretanto, milhares de pessoas não sabem que os cães e gatos, e porque não as aves?, devem ser levados ao veterinário logo que são adquiridos pelos novos donos a fim de serem vacinados contra as seguintes doenças: raiva, cinomose, parvovirose, corona-virose, newcastle, dentre outras que podem ser fatais em caso de algum contágio humano.

Texto: Redacção • Foto: iStockphoto

Nas direcções provinciais da Agricultura de Maputo, Inhambane, Nampula e Niassa, os municípios podem vacinar os seus bichos contra a raiva, das 07h:00 às 15h:30, a um preço muito baixo, mas nas veterinárias privadas o custo é a partir de 100 meticais.

A raiva é uma doença mortífera, provocada por um vírus que atinge quase todos os mamíferos, afecta o sistema nervoso e é transmitida pela saliva no acto da mordedura. Trata-se de uma doença caracterizada por uma paralisia da laringe, faringe e músculos da mastigação, seguida por uma depressão, coma e morte por paralisia respiratória na sua fase aguda. A forma de prevenir este mal é a vacinação de cães e gatos. Se alguém for mordido por um destes bichos deve lavar o local atingido com bastante água e sabão e dirigir-se a uma unidade sanitária para ser observado.

Cinomose é uma doença, também, causada por um vírus altamente contagioso, e afecta igualmente cães de todas as idades, sobretudo as crias não vacinadas entre a 6a e a 12a semana de vida. Esta enfermidade é transmitida através das secreções corporais como saliva e descargas nasais que posteriormente infestam o ambiente. O animal infectado deve ser mantido isolado para evitar o contágio.

A parvovirose é uma virose cuja transmissão ocorre por via do contacto com fezes de animais infectados ou ambientes frequentados por cães e gatos. Trata-se de um vírus altamente contagioso e resistente, e pode manter-se infectante durante meses no ambiente.

A doença de newcastle infecta aves, domésticas e selvagens, e é também altamente contagiosa. Ela é endémica em vários países do mundo e pode acometer galinhas, perus e patos, embora sejam consideradas aves mais resistentes.

Há falta de informação em Inhambane

Amâncio Elias, técnico de veterinária e delegado de pecuária na cidade de Inhambane, considera que “as pessoas só se assustam quando estão diante de um caso evidente de raiva no ser humano. Muitos criadores de caninos negligenciam a vacinação dos seus animais, ou não conhecem a importância disso”.

À nossa Reportagem, o entrevistado disse que falta informação numa cidade onde muitos cães andam à solta, chegando a criar pânico e mordeduras, particularmente quando se está em período de cio. O cão é um animal tendencialmente de guarda, e, por isso, deve viver em cativeiro sob forte controlo do seu tutor. Contudo, nem sempre essa obrigatoriedade é observada, levando a que muitos animais se tornem praticamente selvagens, principalmente nos bairros ainda por urbanizar. Mas não é só aqui onde a ameaça é patente à noite. Na cidade, também, e nos bairros urbanizados, podemos ser confrontados com um grupo de caninos a andar à vontade e a ameaçar os transeuntes.

Houve tempo em que o município de Inhambane desancadeou uma campanha de abate dos inoportunos caninos. Uma campanha que ficou mais nos avisos do que na acção porque os animais prevalecem e os municípios continuam a reclamar sem nada poderem fazer. Outros ainda enveredam pelo envenenamento dos bichos que chegam a invadir os seus domicílios, defecando nos quintais ou mesmo devorando panelas de comida.

O mais grave, porém, é não se saber se os potenciais atacantes



nocturnos estão ou não vacinados. O cão torna-se mais agressivo à noite e se sofrermos uma mordedura de um animal doente, o risco de morte é enorme. É por isso que os serviços de veterinária estão a desenvolver acções de sensibilização junto das comunidades, para levarem os seus animais à vacinação no próximo dia 28.

“Importa referir que este acto não só será efectuado naquele dia, como noutras subsequentes. Aliás, nós temos vindo a realizar este trabalho regularmente; estamos abertos a todo o momento para os interessados que tenham os seus caninos a precisarem de vacina. O dia 28 é simbólico, mas o nosso trabalho é permanente”.

Os animais devem ser vacinados

De acordo com o programa traçado para esta data, haverá vacinação nas escolas primárias 1º de Maio, Nhapossa e na Clínica de Chamane. “Queremos ainda recordar que os animais devem ser vacinados anualmente para a sua protecção e protecção dos seus donos, porque o cão com raiva não olha para a sua vítima, ataca qualquer pessoa”.

O maior perigo que correm os cães que andam à solta, como consequência da falta de cuidados nas casas dos donos, reside no revolver do lixo onde pode haver disputa sobre um determinado alimento. “Nessa luta eles podem moder-se e um dos animais em peleja pode ser portador de raiva. Sendo assim, o outro que é são vai provavelmente contrair a doença e levá-la para casa, com todas as consequências que daí podem resultar”. É perante este quadro que Amâncio enfatiza a necessidade de se levarem os animais ao tratamento.

“Existe ainda muita gente que não sabe da necessidade de levar os gatos e os macacos domesticados à vacinação. Estes bichos também podem transmitir, através de uma mordedura, o veneno mortal ao ser humano. Apelamos as pessoas que tragam também esses animais para serem tratados”.

Em 2012, a cidade de Inhambane vacinou 842 cães e até semana passada já tinham sido submetidos a este processo 350 caninos, um número considerado razoável embora não se conheça com exactidão a quantidade destes animais.

O caso insólito de Zavala

Há quatro anos, Zavala registou um fenómeno estranho. Os coqueiros estavam a ser atacados por morcegos, que inoculavam o seu veneno até níveis preocupantes. Muitas dessas árvores perderam completamente a vitalidade e as estruturas distritais, perante este drama, desencadearam uma campanha de abate dos notívagos, que resultaram numa autêntica chacina. Só que os autores do “massacre” esqueceram-se de um pormenor extremamente importante: não enterraram os animais, tendo-os deitado na lixeira onde foram devorados apetitosamente por cães.

A Ciência já provou que os morcegos são portadores de raiva e quando os caninos os comoram, tiveram automaticamente acesso a essa patologia, tendo-se virado contra o homem que tinha abatido os morcegos. Houve relatos de várias mordeduras perigosas e o remédio foi abater todos os cães que aparecessem à solta.

Maputo não é exceção

À semelhança de Inhambane, na capital do país é notório o número de cães e gatos que pululam de forma desregrada. Porém, não se sabe se esses bichos foram ou não vacinados. Em Maputo, alguns municípios vacinam os seus cães e gatos na veterinária Ibavet, onde cerca de 98 por cento de animais tratados são caninos e contra a raiva. Neste contexto, no dia 28 de Setembro, haverá uma campanha de vacinação na Escola Secundária Zedequias Manganhela, no distrito Municipal KaMubukwana. O tratamento é gratuito.

Segundo o médico veterinário da Ibavet, Pulquério Rodrigues, uma vacina contra raiva custa 100 meticais e uma vacina multipla é vendida a 300 meticais. Ele apela aos criadores de aves para que vacinem os seus animais com vista a evitarem contrair newcastle e outras viroses fatais.

A Assembleia Municipal de Maputo aprovou, em 2009, uma documento denominado “Postura Municipal sobre Cães e Gatos”, um instrumento que, dentre outras medidas, bania a circulação de caninos raça doberman, rottweiler e pit-bull na urbe devido à sua perigosidade, pois mesmo quando estiverem domados podem, subitamente, rebelar-se e atacar pessoas, inclusive os seus donos. Entretanto, o que se observa é o contrário. Quantos cães desses vagueiam por aí com os donos?

Vacinados mais 16 mil caninos contra o vírus “esgana”

O sector de pecuária na Direcção Provincial da Agricultura (DPA) em Nampula indica que vacinou, de Janeiro a Agosto do ano em curso, 16.734 cães e um gato contra o vírus “esgana”. Em igual período do ano passado foram submetidos ao mesmo tratamento 10.113 caninos, 777.348 aves contra a doença newcastle e 39.907 bovinos contra a dermatose nodular.

Em 2012, 500 cães morreram devido ao vírus de “esgana”. Esta é uma doença altamente contagiosa e, apesar da vacinação, ainda continua a haver casos isolados desta enfermidade. De acordo com o médico veterinário na DPA, Manuel Ambari, controlar o vírus em alusão é uma tarefa difícil porque a sua contaminação acontece a partir do contacto directo entre cães infectados. O vírus está presente na zona das narinas e no corrimento ocular.

Para vacinar os cães contra o vírus “esgana”, os proprietários devem comprar os antídotos denominados vacinas multiplas, que custa 300 a 400 meticais. A aplicação pode ser feita por um técnico capacitado para o efeito. Os municípios podem ainda dirigir-se aos serviços veterinários da DPA ou à MEDIMOC se as outras unidades veterinárias estiverem longe dos seus domicílios.

Prevenção e tratamento

A prevenção dessa doença consiste em preservar o canino dos agentes nocivos, mantendo-o em espaços limpos, especialmente antes das primeiras vacinas. Os cães devem ser vacinados com cerca de oito a 10 semanas de vida e revacinados anualmente com doses de reforço. Mas compete ao veterinário estabelecer um programa para o efeito. A vacinação de animais contra a raiva custa 10 meticais na DPA e na edilidade de Nampula.

A DPA no Niassa refere que nos últimos dois anos, das 2.430 pessoas mordidas por cães, pelo menos seis pessoas perderam a vida devido à raiva. Ao longo deste ano houve 442 casos de mordedura e um óbito. Foram vacinados mais de 2.000 cães nos municípios de Lichinga, Cuamba, Lago e Marrupa, onde o problema é considerado alarmante.

Os clientes da EDM merecem um tratamento digno

Os citadinos de Nampula, Nacala, Maputo e Matola são apenas um exemplo dos milhares de moçambicanos que são sujeitos a dissabores pela empresa Electricidade de Moçambique (EDM) no acto do provimento de energia. É que, para além de serem privados do consumo de corrente sem um aviso prévio, os seus electrodomésticos avariam devido a oscilações que tendem a agravar-se cada dia que passa. O problema é maior do que se pode imaginar, pois até para comprar CREDELEC é outro bico de obra

Em Nampula e em alguns bairros da capital do país os cortes sistemáticos de energia eléctrica deixam dúvidas de que aquela empresa esteja a trabalhar na melhoria da rede de abastecimento. São transtornos atrás de transtornos e diversos aparelhos danificados e em poucos casos os donos são indemnizados, o que leva os clientes a concluir que a qualidade dos serviços e a energia fornecidas são baixos e longe de corresponder às expectativas.

Aquando da introdução do sistema de venda a crédito (pré-pagamento) de electricidade, vulgo CREDELEC, a firma estabeleceu que o serviço visa, dentre outras vantagens, "fortificar a boa relação EDM/cliente" e "eliminação de corte no fornecimento de energia por atraso/falta de pagamento". Todavia, isso ainda não passou do papel para a realidade. A empresa não cumpre estas nem outras medidas.

Nas urbes de Maputo, Nampula e Nacala, a ineficiência da funcionalidade dos aparelhos instalados para prover recargas de CREDELEC chega a deixar os consumidores com os nervos à flor da pele. Nos postos de venda os utentes ficam horas a fio, além de serem destratados. Alguns consumidores consideram que existe uma má distribuição dos postos de venda nas cidades de Nampula e Nacala, o que está na origem das enchentes. Por exemplo, em Nampula funcionam seis lojas localizadas em diferentes bairros da urbe.

Na sua ronda pelos postos de venda de energia, o @Verdade constatou que no Sipal e na sede da EDM, ambos localizados ao longo da Avenida de Trabalho, no Piquete, sito na Rua dos Combatentes, havia gente enfileirada acotovelando-se para comprar energia. Todos os dias, nas manhãs sobretudo, é assim, pois em cada lugar de comercialização só funciona um computador, que é deveras lento no processamento.

Nos postos de venda localizados nas avenidas Paulo Samuel Kankhomba e 25 de Setembro, nas imediações da Universidade Católica de Moçambique, em Nampula, nos bairros de Poeta, (vulgo bombeiros) e nas FPLM, as enchentes acontecem à tarde, apesar de o horário de funcionamento ser das 08h:00 às 22h:00, incluindo aos fins-de-semana.

Estes problemas devem-se, em parte, à instalação de locais de venda sem ter em conta o número de habitantes por cada zona. Os clientes da EDM em Nampula queixam igualmente do facto de ficarem dias às escuras devido a cortes sistemáticos. O sistema online de venda de energia é ineficaz. Madalena Alfredo, por exemplo, adquiriu uma recarga de CREDELEC no Sipal, sofreu descontos desnecessários das taxas de lixo e rádio mais de uma vez num mês e nunca foi reembolsada, apesar da reclamação apresentada à empresa. Carlos Momade já foi também vítima do mesmo erro.

Em Nacala-Porto, a situação é mais crítica. As longas bichas são frequentes e insuportáveis nos postos de comercialização de energia eléctrica. Há relatos de corrupção à mistura, ou seja, alguns clientes subornam os vendedores para serem atendidos sem passarem pela fila. Segundo os utentes, este caos deve-se à insuficiência de lugares de venda e ao horário (das 08h:00 às 15h:30) inadequado fixado pela nova direcção da EDM.

Numa cidade em franco desenvolvimento como Nacala-Porto existem apenas cinco postos de venda de energia eléctrica, nomeadamente a EDM sede, um posto na zona baixa sob gestão de um privado, outros dois na área alta da urbe - um dos quais nas bombas de combustível de um empresário -, e a quinta instalação localiza-se no bairro Mahuca. Nestes sítios, os funcionários não têm dô: quando forem 15h:30 encerram as portas, mesmo havendo clientes.

Os citadinos daquela cidade responsabilizam o novo director da EDM, Caetano Mondlane, pelo mau serviço prestado. Contactado pelo nosso Jornal, o visado desdramatizou a situação. Ele disse que há interesses pessoais nisso e acusou um empresário da praça de ser o fomentador das reclamações em questão.



"Temos cinco postos mas não constitui verdade que os mesmos não respondam à demanda porque nas manhãs ficam às moscas. As pessoas têm o hábito de se dirigir aos sítios de venda no final da tarde. Alguns consumidores que se acham de elite não se querem misturar com pessoas pacatas, usam todos os meios ao seu alcance para denigrarem a imagem da instituição, e são indivíduos identificados", justificou Mondlane sem mencioná-los.

Para justificar a inoperância narrada pelos municipes, o nosso entrevistado disse que afastou os funcionários que estavam afectos a três postos de venda geridos pela EDM alegadamente porque eram da confiança do antigo director, Carlos Jossai, a quem supostamente canalizavam os dois porcento do valor da receita que é atribuído aos proprietários das lojas que operam em estabelecimentos privados.

Relativamente ao horário, Mondlane explicou que somente os lugares geridos pela sua empresa obedecem ao horário da Função Pública. Os restantes encontram-se abertos 24h. "O que nos preocupa é reduzir os cortes no fornecimento de energia eléctrica, expandir a rede aos bairros e não a venda de energia porque, apesar de tudo o que se fala sobre Nacala, ainda tem o estatuto de um distrito".

Refira-se que a cidade de Nacala-Porto conta actualmente com cerca de 30 mil clientes, 80 por cento dos quais usam o CREDELEC.

Uma empresa que dá dissabores

Que há bastante tempo a EDM brinda os seus clientes com cortes sem informar com antecedência já é sobejamente sabido. O que é novidade é que a mesma empresa tenha vergonha de vir a público responder pelos seus actos.

Entre a semana passada e esta - não importa a exactidão dos dias - o @Verdade dirigiu-se às instalações daquela empresa, sitas da Avenida Agostinho Neto, em Maputo, para perceber as motivações que estão na origem das enchentes nos postos de venda de CREDELEC e da inoperacionalidade de algumas máquinas em diversos pontos da capital do país e fora, sobretudo o que diz respeito ao cortes frequentes, o que não foi possível devido à burocracia instalada, à semelhança do que acontece noutras instituições do Estado.

Ao nosso jornalista foi sugerido que contactasse o Departamento de Relações Públicas a fim de obter esclarecimentos sobre o assunto em questão. Entretanto, no local, as pessoas supostamente indicadas para o efeito informaram, depois de tantas voltas, que era preciso submeter uma carta de pedido de entrevista, a qual não enviamos porque a EDM não pode, de forma nenhuma, burocratizar uma informação de interesse público.

Os gestores da EDM, cuja vocação é prover regularmente energia aos seus clientes, não sabem que dor acomete um cidadão cujo electrodoméstico, comprado com tanto sacrifício, foi danificado por causa de uma oscilação de corrente eléctrica, não sendo resarcido por esse estrago. Eles não sabem ainda que sofrimento sente alguém que, de repente, fica privado de energia quando sabe que recarregou o contador.

Caros leitores

Pergunta à Tina... Porque é que depois de fazer sexo com oito mulheres ainda fracasso?

Olá leitores queridas e queridos acompanhantes da coluna. Uma das perguntas que vou responder hoje tem a ver com a higiene íntima depois das relações sexuais. A primeira coisa que gostaria de clarificar é que mesmo sendo importante manter os aparelhos genitais (vagina, vulva, pénis) limpos sempre, a higiene não é suficiente para evitar as infecções de transmissão sexual, por exemplo. As infecções são doenças, e a água não é suficiente para curar. Por isso, mantenham-se sempre limpos mas, acima de tudo, tentem evitar as infecções de transmissão sexual usando sempre o preservativo. Esta coluna responde a dúvidas sobre o assunto; por isso, enviem perguntas através de uma mensagem

Enviem-me uma mensagem através de um sms para **90441**
E-mail: **averdademz@gmail.com**

Olá. Tudo bem? Tenho uma dúvida. Como me devo lavar depois de uma relação sexual sem protecção? Aguardo a resposta.

Olá minha querida. Hmm... bom, como responder à tua questão? Será que queres saber como fazer a limpeza para evitar infecções? Pelo que sei, a limpeza íntima deve ser diária, portanto todos os dias, usando água limpa e sabão (de preferência neutro), devemos manter a vulva e os pequenos e grandes lábios limpos. Depois das relações sexuais, convém também lavar da mesma maneira, não é diferente. Muitos médicos ginecologistas dizem que não é aconselhável inserir duches ou outro tipo de objectos no canal vaginal para fazer lavagens, porque isso pode reduzir a protecção deste órgão das infecções. Agora, o importante é que saibas que a lavagem após as relações性 não reduz a probabilidade de contraíres qualquer infecção. A única forma de evitar a transmissão de infecções é usando o preservativo. Aconselho-te também a conversas com um/a médico/a ginecologista para que este/a te dê informações correctas. Boa saúde.

Olá Tina! Tenho 23 anos. A minha vida sexual começou quando eu tinha 15 anos. Era tudo maravilhoso! Mas tudo mudou há três meses! Foi numa noite quando transei com uma amiga. Da primeira vez correu bem! Da segunda é que foi um pesadelo, isso porque o meu pénis ficou bem duro mas, na hora de penetrar, ele amoleceu! Tentámos mais de três vezes, e deu o mesmo! Na semana seguinte, veio a minha namorada! Aí é que foi o pesadelo de verdade. O meu pénis ficou erétil, mas na hora do show amoleceu. Foram várias tentativas, e nada conseguimos! Eu, ainda curioso, tentando entender o meu problema, tentei com umas oito mulheres diferentes, a última na semana antepassada! E sempre fracassei! Quando muito, consigo uma vez e ejaculo com o pénis semi-ereto! Já tentei masturbar-me, consigo ejacular, mas com o pénis semi-ereto! Por favor, ajude-me! Você não imagina a vergonha que tenho dos meus fracassos! Abraços. Silva.

Eh, a tua história é muito longa, e tenho pena que não tenhas enviado esta pergunta logo depois do primeiro incidente. É que, ao tentares com outras raparigas, eu não sei se te lembraste, primeiro, do teu compromisso com a tua namorada e, segundo, se te lembraste de usar o preservativo, meu querido! Embora esteja a causar-te muita frustração, eu não creio que o teu problema seja grave e sem solução. Primeiro, sugiro que evites ao máximo ter múltiplas parceiras, pois colocas em risco a tua e a saúde das pessoas com quem te envolves. Segundo, acredito que a tua fraca ereção pode estar a ser causada pela frustração de não teres conseguido a primeira vez. A literatura diz que a fraca ereção e a ejaculação precoce podem ser causadas, principalmente na tua idade, por razões psicológicas. Quando acreditamos que não conseguimos, acabamos por não conseguir mesmo. Eu acho que deves relaxar. Na tua idade não é comum a impotência ou outros problemas sexuais. Sugiro também que deixes de tentar com várias pessoas, e procures concentrar-te em reduzir a tua ansiedade e o nervoso que te causa o medo de falhar. E também, usa sempre o preservativo! Boa saúde.

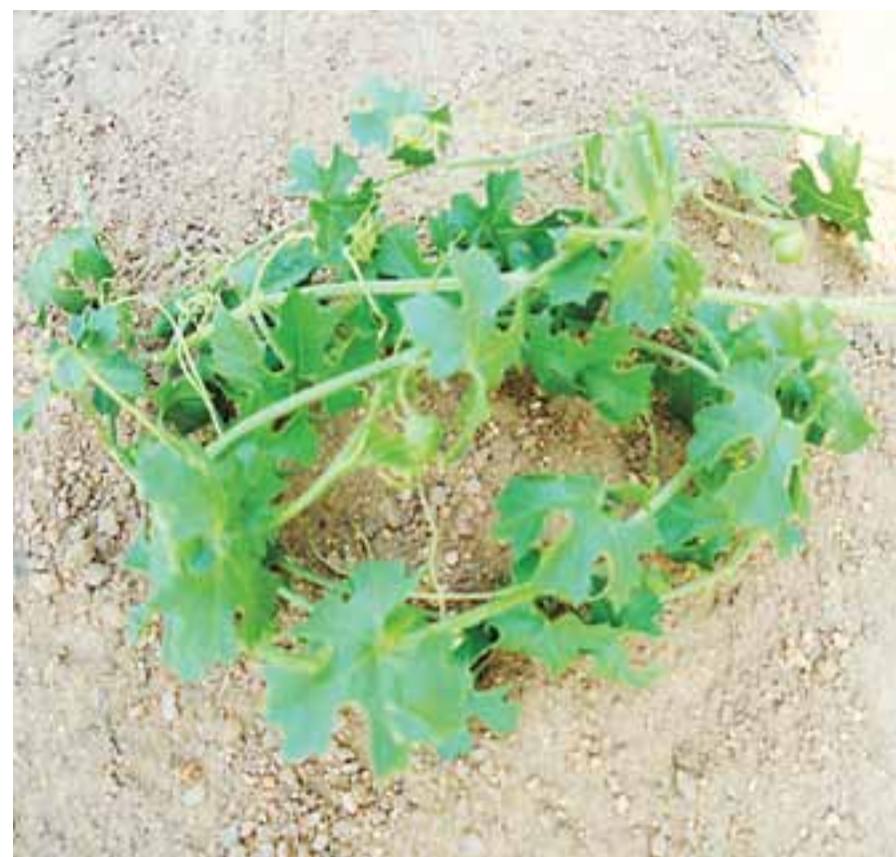
Não existe nenhuma doença cuja prevenção se faça atando cacana no corpo

Na passada quarta-feira, 18 de Setembro em curso, os municíipes de Xai-Xai, Chókwè e Chibuto, na província de Gaza, acordaram em pânico, pois espalhava-se um rumor dando conta da existência de uma doença contagiosa na região. Ao certo ninguém soube dizer o nome da referida enfermidade cuja prevenção ou tratamento era feito atando, em alguma parte do corpo, o caule de uma planta vulgarmente conhecida por cacana.

Texto: Redacção

De pessoa a pessoa, circulava uma informação segundo a qual a doença poderia ser transmitida pelo simples facto de se estar próximo de um infectado. Desesperados e sem saberem com quem, onde, quando e como começou o suposto "vírus", os cidadãos recorreram a ramos de cacana e ataram-nas na perna ou no braço como forma de evitar o contágio. Alguns citadinos de Maputo também recorreram à cacana para se precaverem.

Sem consultar nenhum agente de saúde, os populares deram início a uma desenfreada busca de ramos da planta em causa. Conta-se que nos lugares onde era habitual encontrar esse vegetal, por sinal comestível, esgotou rapidamente. Por conseguinte, houve oportunismo na medida em que os vendedores começaram a aplicar preços exorbitantes, dos quais poucos se queixam porque a finalidade era estar isento da doença.



Nessa mesma quarta-feira, as autoridades de saúde da província de Gaza iniciaram uma averiguação com vista a apurar-se o que poderia estar a acontecer. O médico chefe daquele ponto do país, Bertul Alface, disse à Rádio Moçambique que após uma ronda por todas as unidades sanitárias da cidade de Xai-Xai e alguns bairros chegou-se à conclusão de que tudo não passava de um boato.

"Contactámos os distritos e não há registo de nenhum caso de doença estranha ou morte estranha nas nossas unidades sanitárias que deva preocupar a população. Neste momento as nossas unidades sanitárias estão num ambiente calmo, não há agitação, os funcionários estão a trabalhar normalmente".

Na sexta-feira da mesma semana, o Ministério da Saúde (MISAU) emitiu um comunicado de Imprensa a reiterar que a alegada doença "estrana" e contagiosa cuja prevenção recomenda o uso de ramos de cacana, em jeito de laço, em algu-



Para estar sempre actualizado sobre o que acontece no país e no globo siga-nos no **twitter @verdademz**

ma parte do corpo, não existe. A instituição assegurou, também, que "o que tem estado a acontecer na província de Gaza, e agora em Maputo, não passa de boato".

O MISAU disse que efectuou uma avaliação aturada da situação de saúde no país e das ocorrências nos hospitais, mas não foi encontrado nenhum registo de doença estranha e que exija o recurso à planta da canana para a sua prevenção.

"Assim, comunica-se a todos os cidadãos que esta informação não passa de rumores e boatos. Neste contexto, apela-se ao público em geral para que se mantenha calmo e que em caso de manifestação de doença de qualquer natureza se dirija à unidade sanitária mais próxima".

Sergius Quim Macamo Depois de 2013 anos, satanas decide manifestar-se no mundo pedindo a todos homens a amarem-se o sinal da sua condenação. Nos ultimos dias terá havido discussão entre satanas e DEUS, queria cada um saber quantos membros tem no mundo, e pork Deus conhece... · 20/9 às 20:01

Maiken HenriQue Acácio segund jnforções dzem k as coisas da terra pertencem à Deus. +pra mijm... as cenas da terra pertencem aos Satânnas!!! · 20/9 às 20:53

Litos Aly Abobakar Uke?????satanas discutir com deus????porras vozes xao xegos d verdad... olha satanas nao tem nenhuma capacidau ou puder pra discutir com deus... e pexo para vozes pararem d dizer. k jesus e deus Ixo pork e mentira jesus nunca foi deus e nunca sera ixo pork deus e unico e xem parceiros e nem imagenx.... penxem bem jesus nao e deus deus e akeli k criou o adao,eva,jose,davi ate o jesus e a nos...nunca mas digam k jesus e deus...deus ja mais ficaria no ventre duma mulher durante 9 meses... e xe ele e deus kuando xtava no dentro do ventre da maria kem comandava o mundo? xe ele nao existia... kal ker duvida a respeito do meu comentario contactame: litosmario0@gmail.com ou 867458099 ou 845152647... Jusus e apenas um menxaveiro d deus k foi enviado pra guiar as ovelhas perdidas do izrael ou seja foi enviado pra guiar o povo do israel... ou percebam uma coisa jesus diz aos seus decíplos k kuando krem rezar digam pai noxo k xtas no xeu... acham k ele diria pai noxo k xtas no xeu sabendo ele era

deus??? e ele nao e filho de deus pois deus nao gerou e nem foi gerado ou seja nao tem filho e nem ele e filho de alguém... · 20/9 às 21:24

Osvaldinhu Maria Que comentário triste e feio... Não usem o nome de Deus nas vossas parvoices sem sentido · 20/9 às 21:49

Victor Sebas Guivala As pexoas pensam k amarando um fio d cacana pode prevenir doenças? Em moz ha mta ignorancia mesmo · 20/9 às 21:45

Maiken HenriQue Acácio é o maior fracaço do negro... kuand sente-s doent kualkr medicamnt k lh é atrbuid é cpaz d tomá-los,é pr iSo k tem s regstad taxa elevada d hóbijos a raça negra...é smpr a§im! · 20/9 às 20:43

Sergio Frank Chissembo Rogovos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não sede conformados com este mundo, mas sede transformados pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus. Romanos 12.1-2 · 20/9 às 20:06

Helder Marrenjo dar ouvido a esses boatos diabólicos é envergonhar cristo k morreu por nós levando tdas estas infernidads e até as piores k ainda vem por ao mundo, salverse-a o obedient ns olhos d cristo e o contrario para o contrario.a paz d cristo · 21/9 às 8:53

Stelio Chau Outra coisa precisamos d procurar entender e analizar, amarando cacana uk altera no organismo???????? · 20/9 às 20:01

Antonio Carlos Pinto Ferreira So e pena nao prevenir a falta de juizo. · 20/9 às 23:36

Salvo Chirindza Uma coisa é certa, se for para morrermos todos, vamos morrer sem negarmos! · 21/9 às 4:50

Amade Amavil A boatos piores k ate agora temos em mente e acreditamos

Aderito Conceicao Em Africaa n geral, acrditaxe cegament em faktos metafísicos, sem nenhuma xplicacao causa/efeito ao ponto d torna-los mentalmente reais e capazes d mudar comportamentos individuais ate sociais. Acrdtar cegament k algo existe e agir em funcao dexa crenca mxm sem nenhuma xance d prova material n paxa do que se chama Efeito Placebo. · 21/9 às 0:36

Celso Paulo Cossa Todos anos tem seus mitor entao pork nao exe ,esperavamos disso pork em moz ja é anbito essas coisa. · 21/9 às 0:19

Estencia Carlos Mathul Os cristaos estao na proteccao divina · 20/9 às 23:04

Amelia Ngoca Quando é k aspira o praso cacana sera k é para vida enterna? Sera k mano guebas tambem amarrou fio da canana?? · 20/9 às 22:31

Valter Miguel Outras pessoas pensam como pulgas alguma vez o verão trouxe doenças que para a sua prevenção éatar o caule da cacana. · 20/9 às 22:27

Aminosse Jorge Zavale Isso é boato Afilosofia d Deus nao é d usar linhas ne remedios por isso nao se pd amarar cacana. · 20/9 às 22:16

Paulo Isaias Macanze + quem foi a primeira pessoa a tirar isso pela boca, e o que lhe fez a tirar pork logo pensou na cacana e nao noutro tipo de planta pork disse k era apenas amarar e nao fervar e tomar a propria agua de cacana pesso as respostas por favor amiguinhos. · 20/9 às 21:50

Hernani Novunga outas coisas. eu ouvi mas nem liguei. da morte ninguem foge. todos iremos partir um dia. · 20/9 às 21:49

Jose Pina Sampaio Gingir Quando nos acreditamos em algo tudo funciona. Tamos doentes e pensamos que em algum momento qual planta nos cura · 20/9 às 20:26

Candido Americo Joaquim Quer dizer, viver sob ameanxas ja é vicio em Moz. Enquanto as coisas estiverem calmas, pessoas procuram maneiras de se preocuparem. Mas que coisa! Alhás onde fica a ciencia? · 20/9 às 20:19

Livro de Reclamações d'Verdade

O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal **@Verdade**, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Reclamação

Saudações, Jornal @Verdade. Somos trabalhadores da Padaria Pão de Lenha 1, sita no bairro de Infulene, no município da Matola. Gostaríamos, através do vosso meio de comunicação, de expor uma inquietação relacionada com os maus-tratos a que estamos sujeitos há muito tempo. Para além de outras acções que colocam em perigo a nossa saúde e integridade física, somos impedidos de gozar folgas.

O que também nos preocupa bastante é o facto de sermos sistematicamente destratados pelos nossos patrões e somos considerados lixo.

Em caso de alguma doença eles não nos apoiam e exigem que estejamos nos nossos postos de trabalho. Por exemplo, existe um colega que estava internando no Hospital Central de Maputo, há uma semana, mas recebeu chamadas telefónicas e ameaças do patronato a exigir que o mesmo volte a trabalhar, apesar das condições em que se encontrava. Das vezes que contactámos a Inspecção-Geral do Trabalho os técnicos daquele sector não reuniram as

partes com vista a encontrar uma solução para as irregularidades que são protagonizadas pelos gerentes da Padaria Pão de Lenha 1. Na altura em que os inspectores estiveram cá dirigiram-se apenas ao gabinete dos Recursos Humanos, para além de que eles estão e sempre estiveram a favor do patrão.

Nos nossos postos de trabalho na há nada que se resolve em benefício dos funcionários, mas sim humilhações, demissões e insultos alegadamente porque somos pessoas com um baixo nível de escolaridade. Não somos valorizados e os gerentes dizem ainda que não conhecemos as leis. Isso deixa-nos sobremaneira agastados, principalmente por reconhecermos que estamos a reivindicar os nossos direitos.

Pedimos a vossa ajuda para o esclarecimento destas preocupações que nos deixam sem forças para continuarmos a trabalhar. Queremos saber da direcção dos Recursos Humanos da Padaria Pão de Lenha 1 por que motivos estamos sujeitos a essas condições deploráveis de trabalho.

Resposta

Em relação às preocupações dos nossos reclamantes, @Verdade contactou a técnica dos Recursos Humanos da Padaria Pão de Lenha 1, Nelsa Alexandre. Esta negou todas as acusações feitas pelos colaboradores e explicou que os mesmos não são sujeitos a nenhuma desconsideração, pois seria absurdo demais eles serem tratados como lixo, não havendo ambiente para o efeito.

A nossa entrevistada indicou ainda que não constitui verdade que os trabalhadores não têm tido nenhum apoio em caso de doença, pois recebem alimentos não perecíveis e eles não sofrem nenhum tipo de intimidação. Todo o funcionário que esteja doente recebe integralmente o salário no fim do

mês quando comprovar que esteve nessa situação e tem merecido repouso.

De acordo com Nelsa Alexandre, o que acontece é que os nossos reclamantes preferem recorrer aos curandeiros quando estão doentes ao invés do hospital. São poucos os que recorrem a uma unidade sanitária. Por isso, alguns não conseguem exibir o atestado médico quando lhes é exigido. Entretanto, apesar da falta desse documento – reiterou a interlocutora – eles não sofrem descontos no salário.

Nelsa Alexandre concluiu dizendo que, a avaliar por aquilo que tem sido o decurso das actividades na Padaria Pão de Lenha 1, não há razões de queixa.



As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorretos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua Reclamação de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenores os factos. Envie: por carta - Av. Mártires da Machava 905 - Maputo; por Email - averdademz@gmail.com; por mensagem de texto SMS - para o número 90440. A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.

A CONTECEU

A verdade em cada palavra.

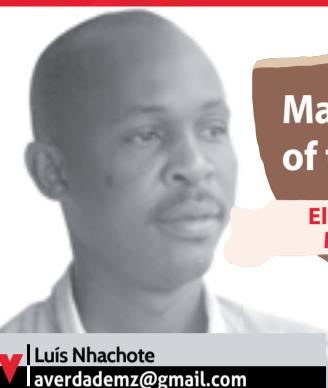
Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634



O Jornal mais lido em Moçambique.



**Mamparra
of the week**

**Electricidade de
Moçambique**

Luis Nhachote
laverdademz@gmail.com

Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avôs e Avós

O mamparra desta semana é a empresa pública Electricidade de Moçambique (EDM), que nos últimos dias nos tem brindado com cortes não justificáveis, muito menos justificados, de energia eléctrica. Cortam-nos a luz e não se dignam a dar-nos nenhuma satisfação.

É o cúmulo da falta de respeito. A EDM é a instituição que tem, por vocação, fornecer regularmente energia eléctrica aos moçambicanos. Quando está em períodos de manutenção, a esta empresa cabe o dever de nos informar sobre as horas e dias em que isso vai ocorrer, sob pena de termos os nossos humildes e parclos electrodomésticos danificados.

Perante esta situação, que é recorrente, urge questionar: Afinal CAHORA BASSA não é nossa? Será que os cortes de energia que afectam grande parte dos consumidores afecta os mais nobres inquilinos da pátria? Será que o "guia incontestável de todos nós" já se viu privado de ver televisão por falta de energia eléctrica? Será culpa das concessionárias de energia eléctrica? Se sim, já foram responsabilizadas pelos prejuízos?

Actualmente, já é pacífico na nossa doutrina e jurisprudência a caracterização do abuso do corte de energia eléctrica como meio de compelir o consumidor inadimplente ao pagamento da sua factura de energia eléctrica junto à EDM.

Contudo, pouco se fala da responsabilidade das concessionárias de energia eléctrica de reparar os prejuízos causados aquando da interrupção do fornecimento de energia eléctrica, como nos casos em que indústrias deixam de produzir, desagradando os seus clientes; ou, até mesmo, perdendo parte da sua produção, assim como a própria queima de equipamentos.

Comprovado o dano causado pela interrupção de energia eléctrica, será de responsabilidade da concessionária o resarcimento dos prejuízos causados. No entanto, geralmente, necessário se faz o embate judicial para que possa haver o resarcimento do dano.

Para tanto, algumas precauções deverão ser observadas para que o consumidor se possa resarcir dos danos ocasionados pela interrupção do fornecimento de energia, sejam eles de ordem material ou moral.

Nos casos em que houver a queima de aparelhos decorrente das oscilações e queda de energia, o consumidor não deverá fazer consertos por conta própria, devendo, sim, chamar a concessionária de luz responsável pela área. É preciso abrir uma ocorrência nos Serviços de Atendimento e chamar um técnico em até 90 dias a partir da data da ocorrência do problema. O passo seguinte é abrir um pedido de indemnização (quando houver prejuízos), anotando sempre o número do protocolo. Que raio de empresa pública é esta?

É que alguém tem de pôr um travão neste tipo de mamparrices e aos mamparras que nos cobram taxas de Lixo e Rádio, quer tenhamos, quer não.

Mamparras, mamparras, mamparras.

Até para a semana, juizinho e bom fim-de-semana.

Democracia

MDM acusa a Frelimo de ter uma conduta que atenta contra os princípios democráticos

Os partidos Movimento Democrático de Moçambique (MDM) e a Frelimo, ambos com assentos no Parlamento e que irão participar nas eleições autárquicas, de 20 de Novembro próximo, trocam acusações sobre má conduta, principalmente em períodos eleitorais. O primeiro, na voz do seu secretário-geral, Luís Boavida, diz que o partido no poder é o principal, senão o único, cuja conduta constitui um verdadeiro atentado contra os princípios democráticos que regem um verdadeiro Estado de Direito, como é o caso de Moçambique.

Texto: Alfredo Manjate • Foto: Miguel Manguezé

Tal comportamento, segundo Boavida, é caracterizado pela manipulação permanente dos órgãos eleitorais, nomeadamente a Comissão Nacional de Eleições (CNE) e o Secretariado Técnico de Administração Eleitoral (STAE), e também da Polícia.

Para sustentar as suas acusações, Luís Boavida aponta um rol de situações anómalias que julga serem engendradas pelos militantes da Frelimo em períodos eleitorais. Disse, por exemplo, que no processo de recenseamento o partido no poder manipula o pessoal do STAE para que este impeça os fiscais da oposição de exercerem a sua actividade nos postos de votação. Afirma ainda que este utiliza os seus secretários para servirem de testemunhas para o recenseamento de cidadãos, “o que faz com que muitos eleitores, não ligados ao partido no poder, tenham muitas dificuldades para se registar”.

No período de campanha eleitoral, apontou, a Frelimo opta pela destruição de material de campanha dos seus adversários; usa, e de forma abusiva, os meios de Estado para fins partidários e a Polícia para ameaçar e prender membros da oposição.

Refira-se que no ano passado, 36 membros do MDM foram presos durante as eleições intercalares de 18 de Abril, em Inhambane, sul do país, acusados de fazer campanha eleitoral na “boca das urnas”. Na altura, a acusação não chegou a ser factualmente provada em Tribunal, o que deu azo à interpretação, pela maioria da sociedade, de que a condenação não passava de uma demonstração de poder do partido Frelimo em relação à justiça.

Ainda segundo Luís Boavida, no dia da votação ocorre a inutilização, pelos membros das mesas de voto (MMV), de votos da oposição. O SG do MDM que levantou ainda outros aspectos, concluiu afirmando que “qualquer código eleitoral em Moçambique só terá êxito se tivermos um partido no poder que confia no povo”.

Estas acusações foram proferidas na semana finda durante um encontro entre os partidos políticos no qual pretendiam discutir a revisão do Código de Conduta Eleitoral (CCE) adoptado pelos partidos políticos em 2004, na cidade de Beira, província de Sofala.

No encontro, as outras formações políticas corroboraram com a posição do MDM. Estas apelaram, em uníssono, ao partido Frelimo, representado no encontro pelo seu porta-voz e secretário do Comité Central para a Mobilização e Propaganda, Damião José, a mudar de postura e a pautar por uma boa conduta.



Esteja sempre actualizado sobre actualidade política do país e no globo seguindo-nos no [twitter @democraciAmz](#)

Os desafios para a implementação deste dispositivo, disse, são enormes pois cada partido deve sensibilizar os seus militantes a pautarem pela sua observância. “O partido Frelimo não vê necessidade de alteração deste Código de Conduta”, concluiu.

A Renamo, signatária deste dispositivo, foi um dos partidos cuja ausência se fez sentir naquele encontro. Em contacto telefónico com @Verdade, o porta-voz da “perdid”, Fernando Mazanga, invocou a “colisão de agendas” para justificar a sua ausência. A Renamo não tem ainda nenhuma proposta para o melhoramento e actualização deste dispositivo, entretanto, apoia o exercício.

A versão actualizada do Código de Conduta Eleitoral deverá ser apresentada ainda este mês, para permitir a sua apreciação e divulgação.

“As eleições não devem ser adiadas”, considera Salomão Moyana

O coordenador do encontro, Salomão Moyana, levantou na altura críticas contra todos que apoiam a ideia de se adiar as eleições do presente ano e a sua realização em 2014, em simultâneo com as gerais. Este argumentou que não faz sentido retardar o pleito que é periódico, para além que há que se respeitar os mandatos dos actuais edis e das assembleias municipais.

Moyana questionou, por exemplo, qual seria o papel dos edis que afirmam ter já cumprido mais de 90 por cento dos seus programas, em caso de adiamento das eleições, sobretudo por já não terem nenhum mandato, uma vez que este terá expirado.

Deste modo, a fonte vincou a pertinência de se garantir a realização das eleições este ano e de se assegurar o seu carácter competitivo e inclusivo.

Alteração ao Código de Conduta Eleitoral

O encontro dos partidos políticos visava fundamentalmente a recolha de subsídios para o melhoramento do Código de Conduta Eleitoral, instrumento produzido em 2004, na cidade da Beira, Sofala. Este instrumento determina qual deve ser o comportamento dos partidos políticos na qualidade de principais intervenientes nas eleições.

A versão actual deste instrumento, cujo carácter não é judicial, mas de persuasão ao bom comportamento, abrange apenas os partidos políticos, associações e grupos de pessoas que pretendem participar nas eleições. Mas, segundo se ficou a saber, os mentores do mesmo pretendem que futuramente possa abranger, para além dos elementos acima mencionados, os órgãos de administração eleitoral, designadamente a Comissão Nacional de Eleições, o Secretariado Técnico de Administração Eleitoral, e as Forças de Defesa e Segurança.

Assim, a maioria dos partidos presentes no encontro defendia haver necessidade de se melhorar e actualizar o instrumento. Entretanto, a Frelimo mostrou-se desfavorável a este raciocínio por considerar que o Código de Conduta Eleitoral “continua actual e em conformidade com a Constituição da República.”

“O nosso partido desde 2004 é signatário do actual Código de Conduta Eleitoral, portanto, nós não vemos necessidade de alteração deste Código de Conduta. Ele está em conformidade com a nossa Constituição da República”, disse o porta-voz.

ALERTAR

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique

A educação precisa de ser reformulada para atender às necessidades pontuais do país

Em Moçambique, a área da educação, se não é a mais questionada, pelo menos, está entre as que têm levantado acesos debates tanto pela qualidade de ensino, bem como pelo modelo que está a ser seguido. Sobre esta matéria, o director executivo da Associação para o Desenvolvimento da Comunidade e Meio Ambiente, Félix Banze, entende ser necessário reformular a política da área de modo a adequá-la às necessidades do país.

Nessa reforma, Banze propõe a inclusão de novas cadeiras a serem leccionadas no ensino geral, tal é o caso das de noções de direito e de economia doméstica, que no seu entender têm impacto directo no quotidiano dos cidadãos. A APDCOMA é uma agremiação que surge em 2002 e actua na defesa e promoção dos direitos humanos, suas áreas prioritárias, e também na área de desenvolvimento comunitário na perspectiva de implementação de projectos que permitam a geração de renda aos beneficiários.

Texto: Redacção • Foto: Miguel Mangueze

@Verdade: O que a APDECOMA faz na promoção dos direitos humanos?

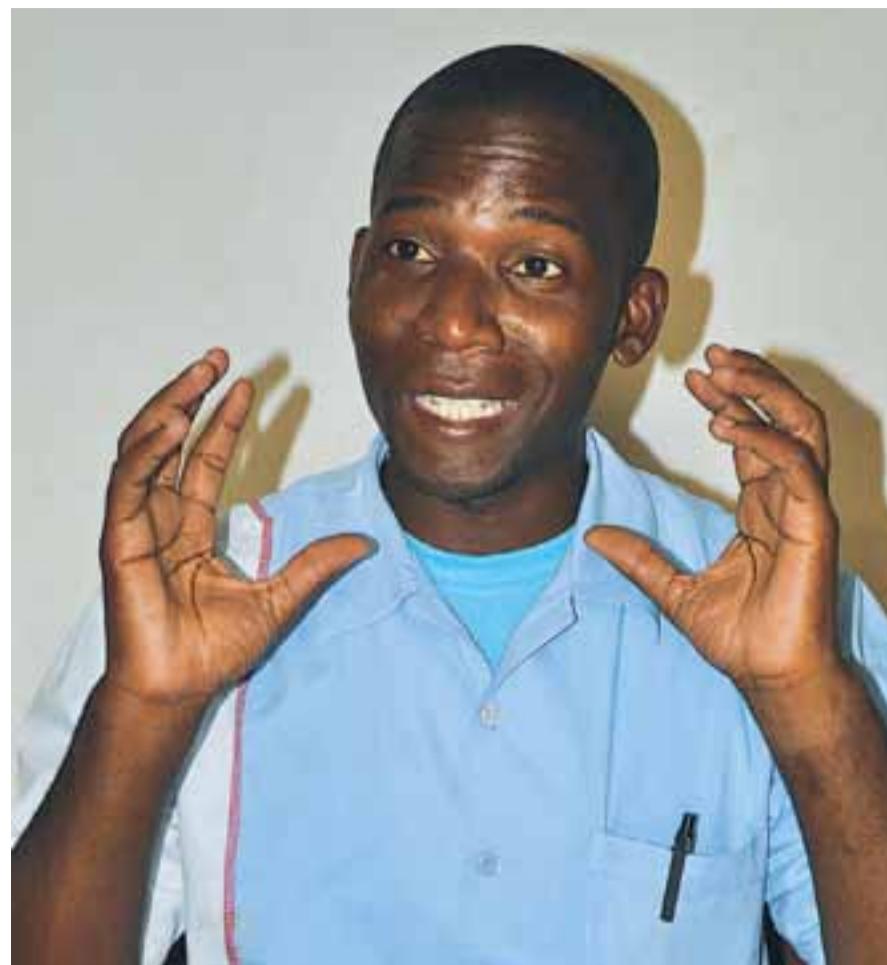
Félix Banze (FB) – Nós decidimos abraçar a área de promoção e defesa dos direitos humanos em 2006. Nesse ano estabelecemos uma parceria com o Ministério da Justiça e começámos a implementar um projecto denominado “Divulgação de Instrumentos Legais”. O objectivo era trazer à consciência, não só dos políticos, mas também da população no geral, a noção dos seus direitos e deveres. O direito que lhes é reservado como pessoas.

Entendemos que a partir da divulgação dos instrumentos legais a pessoa vai encontrar os seus direitos e deveres, ou seja, o cidadão precisa de saber que tem o dever de pagar os impostos e, em contrapartida, tem direito à educação, saúde e outros meios. Os instrumentos legais não só trazem o peso de serem normas, mas trazem também a questão social, pois a pessoa adquire a noção de convivência em sociedade.

Nós achamos que há uma questão muito importante que o Governo ainda não está a dar a devida importância. Refiro-me ao ensino sobre os direitos humanos. Defendemos que devia haver uma cadeira, pelo menos, no ensino secundário sobre Introdução ao Direito. O que nós estamos a verificar hoje é a falta de cidadania que resulta da falta de conhecimento, porque quando há falta de cidadania é porque o povo não sabe. Nós até podemos ter medo que as pessoas conheçam os seus direitos, mas, mais vale elas conhecerem os seus direitos porque vão-nos ser mais úteis que aquelas que não conhecem. Assim, e em contrapartida, não conhecem os seus deveres.

@Verdade: Entendem que de alguma forma o Governo teme que as pessoas conheçam os seus direitos, que ganhem a consciência de cidadania?

(FB) – Eu diria que é uma acção filosófica. Não faz sentido que nós, vivendo num país democrático há mais de 20 anos, não tenhamos, no ensino geral, noções de direito. Quando se introduz a noção de direito na faculdade, a questão que surge é quantas pessoas têm acesso ao ensino superior no país. E isso mexe com a cidadania. Mexe com o exercício consciente do voto. E porque isso tem impacto grave penso que é chegado o momento de os pensadores colocarem a mão na consciência e perceberem que é preciso libertar as consciências. E isso



significa que as pessoas têm de ter acesso à informação e esta deve permitir que elas exerçam os seus deveres.

@Verdade: Onde é que foi feita a divulgação da legislação?

(FB) – Foi em duas províncias, nas quais nós nos propomos a trabalhar, nomeadamente, as de Inhambane e Maputo. Em Inhambane fomos mais extensivos porque atingimos os distritos de Massonga, Murrumbene, Jangamo e Inharri-me e em Maputo trabalhámos em Magude.

@Verdade – Depois dessa intervenção houve alguma mudança?

(FB) – Incontestavelmente. As pessoas aprenderam, e nós podemos testemunhar isso. Há distritos em que o índice de criminalidade baixou consideravelmente e o nível de cidadania cresceu bastante. Não estamos a dizer que os assuntos foram resolvidos, tanto que nós advogamos que o Governo deve continuar com esse trabalho, porque é necessário que esse seja um processo contínuo. Um exemplo: nós estamos há cerca de 20 anos a viver a democracia, mas ainda precisamos de aprender a democracia.

Numa linguagem simples, democracia é aprender a viver com a diferença. É que se eu não sou capaz de conviver com a sua diferença então não sou democrático. Antes da nossa intervenção, assistia-se a casos graves de violação dos direitos humanos através das estruturas locais da base que diziam: “aqui em Magude quando alguém é apanhado a roubar a medida é amarrar-lhe e torturar-lhe”. E nós perguntávamos: “Magude não é Moçambique? As leis não são as mesmas?”. Então eu penso que melhorou e, obviamente, é preciso fazer mais. E é preciso que não tenhamos medo nem receio de falar abertamente dos aspectos democráticos.

@Verdade: Que legislação foi divulgada?

(FB) – A prioridade foi a Constituição da República de Moçambique, que é a Lei Mãe. Era preciso fazer perceber às pessoas que do mesmo jeito que os cristãos têm a Bíblia como Lei Mãe, o país tem a Constituição da República. E além deste existem outros instrumentos legislativos que foram divulgados, como são os casos das leis da Família, da Terra e das convenções internacionais que defendem, por exemplo, os direitos da mulher, da criança. O que nós fazímos, no concreto, era transformar aquilo que nunca passou no ouvido do cidadão numa mensagem simples, curta e receptiva.

@Verdade: Sabe-se que a associação desenvolve actividades de geração de renda. O que é feito?

(FB) – Sim, nós desenvolvemos actividades de geração de renda. Uma delas tem lugar através do apoio aos camponeiros na produção agrícola. O apoio é feito através da distribuição de sementes, treinamento no uso de instrumento de produção, insumos agrícolas e fazemos o acompanhamento até a fase pós-venda e aí verificamos o que acontece depois. E, paralelamente a isso, apoiamos na geração de renda através de animais de pequena espécie. O que nós fazemos é mostrar às pessoas que elas podem criar para ganhar dinheiro e não simplesmente para o auto-consumo.

@Verdade - A criação para a geração de renda remete-nos à ideia que o Governo tem do ProSavana, que, por acaso, é muito contestado pela sociedade civil. Qual é a vossa posição em relação ao programa?

(FB) – Deixa só explicar o seguinte: quando alguém nasce numa terra, vive e cresce nela, aprende que o único recurso que tem é aquele espaço, o rio ou a floresta. Agora o que nos inquieta no ProSavana é que parece que este quer passar por cima das comunidades. Portanto, nós não estamos contra o programa, estamos a favor das comunidades. Que se dê prioridade às comunidades e que elas vejam e sintam a sua vida melhorada com esse projecto. O Governo só é Governo porque há comunidades e se a vida dessas comunidades não melhorar com a vinda de um determinado projecto/programa, então o mesmo não é válido. Se nós queremos o desenvolvimento do povo porque temos medo que ele desenvolva?

@Verdade - O Ministro Pacheco disse numa entrevista que relacionar o ProSavana com a usurpação de terra era uma conspiração de quem não queria ver Moçambique desenvolver

(FB) – Nós respeitamos o posicionamento dos ministros, mas temos de dizer que o nosso clamor é em defesa das comunidades. Falamos, reclamamos e ajudamos a comunidade a expressar a sua voz. Eu podia falar da portagem, porque quando o assunto é terra é preciso lembrar que a terra é do povo, ou seja, dos nativos. Mencionei a questão da portagem porque as pessoas que vivem à volta dela não têm nenhum benefício. Porque a portagem tem que desenvolver a vida dos sul-africanos e das elites da cidade? Porque o rendimento da portagem é redistribuído de tal forma que o vizinho não absorve nenhum metical? Aquelas pessoas que são obrigadas a ouvir ruídos das viaturas todos os dias não têm nenhum benefício, mas a terra é delas.

@Verdade - Falou aqui da necessidade do exercício da cidadania, uma questão que está intrinsecamente ligada à educação. Como é que se pode garantir a cidadania quando vários segmentos da sociedade questionam a qualidade do nosso ensino?

(FB) – Eu não gosto de dizer que a nossa educação não está boa, como muitos dizem, mas prefiro dizer que ela precisa de ser melhorada. Eu quero chamar a atenção às pessoas que tomam decisões neste país para que prestem muita atenção. Nós temos a nossa população que está a morrer de enfermidades de várias ordens, nós estamos a travar uma verdadeira guerra contra as doenças e, no entanto, não temos no Ensino Geral, que é o que abrange a maioria no Sistema Nacional de Educação, alguma disciplina de saúde pública. Vamos ser práticos: reconheço que ensinar geografia, educação musical é bom, mas é preciso dar prioridades em função daquilo que são as nossas necessidades. Vamos deixar de copiar modelos e cair na realidade.

continua Pag. 12 →

Democracia



@Verdade - O que mudaria com a introdução dessa cadeira no ensino geral?

(FB) – Vou dar um exemplo: há pouco falava-se do fenómeno 3 -100. Esse fenómeno é tão prejudicial para o país que ninguém dá conta disso. Mas se nós tivéssemos uma cadeira como economia doméstica significa que nós educaríamos as pessoas a usar racionalmente o pouco que ganham. É só pensar quantas pessoas bebem uma cerveja e em seguida vão dormir com fome. Mas isso não é só para os que bebem, temos um leque de situações que só acontecem porque as pessoas não estão preparadas para gerir da melhor forma o que ganham. A educação precisa de ser reformulada para atender às necessidades pontuais do país. A nossa sociedade está a criar-se sem alinhamento, fora dos padrões aceites universalmente porque simplesmente nos falta direcionamento e este provém da educação. Se nós educarmos as pessoas a poupar o que ganham elas vão produzir mais, vão poupar e vão fazer o país crescer.

@Verdade – Moçambique tem sido mencionado como um país com um crescimento económico considerável, não só a nível da região. Até que ponto esses números, muito propalados, se fazem sentir na vida das pessoas?

(FB) – Olha, se alguém me fala de crescimento de PIB (Produto Interno Bruto) entendo que a economia do país cresceu de alguma forma, mas não passou muito disso. Agora, por exemplo, dizia-se que o país encaixou cerca de 400 milhões de dólares em mais-valias no negócio de venda de participações no projecto de exploração de gás na bacia do Rovuma, feito pela ENI, mas tudo isso só tem sentido para nós como povo se a condição de vida melhorar. De facto, eu não consigo perceber como nós podemos gritar tanto para falar de crescimento económico quando na vida do cidadão pacato a balança pesa menos.

O que está a acontecer é o que se dizia uma vez, que nós temos, no país, gente endinheirada. Porque quem está na fonte bebe mais. Um exemplo disso é o caso recentemente despoletado no Tribunal Administrativo. Mas, para mim, o importante é que os governantes, e não falo somente dos que estão a nível central, mas a partir de um chefe de quarteirão, têm de se perguntar: “já que tenho aqui dez casas sob meu comando o que eu fiz para o amanhã dessas pessoas ser melhor?”. Isso, sim, é governar.

@Verdade – Pode-se, então, concluir que o nosso modelo de desenvolvimento não é dos melhores?

(FB) – Se eu disser que neste momento há pessoas que foram transferidas no âmbito do projecto da Estrada Circular de Maputo e estão numa zona sem água à espera de que a sorte os venha salvar isso é desenvolvimento? Sem dúvidas, é desenvolvimento termos uma estrada nova, mas quando se sacrificam pessoas em nome desse desenvolvimento, ele passa a ser colocado em causa. O Governo tem de saber criar condições em tempo útil.

@Verdade – Que acções a associação desenvolve na vertente ambiental?

(FB) – Nós trabalhamos muito em duas áreas, nomeadamente a biodiversidade, ou seja, a protecção das espécies. No que diz respeito às condições climáticas, com-

batemos a erosão e o abate de florestas. Por outro lado, temos a questão do ambiente e saúde. Por isso fazemos a gestão de resíduos sólidos, intervemos contra a poluição. Aliás, recentemente, o rio Mulaúze, que é usado para irrigar as machambas, estava a ser contaminado por uma empresa e intervimos com sucesso. Quando intervemos nesses casos, o nosso objectivo é fazer entender que a acção de um não pode, de modo algum, prejudicar o outro.

@Verdade – Há algum projecto em curso?

(FB) – Estamos a trabalhar no âmbito de promoção e geração de rendimento que neste momento está a abranger dois distritos, nomeadamente Manhiça e Magude. Os resultados são fantásticos. Estamos a produzir muito. O projecto envolve associações compostas, em média, por 50 membros que antes nem funcionavam e neste momento estão a produzir.

@Verdade - Quantas pessoas estão a ser abrangidas pelo projecto?

(FB) – Bem, nós estamos a trabalhar com oito associações a nível dos dois distritos e estamos a falar de mais de 400 membros. Há uma distribuição relativamente diferenciada do número de membros de cada associação, umas com 60 outras chegam mesmo a ter 70. Importa referir que essas pessoas são as beneficiárias directas. Porém, para além de estarem ligadas às associações, têm famílias. Fizemos um estudo de base e percebemos que em média um agregado familiar é constituído por cinco membros, o que quer dizer que as nossas acções beneficiam entre quatro e oito mil pessoas.

Publicidade

KPMG
cutting through complexity

Cursos
Moçambique

AUDITORIA INTERNA DE PROCUREMENT



A evolução do processo de aquisição leva a demanda de aumento de conhecimentos dos auditores na área de procurement. Aquisição de bens e serviços é uma componente importante do orçamento empresarial e, portanto, manter a transparência, prestação de contas e imparcialidade no processo de aquisição é imperativo.

Este curso irá melhorar o seu conhecimento em todo ciclo de vida do processo de procurement e os riscos envolvidos. Irá desenvolver as suas habilidades práticas no processo de auditoria de procurement, desde o planeamento até a execução, elaboração de relatórios e monitoria das recomendações.

O que você vai aprender:

Noções básicas sobre o processo de procurement/compras (entendimento do fluxo de processo de compras).

Conteúdo:

- **Procurement:**
 - Público vs. Privado
 - Centralizado vs. Descentralizado
- **Principais riscos da área de compras.**
- **Como auditar o ciclo de vida do Procurement , nomeadamente:**
 - Seleção de fornecedores (por cotações e por concursos);
 - Monitoria do desempenho dos fornecedores;
 - Devolução e registo da mercadoria; e
 - Requisição;
 - Emissão da ordem de compra;
 - Monitoria da encomenda;
 - Recepção de mercadorias,

29 a 31 de Outubro 2013

Local: Escritórios da KPMG em Maputo

Custo por Pessoa: **40 000,00 MT** (IVA incluído)

10% de Desconto para grupo empresarial (mais de cinco participantes)

N.B.: Trazer o seu computador dar-lhe-á vantagens nos exercícios práticos

Quem Deve Participar

- Auditores internos que pretendam aprofundar seus conhecimentos de auditorias a processos de compras;
- Gestores e funcionários de empresas que queiram melhorar a eficácia dos seus processos de compras; e
- Qualquer outra parte interessada.

KPMG Auditores e Consultores

Rua 1.233, nº 72C, Edifício Hollard, Maputo

Tel: +258 21 355 200 | Fax: +258 21 313 358

O conteúdo da formação e eventuais dúvidas podem ser esclarecidos junto de Sandra Nhachale pelo e-mail snahchale@kpmg.com

Diálogo: Governo recusa facilitadores e diz que “ninguém há-de vir dar ordens aos moçambicanos”

Depois de um paragem de duas semanas, nesta segunda-feira (23) o diálogo entre as delegações do Governo e da Renamo retomou sem, no entanto, trazer novidades. O impasse mantém-se. O Executivo, em resposta à insistência da sua contraparte no sentido de se incluir facilitadores nacionais e observadores internacionais, disse que estes não são necessários pois ainda há condições para que ambos cheguem a consenso.

Texto: Alfredo Manjate

“Enquanto não tivermos razões para irmos buscar pessoas externas para resolver os nossos problemas, não faz sentido trazer facilitadores. Até parece haver um certo saudosismo de se ter um patrão”, disse o chefe da equipa governamental, José Pacheco. Este argumentou que as partes ainda estão em condições de resolver as diferenças porque não estão de “costas voltadas.”

“Ninguém há-de vir aqui dar ordens aos moçambicanos sobre o que vão fazer”, asseverou Pacheco, garantido que não estão esgotadas as capacidades internas de resolver os problemas.

Por seu turno, Saimone Macuiane disse que a sua equipa levou ainda à mesa de diálogo uma proposta do número de elementos que devem constituir a Comissão Nacional de Eleições (CNE) e o Secretariado Técnico de Administração Eleitoral (STAE), o que foi rejeitado pela equipa do Governo.

cebido dos seus mandatários a informação de que o primeiro dia do encontro com a contraparte seria na segunda-feira (23), esclarecendo, porém, que a agenda ainda não tinha sido traçada, sendo que a mesma dependeria das preocupações da Renamo.

“A informação que nós temos é de que eles confirmaram que vinham e é por isso que estamos aqui a aguardar”, disse dos Santos, acrescentando em seguida que “nós estamos prontos para ouvir as preocupações que a Renamo traz e será em função disso que será estabelecida a agenda de trabalho”.

Refira-se que a equipa de peritos da Renamo é composta pelo tenente-general Ussufo Momade, tenente-coronel Mandava João Meque, coronel José Manuel, os maiores António Muzorewa e Raimundo Dalho, pelo capitão Renato Martins Matecule e pelo jurista Ezequiel Mondegusse, o único civil que integra a equipa.

Universidades estão a eximir-se do seu papel

As universidades moçambicanas, que deviam ser um espaço de produção de conhecimentos e promoção de debates públicos, estão a eximir-se desse papel optando pelo silêncio em relação às questões cruciais da sociedade. A constatação foi evidenciada pelo académico Lourenço de Rosário, durante o lançamento do livro “Desafios para Moçambique”, em Maputo.

Texto: Alfredo Manjate

O reitor da Universidade Politécnica, falando a título individual, referiu-se à ausência de uma “voz das academias nacionais” neste momento crítico de tensão política que o país está a viver.

“Actualmente, estamos a viver um momento complicado do ponto de vista de ansiedade que cada um de nós tem daquilo que se chama, em África, “conflito de baixa intensidade () e em nenhum momento a universidade foi capaz de participar neste debate. As igrejas, os cidadãos, as organizações da sociedade civil participam, mas do lado das universidades nota-se um silêncio absoluto”, apontou.

Para o académico, a postura das instituições de ensino superior representa um grande desafio, no sentido de se repensar no papel da academia em Moçambique. Ele fez notar que, em termos de aparição individual, alguns estudiosos moçambicanos têm conseguido fazer-se sentir na esfera de debate público, mas “em termos de peso de opinião, a academia em Moçambique é zero”.

Lourenço do Rosário criticou ainda o facto de estas mesmas instituições estarem apostadas em introduzir cursos, por exemplo, de geologia ou engenharia de petróleo, sem, no entanto, terem disponíveis docentes das respectivas áreas.

“Tenho pensado: como é possível abrir um curso desses sem engenheiro de geologia ou de petróleo?”, questionou para em jeito de resposta acrescentar: “então é demagogia”.

Para o reitor, em Moçambique, não temos ainda uma academia com um pensamento sistematizado e que esteja na vanguarda daquilo que se exige e se espera num Estado de democracia de direito.

Fragilidades da Lei das Parcerias Públíco-Privadas podem beneficiar a elite político-empresarial

A promiscuidade que existe entre o mundo da política e dos negócios em Moçambique pode conduzir ao descrédito das parcerias público-privadas, pois a lei que rege este tipo de relações apresenta fragilidades que podem ser aproveitadas pela elite político-empresarial para “abocanhar” certo tipo de negócios que se mostram rentáveis do ponto de vista financeiro, fazendo-se servir, muitas vezes de forma ilícita, dos recursos do Estado.

Texto: Redacção

Segundo uma análise feita pelo Centro de Integridade Pública à Lei das Parcerias Públíco-Privadas (Lei nº 15/2010, de 10 de Agosto), para que as PPP's cumpram com a sua finalidade, é necessário que sejam implementadas eficazmente as regras que este instrumento legal prevê na matéria sobre os conflitos de interesse, o que ainda não está a acontecer no país, um ano após a sua entrada em vigor. Esta lacuna abre espaço para que várias figuras da elite político-empresarial continuem a não respeitar os ditames deste dispositivo legal, sob o olhar cúmplice das autoridades do Estado encarregues de fazer cumprir as leis.

Fragilidades

Dentre as fragilidades apontadas pelo CIP, destaque vai para a falta de definição do objecto das parcerias público-privadas, ou seja, não se estabelece a percentagem da participação do privado na parceria, o que quer dizer que este pode entrar com a menor parte do capital no empreendimento e o Estado arcar com a maior parte. Assim, o privado, nestas condições, sairá sempre a ganhar, pois poderá entrar com a menor parte e ainda usufruir dos lucros da actividade realizada no âmbito da sua parceria com o Estado.

A segunda fragilidade tem a ver com o financiamento das PPP's pois a lei determina que o Estado deve contribuir para a sua viabilização econó-

mico-financeira, isto é, ele aparecerá como avalista do privado. Neste caso, o privado, para além da renda que vai obter, ainda terá como avalista no empréstimo o Estado, que em caso de o empreendimento não se mostrar viável por razões de interesse, saúde, ordem e segurança públicos, poderá ter de indemnizar o privado pelo tempo restante para a recuperação do investimento realizado e, o mais agravante, pelo nível de rentabilidade do investimento se outros critérios não tiverem sido contratualmente fixados, em caso de ficar provado que este não é o culpado pelo fim da concessão.

A terceira é relativa a parcerias em áreas não lucrativas, tais como fontes de abastecimento de água, estradas, saúde, electricidade, etc. Assim, os privados os privados poderão investir em PPP's referentes a áreas que não são lucrativas e o Estado deverá, por isso, obrigatoricamente, ter de contribuir para que essas parcerias se tornem viáveis, financiando tais empreendimentos ou avalizando empréstimos para que os privados possam operar, tudo a pretexto de os privados mostrarem melhor capacidade para fazer uma melhor gestão dessas actividades e providenciarem melhores serviços e provisão de bens aos cidadãos.

“Esta situação poderá dar azo a que os privados sem capital suficiente para investirem ou mesmo grupos económicos ligados à elite política “rendeira” nacional, usando da sua

influência e em situações de conflito de interesses e tráfico de influências, possam recorrer à LPPP para se fazerem financiar pelo Estado, desenvolverem a actividade contratada e tirarem dividendos altíssimos”, refere o CIP.

A outra lacuna reside no facto de o Estado assumir sozinho os riscos financeiros entre o parceiros público e privado, ou seja, não há “divisão” equitativa de responsabilidades.

Contratos devem ser do domínio público

Tomando em atenção que o Estado participa como parte nos empreendimentos das PPP's e entra nos mesmos com dinheiro público proveniente dos impostos pagos pelos cidadãos, o CIP é de opinião de que a Lei de Parcerias Públíco-Privadas devia ter salvaguardado a necessidade de estes contratos serem públicos, no sentido de os moçambicanos controlarem a forma como o seu dinheiro é usado pelo Estado.

Em nenhum momento a LPPP faz referência a este requisito essencial de transparéncia. No entanto, para que o controlo sobre as situações de conflitos de interesses se efective é necessário que a publicidade dos contratos seja uma regra obrigatória no negócio das Parcerias Públíco-Privadas, de modo que os cidadãos possam recorrer à Comissão Central de Ética Pública e denunciar possíveis casos.

Golo

**A AGÊNCIA MAIS PREMIADA
EM 2013 É UMA EMPRESA
100% MOÇAMBICANA.
A AGÊNCIA DO
PENSAMENTO LOCAL.**

- A Agência No.1 na Pesquisa PMR pelo 8º ano consecutivo.
- A Agência com mais seguidores nas redes sociais:
Mais de 71 mil fãs no Facebook - A 3ª maior página de Moçambique.
A Agência com mais visitas no Youtube - 84530.
- A maior Agência na gala dos 10 nos da Cidade FM.
- A Agência mais premiada no Festival Internacional de Publicidade de Maputo:
2 Grand Prix e 23 troféus.
- 6 Troféus no Festival Internacional de prémios Lusos.
- A Única Agência em Moçambique premiada nos Loeries da África do Sul:
2 Loeries, um em campanha integrada e um em TV no mais importante Festival Africano.
- A Agência distinguida com o selo Made in Mozambique.

Think local

Destaque

João Domingos: Um homem com (um sentido de) 80 anos!

A SIDA tem cura. Façam como explico, irão descobri-la. – Eu sou cego. – A PIDE matou o evangelizador que curava as populações. – Depois de ter matado milhares de pessoas, ‘killer man’ foi descoberto em Inharrime e tinha 234 anos. – Dillon Djindji é mentiroso. Coloquem-no nas proximidades de um detector de mentiras. O instrumento irá explodir...

Texto: Inocêncio Albino

Foto: Miguel Manguez / Arquivo pessoal de João Domingos

Se um dia alguém lhe trouxesse uma mensagem sobre o fim de um infortúnio – a morte, por exemplo – que se eterniza, como o estimado leitor reagiria? Certamente que manifestaria muita alegria. Não é essa a mensagem desta matéria. De qualquer modo, anime-se afinal – como afirma o célebre músico moçambicano, João Domingos – “a SIDA tem cura”. Nenhuma estratégia de persuasão para atrai-lo à leitura desta matéria nos interessa, mas a conversa com o ancião foi reveladora.

Aqui, a sua história artística já narrada, inúmeras vezes, na e pela imprensa nacional, é dispensável. Queremos falar-lhe sobre as suas experiências espirituais – diga-se porque é verdade – empolgantes e apavorantes. É preciso que os factos se narrem por si, ou pela pessoa que os viveu. Por isso, construímos uma narrativa em que abunda um discurso autodiegético – deixando o próprio líder do Conjunto João Domingos expressar-se.

Na verdade, esta cavaqueira – com João Domingos – é um projecto materializado na última sexta-feira de Junho de 2013, na sua casa, no bairro de Maxaquene, algures em Maputo. É um evento que se enquadra nas festividades – que na verdade não se realizaram, ou, pelo menos na dimensão proporcional ao homem. Mas isso é outro assunto – dos seus 80 anos de idade, assinalados em Maio.

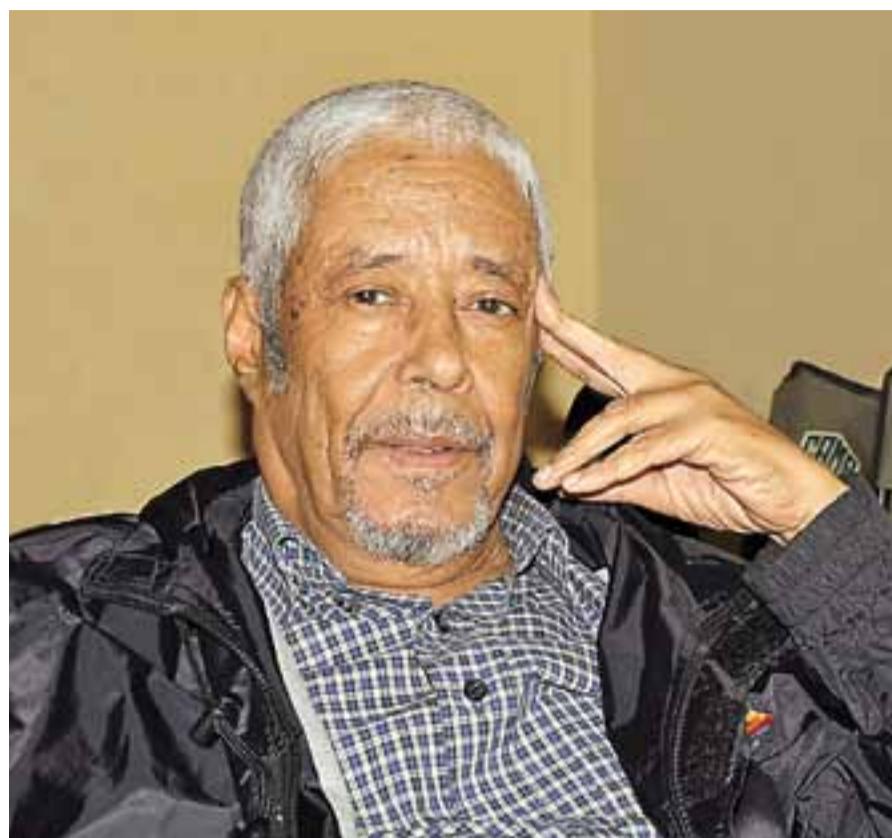
São 8 décadas de uma vivência rica em que se cruzaram experiências artísticas e de tantos (outros) conhecimentos que envolvem a cosmogonia dos seus tempos. O líder do Conjunto João Domingos nasceu em 1933. Já haviam transcorrido 15 anos depois do fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e, em certo sentido, foi influenciado pelos acontecimentos do segundo grande conflito na terra. Das peripécias do fenómeno armado, este texto pos-sui alguns sintomas.

A SIDA tem cura

Durante a II Guerra Mundial – a mesma época em que decorre a história dos neflins (Gen. 6.4), que vou desenvolver num espaço apropriado –, em Inharrime surgiu um surto de sarna que infectou o povo. A situação foi preocupante de tal sorte que as pessoas se dirigiam ao hospital em massa.

No Posto de Saúde de Inharrime apareceram dois homens que, morando em localidades diferentes, possuíam o mesmo aspecto doentio. O problema é que a sua doença não manifestava a maioria dos sintomas da sarna – o que a tornava diferente daquela.

Depois de observá-los, o médico ficou intrigado. Que doença é esta? Um machangana de nome Francisco Cuna explicou-lhe que a enfermidade – uma doença venérea secular – não era sarna. E sugeriu-lhe que separasse os homens e lhes perguntasse sobre as suas práticas sexuais. Para Cuna estava-se diante de um mal centenário e curável na medicina tradicional.



O médico procedeu segundo a orientação e apurou que o primeiro homem se relacionou, sexualmente, com uma vaca, enquanto o segundo abusou dum cabra. A esse envolvimento sexual entre humanos e animais chama-se zoofilia.

Entretanto, como no decurso da II Guerra Mundial o Anjo da Morte – um médico alemão que usava humanos como cobaias – já havia inventando o bismuto, uma injecção muito eficaz, na mesma época do surgimento da penicilina, ele entendeu que se podiam utilizar aqueles fármacos para tratar enfermidades daquela natureza.

Em contra-senso, Francisco Cuna entendia que o método da medicina convencional era ineficaz. Para si, a doença daqueles homens devia ser tratada seguindo-se as regras da medicina tradicional. Até porque, em Manjacaze, de onde lhe chegavam vários ecos sobre o assunto, curava-se o mal.

Ora, como o médico se mostrou incrédulo no que estava a ser dito, Francisco Cuna sugeriu que ficasse com um dos doentes, a tratá-lo, e liberasse o outro para ser assistido segundo a medicina tradicional. O terapeuta concordou e escolheu o doente menos grave para permanecer no hospital. Dez meses depois, o doente morreu.

Em resultado disso, o médico chamou Cuna a fim de saber sobre o estado clínico do outro enfermo. Surpreendeu-se quando soube de que estava curado, tendo inclusive aparecido – na recordação de Cuna ao médico – no hospital a solicitar que lhe admitissem como empregado. O médico ficou intrigado: “Como é que o curou?”

É preciso que se injecte a doença num cão – devendo deixá-lo no mato – e segui-lo a fim de se perceber como é que se comportará. Que ervas irá consumir para se tratar? A SIDA tem cura. Se fizerem conforme oriento irão descobri-la. O problema é que as pessoas pensam que eu sou um idoso que só sabe tocar viola e, consequentemente, não acatam o que digo.

A resposta de Cuna foi interrogativa: “Doutor, o senhor nunca viu um leão a comer capim?” Para o íâtrico isso só acontecia – única e exclusivamente – se os animais carnívoros estivessem doentes. No âmbito desse quadro, Cuna explicou que é assim que os animais se curam. E ele havia sarado o enfermo usando as ervas de que os animais se alimentavam no seu processo terapêutico.

Mais adiante, acordaram que Francisco Cuna fosse ao matagal a fim de buscar as ervas curativas. Infelizmente, por puro azar, nesse dia o idoso, que estava descalço, pisou uma garrafa quebrada que o feriu, tendo contraído tétano. E morreu no hospital, antes de lhes entregar as ervas e raízes medicinais. O pior é que o jovem a quem sarou não sabia que tipo de vegetação é que lhe havia sido ministrado, muito menos o local onde foi encontrado.

É nesse sentido que eu sempre tenho dito a vários médicos que a SIDA – que também é uma doença milenar – tem cura. É verdade que ela foi descoberta em 1980, mas, conforme os americanos reportam, nos tempos da escravatura, essa enfermidade já existia em São Tomé e Príncipe.

Como é que se pode fazer para encontrar a sua cura? É preciso que se injecte a doença num cão – devendo deixá-lo no mato – e segui-lo a fim de se perceber como é que se comportará. Que ervas irá consumir para se tratar? A SIDA tem cura. Se fizerem conforme oriento irão descobri-la. O problema é que as pessoas pensam que eu sou um idoso que só sabe tocar viola e, consequentemente, não acatam o que digo.

Eu sou cego

Em relação a este assunto, vale a pena começar por falar sobre a história do dízimo – algo reinventado pelo Bispo Macedo. Afinal, no primeiro século, Jesus Cristo já o havia instituído para nos livrar do pecado. É verdade que, naquela altura, se fazia de um modo peculiar.

Na época só se ofertava o dízimo uma vez por ano. Por isso, nesse intervalo do tempo, a pessoa juntava a décima parte da sua produção a fim de comprar alguns produtos que levava à Igreja para comer com a sua família. Como é óbvio, se a pessoa fosse pedreiro não juntava pedras. O que restava ficava na Igreja como mantimento.

Então, quando eu era um miúdo de seis anos, fui a uma sessão religiosa em que se ofertava o dízimo. Encontrei um evangelista que curava lepra e cegueira, entre outros milagres. Por causa do seu dom, ele era procurado por pessoas de várias confissões religiosas.

Em resultado disso, em Inharrime, a Igreja Cristã passou a ter pouca credibilidade e adesão. Os crentes preferiam deslocar-se até às zonas recônditas para encontrar o referido evangelista. Foi esse senhor que fez o milagre de me curar a vista. É que falando com toda a franqueza – clinicamente – eu sou cego. Se eu for convosco à oftalmologia para fazer os testes pode-se concluir que sou invisual, não obstante estar a ver.

Como é que surge a minha cegueira? A pergunta é um ponto de partida para se compreender uma série de peripécias.

Na minha infância, em Inharrime não havia luz eléctrica. Num final do ano, fui a uma festa na casa de alguns brancos. Fiquei de braços cruzados para que me oferecessem alguns restos de comida.

De repente apareceu um casal com dois filhos que se sentaram, exactamente, a cinco metros de onde eu me encontrava. Eles puxaram uma mala preta, no interior da qual tiraram um pequeno objecto pirotécnico que, depois de ter sido aceso, criou feixes luminosos impressionantes. Assustados, eu e alguns amigos – que nunca tínhamos visto algo similar – fugimos.

Entretanto, ao constatarmos que as pessoas estavam a aplaudir – em jeito de celebração – retornámos ao local. O sujeito tirou outro objecto pirotécnico grande, acendeu e atirou-o exactamente na minha direcção. Como eu era bom de futebol, chutei-o de tal sorte que caiu numa mesa e explodiu. Tudo o que se encontrava sobre a mesa começou a arder. Em resultado disso, imediatamente, fui. Acredito que se alguém me seguisse – mesmo o melhor velocista do mundo – não me encontraria. Percorri

Destaque

mais de um quilómetro, do local até à minha casa, em menos de cinco minutos.

No dia seguinte, tinha de ir comprar pão – imaginem em que lugar? – ao lado de onde sucedeu o episódio. Tive de dar uma volta enorme para contornar o local a fim de chegar à Padaria Aziz. Primeiro, espreitei e constatei que não havia perigo nenhum – comprei o pão e voltei.

Entretanto, nas proximidades do local havia algumas pedras de construção civil dentro das quais havia um foguete. Animado, peguei o objecto e escondi-o até chegar à casa. Conservei-o num lugar bem secreto – atrás da palhota – à espera de um dia em que estivesse sozinho para explodi-lo.

No outro dia, fiquei com o ‘macambúzio’ – o nome que se dá ao rapaz que é pastor – porque a minha mãe e o meu tio tinham ido trabalhar. Recuperei o objecto. Enterrei-o um pouquinho, acendi-o e fiquei à espera que explodisse – o que não aconteceu imediatamente. A coisa queimou mas não explodiu. Por estupidez da minha parte, peguei o objecto, acendi-o novamente e comecei a soprá-lo até que acabou por explodir no meu rosto.

Nunca pensei que o mundo tivesse tantas estrelas como vi naquela circunstância. Vi milhares! A verdade é que a partir daquele dia – com cara de Rabicó – fiquei cego. Fui ao hospital para tratar a cegueira, sem êxito nenhum. A minha mãe recordou-se do senhor ‘muvanguele’, o evangelista, com quem fomos ter 16 dias depois.

Ele fez pachos quentes de umas folhas – bem cheirosas – e orientou que se colocasse barro no meu rosto, devendo tirá-lo no dia seguinte de manhã. E, assim, recuperrei a visão.

Em Inharrime, a Igreja Cristã passou a ter pouca credibilidade e adesão. Os crentes preferiam deslocar-se até às zonas recônditas para encontrar o referido evangelista. Foi esse senhor que fez o milagre de me curar a vista. Falo com toda a franqueza – clinicamente, eu sou cego.

E a PIDE matou-o

Como é que aquele evangelizador curava as pessoas? Onde ele obteve aqueles conhecimentos? Em conversa com a minha mãe, confessou que não era ele que curava as pessoas. Existia uma dimensão que intervinha.

Quando retornou a Moçambique da África do Sul – onde ia trabalhar nas minas – em certa ocasião, deparou com duas cabeças de gado caprino que devia apascentar. Num dos dias da sua actividade, narra ele que viu uma pessoa – vestida, completamente, de branco – que o chamou.

Pensando que fosse o Padre Augusto de Mucumbia – mas não era – aproximou-se. Ao olhá-lo nos olhos, desmaiou. Nesse instante, foi-lhe dada a ordem de se deslocar até a sua casa onde devia edificar uma barraca aberta – com o fundo fechado – e colocar algumas pedras.

Depois disso, devia apetrechar o local com uns bancos, como quisesse, antes de retornar ao local do encontro. Foi-lhe dado um candelabro que devia colocar sobre as pedras e acendê-lo. Instruiu-se-lhe no sentido de curar as pessoas – o que significa que os milagres que ele fazia tinham a ver com as instruções que, durante as noites, recebia continuamente sempre que as populações lhe apresentavam problemas.

Em Inharrime não havia igreja. Os crentes iam fazer a missa numa escola rudimentar. Entretanto, por causa da acção do senhor ‘muvanguele’, a Igreja Católica de Mucumbia começou a perder os crentes. Em resultado disso, o pessoal da PIDE decidiu prender o evangelista. Eles levaram-no à Administração. O problema é que o administrador, o secretário, os intérpretes, incluindo os de mais dirigentes não concordaram com a acção da PIDE.



A PIDE arranjou dois sipaios para julgá-lo. Eles arrancaram-lhe o candelabro e agrediram-no ao mesmo tempo que lhe perguntavam as razões que o moviam a fazer os milagres. Mas, assim que disse que ele era inspirado por Deus, a situação complicava-se. Agrediam-no mais e mais, até que acabaram por matá-lo.

Nós, os miúdos, estávamos na escola, mas acompanhámos a azáfama. Quando eu returnei a casa, a minha mãe disse-me que haviam assassinado o senhor ‘muvanguele’. Os homens da PIDE enviaram um carro da funerária para levar o seu cadáver amarrado. Vi-o nessa manhã, antes de ser levado para a cadeia, mas, quando lá chegaram, o corpo havia desaparecido.

Assustados com o facto, os cangalheiros saíram a correr para informar os homens da PIDE sobre o sucedido, ao que aqueles disseram que não havia nenhum problema porque tinham o seu candelabro.

Colocaram o candelabro sobre a mesa e, escondidos, aguardaram que o evangelista aparecesse a fim de prendê-lo. Na verdade, fizeram o plano de matá-lo a tiros. Mas o que aconteceu é que, sem explicação racional nenhuma, o candelabro desapareceu.

Quando se apercebeu do sucedido, o agente da PIDE ficou apavorado, fugiu e começou a queimar várias partes do corpo até tombar. Os outros polícias ficaram carbonizados. Tempos depois, veio um avião buscá-los a fim de serem assistidos na Europa.

Enfim, são histórias desta natureza que aconteceram comigo sobre as quais penso que nem vale a pena falar.

vísceras. Ele já havia assassinado as suas três vítimas.

Prenderam-no tendo-o levado para a cadeia, onde – antes de encarcerá-lo – o chicotearem nas mãos com um material metálico. No entanto, ele não sentia a dor. Sempre que lhe batiam quem sofria era a mulher do administrador de Inharrime. No seu julgamento, manteve-se indiferente.

Coincidemente, naqueles anos, em Inharrime, apareceu um agente da Interpol à procura de um tal ‘killer man’. Fez uma descrição a partir da qual se comprehendeu que se tratava de Nhamugovela.

O agente da Interpol ordenou para que servissem ao assassino uma comida com muito sal, até ficar enjoado, a fim de torturá-lo. No entanto, mesmo procedendo-se de tal modo, ele não sentia dor. Em resultado disso, despiram-no e – em volta da sua cintura – encontraram um fio com dois frasquinhos nas extremidades. Cortaram os fios e os recipientes caíram. Quando os abriram, no local instalou-se uma enorme nuvem vermelha.

Desta vez, ao torturarem-no, Nhamugovela começou a chorar e o seu corpo minguou de tal sorte que só ficou um esqueleto pequenino, com a pele colada aos ossos. O agente da Interpol ficou seguro de que ele era o ‘killer man’. Cortou uma porção da sua pele da mão, e levou-a para a Inglaterra para se fazer a avaliação da sua idade, tendo-se apurado que ele tinha 234 anos. Começou a matar as pessoas a partir da região da Abissínia, na Etiópia. Por isso, estava a ser procurado há dois séculos.

Eu não sei como é que a Interpol descobriu as artimanhas de Nhamugovela, o facto é que já estava à sua procura há vários anos. Infelizmente, quando o descobriram em Inharrime não havia jornais. Por essa razão, o registo destes acontecimentos só pode ser pesquisado no Posto Administrativo de Inharrime. Deve haver algum registo.

Acredito que o ‘killer man’ tinha

‘Killer man’ viveu 234 anos e matou milhares

Nhamugovela – ‘o killer man’ – é um dos homens mais misteriosos que apareceu em Inharrime e ninguém sabe de onde. Ele fazia almoços e jantares. Entretanto, a dado momento, eu comecei a adoecer e a delirar. Corriam os anos da II Guerra Mundial. O problema é que em tais delírios eu dizia coisas – sem pés nem cabeça – que aconteciam.

No outro dia, disse que havia um navio mercantil holandês que ia ser afundado por um submarino alemão. As pessoas estranharam a mensagem. Mas, a verdade é que, no dia seguinte, esse episódio sucedeu em Inharrime, na praia de Závora, por volta de 1940. A Royal Air Force – Força Aérea Britânica – atacou, aproveitando-se da situação.

Numa outra situação, novamente, sonhei que o submarino ia ser atacado pela RAF e que ia afundar. Isso aconteceu e a partir daí as pessoas começaram a dar crédito aos meus delírios.

No entanto, nas vésperas de um dia de final do ano, eu sonhei que Nhamugovela ia matar o senhor Passos, a sua esposa e a sua vizinha. Depois do crime, ele lavaria as suas roupas no rio, ao mesmo tempo que ia utilizar um balde para introduzir as vísceras. E é isso o que ele fazia várias vezes.

Rapidamente, a minha mãe foi ter com o irmão do senhor Passos para falar sobre o meu sonho. Depois disso, juntos, fomos à procura de um sipaio com o qual nos dirigimos ao rio. Infelizmente, quando chegámos, Nhamugovela já havia lavado as roupas com as quais cometeu o crime e, no interior do balde, vimos as

Acredito que o ‘killer man’ tinha alguns problemas espirituais que o moviam a protagonizar actos macabros. Anualmente, ele assassinava as pessoas a fim de lhes tirar as vísceras com as quais fazia banquetes. Por vezes, ofertava-as ao administrador como carne de caça.

alguns problemas espirituais que o moviam a protagonizar actos macabros. Anualmente, ele assassinava as pessoas a fim de lhes tirar as vísceras com as quais fazia banquetes. Por vezes, ofertava-as ao administrador como carne de caça.

Destaque

História da Marrabenta

Por mera coincidência, no tempo colonial, apareceu em Lourenço Marques um magaíssa, nome que se dá ao moçambicano que trabalha nas minas na África do Sul. Nessa altura, existia a Witwatersrand Native Labour Association, Wenela, instituição que recrutava mão-de-obra para a Terra do Rand.

O referido sujeito, cujo nome é desconhecido, permaneceu na Wenela, onde aguardava os seus bens que haviam ficado retidos no país vizinho. Durante a sua estada, foi-lhe assegurada toda a assistência logística. Ora, como naquela época a maior parte da região que, hoje, constitui a cidade de Maputo era uma mata desabitada, ele resolveu deslocar-se até o bairro da Mafalala.

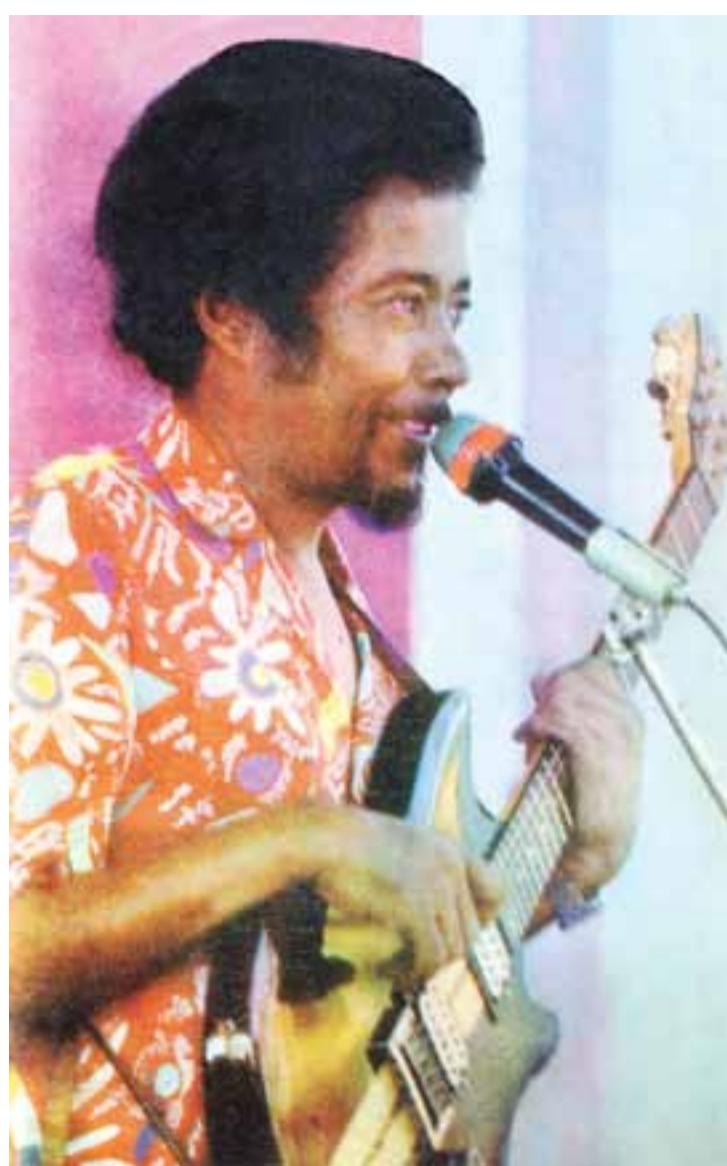
Nesse subúrbio, na altura, havia prostíbulos e bares, um dos quais, o mais famoso – porque possuía o melhor conjunto musical de Lourenço Marques –, e que era bem equipado em termos de instrumentos musicais, pertencia aos Comorianos.

Por lá também actuava Daíco, um guitarrista autodidacta genial. A qualidade das suas performances assemelhavam-se às de Django Reinhardt, um artista francês que tinha um defeito na mão direita, tocando a guitarra com a mão esquerda.

No Bar dos Comorianos, artistas como Daíco, Pacheco, Chico Albazine e Ricardo da Silva constituíam o conjunto musical local. O espaço era maravilhoso e tocavam-se ritmos musicais como Magika – que tem origem na província de Gaza –, Dzukuta e Makhara – provenientes de Inhambane, existindo desde antes de 1900 –, Xipfapfapfa – muito praticada em Matutuine, Katembe, Matola, Infulene, Boquisso e Marracuene –, incluindo Pop, Rock, Swing, Rumba, Tango, Samba, entre outros estilos de música estrangeira.

Mas também existia o senhor Napita, o músico mais fraco do conjunto, originário da província de Gaza. No entanto, ele tinha a guitarra mais afinada e soava bem. Eles tocavam, mas não tinham a consciência do estilo musical que produziam.

Numa dessas ocasiões, na presença do magaíssa, no conjunto musical do Bar dos Comorianos, Napita tocou a sua guitarra de tal sorte que os presentes o aplaudiram. Instantes depois, rebentou-se uma corda da viola.



O magaíssa gostou do que escutou, mas não sabia como chamar àquela música – até porque ela não tinha nome. Por isso, certa vez, pediu aos artistas que lhe tocassem a música que rebentava em troca de cervejas.

Ora, tomar cerveja de graça, num dos bares mais célebres do bairro da Mafalala, era uma prática muito rara para os músicos. Por isso, responderam favorável e satisfatoriamente. Os eventos aconteciam, constantemente, aos sábados, à noite, e aos domingos, à tarde.

A maior parte dos membros do conjunto musical – Daíco, Ricardo e Pacheco – era constituída por desempregados. Em resultado disso, passavam quase todo o dia no Bar dos Comorianos. O pior é que eles não podiam comprar uma cerveja.

Sucedeu que certo dia, de repente, eles viraram o magaíssa e acharam que – porque o Rebenta acabava de chegar – podiam tocar música para ganhar algumas cervejas. Mas como não conheciam o seu nome, chamaram-no do modo seguinte: "Marrabenta Hinga Buya, Venha Cá Marrabenta".

A partir daí a adjetivação daquele ritmo como o que rebenta, bem como a substantivação do magaíssa como Marrabenta tornaram-se rotineiras, virando tradição. As pessoas nunca mais pararam de dizer Marrabenta, embora o género musical não existisse ainda. Desconhece-se, porém, quem inseriu o prefixo Ma no verbo Rebenta. Mas foi assim que se criou a palavra Marrabenta – a partir da qual se passou a designar um ritmo musical.

Ora, é muito interessante notar que em Quelimane existe um ritmo musical chamado Utxekeliwa muito parecido com a Marrabenta. A única diferença é a forma como as senhoras dançam, fazendo movimentos circulatórios.

Entretanto, com o passar do tempo, os ritmos que se tocavam mudaram de nome. Deixaram de ser Xipfapfapfa, Dzukuta, Magika e passaram a chamar-se Marrabenta só por causa da história desse magaíssa. E, assim, por mera casualidade, surgiu o nome. No entanto, dizer que se desconhece a pessoa que inventou a maneira de dançar a Marrabenta é pura mentira.



A dança e outros ritmos

No mesmo período, também existiu um bailarino de nome Jaime Paixão, ou simplesmente Zaguenta, que praticava várias danças com perfeição. Fazia o que Michael Jackson fez, no bailado, de forma genial. Além do mais, possuía uma dama com quem dançava.

As pessoas dançavam a Rumba e a Magika agarradas, mas, contrariamente, Zaguenta e a sua dama bailavam separados, deslizando de um lado para o outro. Foi nessas circunstâncias que se criou a maneira como se dança a Marrabenta. Infelizmente, com o passar do tempo, desapareceram as coreografias feitas para a Rumba, o Dzukuta, a Magika e o Xipfapfapfa.

Os norte-americanos quando o viram a dançar, vieram a Moçambique filmar Zaguenta a praticar sapateados. Algum tempo depois, enviaram uma revista, dos Estados Unidos, em que o consideravam um dos quatro melhores bailarinos do mundo, a seguir a Mikey Rooney, o terceiro. Gene Kelly, era tido como o segundo, e Fred Astaire o primeiro.

Todas estas peripécias, incluindo a história do magaíssa e a confusão que originou o nome Marrabenta, sucederam-se até o período anterior a 1940. Quando eu cheguei a Lourenço Marques, em 1953, já se conhecia a Marrabenta como tal.

O Unce

É um ritmo de música tradicional que, na verdade, era um ritual praticado em cerimónias familiares como casamentos e lobolos. O Unce é originário de Zanzibar e chegou a Lourenço Marques através de Juma Mulindi que mais adiante ensinou a sua prática a Juma Mukatchita.

Todas as composições desse género – incluindo algumas, actualmente, interpretadas por Wazimbo – foram criadas por Mulindi, não obstante o facto de, quando ele encontrou a morte, Juma Muçaxita ter disseminado o facto de que era o autor das músicas.

A Rumba é nossa

Nos dias actuais, as pessoas pensam e afirmam – porque não conhecem a verdade – que a Rumba é música cubana. Mas ela é originária de Moçambique.

Por volta de 1905, os portugueses começaram a praticar o Xibalo, a escravatura, no país. Eles prendiam os moçambicanos transportando-os, nos barcos negreiros, como escravos a fim de trabalharem nos canaviais de São Tomé e Príncipe. De lá, eram transferidos para Cuba e para outros países. Com eles levaram um ritmo musical que se chamava Gumba, ou Gumba-Gumba.

Quando esses escravos chegaram a Cuba, as suas músicas, cantadas em Ronga, foram traduzidas para a língua local. E no lugar de se chamarem Gumba passaram a ser Rumba. Ou seja, na palavra Gumba substituíram o G pelo R, criando-se a Rumba – mas não conseguiram mudar o ritmo da música.

O que pretendo explicar é que, da mesma forma que os brasileiros, no lugar de chamar Semba, designam Samba à música angolana, os cubanos chamaram Rumba à nossa Gumba.



Dilon Djindji é mentiroso

Nós não devemos entrar em alarme quando Dilon Djindji afirma que é o rei da Marrabenta. Isso é o de menos. No entanto, é inadmissível que – porque isso é um grande erro – ele diga que inventou a Marrabenta. Isso é uma mentira pura. Ninguém inventou a Marrabenta.

Aliás, muito recentemente, no âmbito das investigações do ARPAC, um jornalista perguntou-lhe sobre a mesma história. Ele elaborou um conto – sem pés nem cabeça – de acordo com o qual persuadia as raparigas a serem suas namoradas, dizendo “menina namora comigo se não eu vou-lhe rebentar o focinho”. É uma cena risível – que é uma mentira, como também o é o facto de dizer que inventou as danças da Marrabenta.

Dilon é tão vaidoso de tal sorte que acabou por menosprezar o Conjunto Djambó. É aí onde se encontra o contra-senso das suas palavras porque quem o levou ao palco, em Maputo, são os membros do Conjunto Djambó, em 1965, a fim de actuar no Centro Associativo dos Negros da Província de Lourenço Marques. Na sua primeira actuação, com o medo de enfrentar o público, Dilon Djindji escondeu-se atrás do palco, usando uma cortina.

Quando foi reconduzido ao palco, por Domingos Mabombo, ele fez uma actuação brilhante que lhe valeu aplausos do público. Entretanto, numa mentira manifesta, ele afirma que começou a tocar em 1940. Mas isso não pode ser verdade porque, nesse ano, ele devia ter uns 13 anos.

Dilon Djindji introduziu-se na música de acordo com o que narro. Ele tocava Xipfapfapfa e não Marrabenta.

Para agravar as suas mentiras, o autor de Podina dissemina na comunicação social que possui mais de 80 músicas, quando, na verdade, ele não tem mais de quatro ou cinco composições. De 1965 até hoje, ainda não ouviu as suas novas músicas. Ele repete as mesmas obras nos concertos. Mesmo as músicas que ele canta hoje – sobre Maria Tereza e Podina – não são Marrabenta. Trata-se de Xipfapfapfa.

Ele fundamenta a sua mentira alegando que é o artista moçambicano – que canta Marrabenta – mais conhecido fora do país. Os factos mandam-nos dizer que ele começou a ser popularizado há poucos anos, graças ao Projecto Mabulu de que fez parte, antes, nunca tinha viajado com a finalidade de fazer concertos na Europa. Por exemplo, mesmo aqui em Moçambique, ele não é conhecido na província de Inhambane. E nunca pôs os pés em Tete. Se por lá sabem que existe um artista chamado Dilon Djindji é algo actual, resultante do fenómeno da televisão.

Não pode ser verdade – como afirma Dilon Djindji – que o Conjunto Djambó não tem grande popularidade fora

de Moçambique, porque esse é o único grupo moçambicano cuja música, Elisa Gomara Saia, se toca em vários países como, por exemplo, a América, o Brasil, incluindo a Rússia. Ela foi composta pela bailarina Rosa Tembe, tendo-se tornado popularíssima.

Dilon Djindji é uma pessoa que possui o descaramento de afirmar que ensinou Fani Mpumfo a cantar Marrabenta. Ora, Fani é o maior compositor moçambicano da Marrabenta de todos os tempos até a actualidade.

Perguntem-lhe se está disposto a enfrentar um detector de mentiras. É que, para mim, uma forma de acabar com as inverdades de Dilon Djindji é colocá-lo a falar perto de um detector de mentiras. O instrumento irá explodir com tantas falsidades ditas.

Perguntem-lhe se está disposto a enfrentar um detector de mentiras. É que para mim, uma forma de acabar com as inverdades de Dilon Djindji é colocá-lo a falar perto de um detector de mentiras. O instrumento irá explodir com tantas falsidades ditas.

Por exemplo, eu aprecio-lhe como músico, mas detesto-o como mentiroso. Porque mente demais. Ou seja, Dilon é um artista da minha geração. Por isso, eu não discordo da sua opinião quando afirma que Fani Mpumfo cantou que em Marracuene havia um rei da Marrabenta, e que se referia a ele. O problema é que Fani não disse que estava a falar de si como nos impinge.

Por essa razão, quando Dilon fala – sobretudo acerca da sua relação paternal com a Marrabenta – nem vale a pena levá-lo em consideração. Ele faz uma manifestação típica de um vaidoso. Como se sabe, a vaidade é a aflição do espírito.

Outras referências dos anos 60

Ao longo de 1960, também houve vários e brilhantes criadores da Marrabenta como, por exemplo, Francisco Mahecuane e Alexandre Jafete – que se podem intitular verdadeiros tocadores do género como o fazia Fani Mpumfo – e o compositor Eusébio Johane Ntamele. Entretanto, o maior compositor da Marrabenta – que eu conheci quando tinha oito anos – chama-se Ossumany Valgy.

Foi Ossumany Valgy que me falou sobre a história da Gumba que se tornou Rumba em Cuba, quando a cidade de Lourenço Marques era um presídio, que funcionava na altura em que a urbe se chamava Delagoa Bay. Nas proximidades da Malanga.

Esse compositor era membro do Conjunto Zandamela que se chamava Orquestra. Eles tinham uma bateria a qual chamavam jazz, dois banjos, um bandolim e duas violas. No entanto, Ossumany Valgy tocava maracas que se chamavam guizos. Ao ver-lhe a tocar o seu instrumento fiquei extasiado. Era muito bonito. Uma maravilha! Eles dançavam Makhara.

De qualquer modo, é preciso esclarecer que a componente erótica da Makhara é algo muito actual. Como se sabe, muitas vezes, nos dias actuais, vemos crianças na televisão bailando de forma sensual. O que elas fazem não tem nada a ver com a dança.

Por exemplo, a cantora moçambicana Neyma Alfredo possui uma música muito bonita – em que canta “a Marrabenta anima a Neyma” – o problema, uma pena, é que tal obra não é Marrabenta, é Fena. Trata-se de um ritual em que os homens dançam imitando os movimentos de um macaco. Além do mais, ela não é a culpada. O problema é das pessoas que dizem que Neyma é a diva da Marrabenta.

Por exemplo, recentemente, Dilon Djindji e Roberto Chitsondzo propalam, por aí, que não se pode cantar a Marrabenta em português. Mas isso é um problema deles. Uma espécie de dor do cotovelo, por causa do sucesso que Stewart Sukuma – que canta em português – possui. Diria que o errado que há nesse artista é dizer que a Marrabenta “é nosso samba”. A Marrabenta é um ritmo e não uma língua. Por isso, pode-se cantar em qualquer idioma.

Compartilhar, não comprar

No meio de uma intensa onda de consumismo, alguns argentinos começam a sentir as vantagens de compartilhar objectos e serviços, em vez de comprá-los.

Texto: Marcela Valente/IPS • Foto: iStockphoto

Desencantados com uma economia que promove o individualismo e o consumo predador, milhares de argentinos convergem em feiras, nas quais os objectos são oferecidos, compartilham viagens de carro com desconhecidos e oferecem alojamento gratuito a viajantes estrangeiros. São tendências incipientes neste país, mas que crescem apoiadas nas plataformas 2.0.

Os usuários compartilham uma mesma preocupação pelo cuidado ambiental e certa rejeição ao consumismo. Além de sua vontade de aumentar o contacto comunitário e de incentivar a confiança entre as pessoas. "Necessitamos muito menos do que consumimos. Por isso a base das nossas feiras é o desapego, a necessidade de libertar os objectos do conceito de propriedade privada", explicou Ariel Rodríguez, criador da La Gratifeira, cujo lema é "traga o que quiser (ou nada) e leve o que quiser (ou nada)".

A iniciativa começou em 2010. A primeira feira teve lugar na sua residência, no bairro porteño de Liniers. Rodríguez colocou à disposição de amigos e vizinhos livros, discos, roupas, móveis e outros bens que acumulava e de que não precisava. Também preparou algo para comer e beber. Com o tempo, houve quem o imitasse e, recordou, a feira número 13 "saiu à rua e explodiu" com a difusão nas redes sociais. "É algo que rompe com os esquemas", observou Rodríguez.

Os visitantes aproximam-se incrédulos, sem saber se têm o direito de levar objectos sem deixar nada em troca. As pessoas podem ir a uma gratifeira com artigos dos quais se desejam livrar e não têm de se preocupar se alguém os levar. A ideia é justamente que encontrem um interessado em prolongar a sua vida útil, em vez de comprarem um novo. "É como um reordenamento dos objectivos que também gera uma socialização interessante, porque surge um património que agora é comunitário", explicou Rodríguez.

As gratifeiras estenderam-se para cidades de algumas províncias e também para o Chile, México e outros países, assegurou o seu criador. Este fenómeno não nasce, segundo Rodríguez, num contexto de crise, com o sistema de troca, muito popular diante do colapso social e económico do final de 2001. "Isto é uma tentativa de responder



a uma crise mais longa da nossa relação com o material", apontou.

A prática espalhou-se para outros contextos

Na Faculdade de Engenharia da Universidade de Buenos Aires, um grupo de estudantes organiza este mês uma feira de apostilas para compartilhar, gratuitamente, material de estudo já utilizado. "A ideia vem com o ânimo das gratifeiras e deveria ser um movimento mais amplo incluindo outras faculdades, mas agora queremos que se firme na Engenharia", disse ao Terramérica o estudante Santiago Trejo, um dos organizadores da feira, que recolhe material e coloca-o em circulação.

São modalidades sui generis do consumo colaborativo, expressão cunhada no começo de 2000, nos Estados Unidos, para identificar mecanismos para compartilhar ou trocar aparelhos electrónicos, livros, roupas, calçado, instrumentos, móveis, bicicletas e até automóveis. Em 2011, a revista Time definiu o consumo colaborativo como uma das dez ideias capazes de mudar o mundo.

Propostas semelhantes surgiram entre os que consideram que viajar não é apenas deslocar-se de um lugar a outro, mas viver uma experiência humana e social com pessoas que vivem noutro lugar do planeta. "Quando fui à Europa, fiquei hospedado em hotéis e ao regressar dei conta de que não tinha muita ideia de como viviam as pessoas desses países, ou o que pensavam do nosso", contou ao Terramérica a jovem Aranzazú Dobantón, de 24 anos, estudante de cinema.

Há quatro anos registou o seu perfil na plataforma internacional Couchsurfing, que aproxima pessoas dispostas a alojar nas suas casas visitantes estrangeiros. A operação, que começa com a troca de e-mails e um encontro prévio, concretiza-se sem dinheiro, apenas compartilhando tecto e experiência. O grupo local tem mais de cinco mil pessoas registadas. "Até agora recebi cerca de 15 pessoas de diferentes partes do mundo. Muitas da Dinamarca, também do México, das Filipinas, da França, e um turco que vivia na Alemanha", contou Dobantón. Como anfitriã, ela estabelece as condições.

Conhecem-se pela Internet e já em Buenos Aires encontram-se primeiro num local público. "Os que ficam são muito dispostos. Às vezes cozinho para eles, outras vezes eles preparam a refeição. Dão conta de que não é fácil quando se trabalha. São pessoas normais, que têm

as mesmas inquietações, mas que vivem outra realidade", observou Dobantón. Os visitantes depois escrevem no seus perfis como se sentiram hospedando-se na sua casa, e esses comentários fazem outras pessoas desejar a mesma experiência. Ou não. Ela, por sua vez, também pode fazer uso dessa rede para se hospedar na casa de alguém quando viajar. Até agora só o fez no Uruguai.

O consumo colaborativo é uma modalidade da economia do compartilhar, que está a crescer tanto nos Estados Unidos que a empresa de corretagem e serviços financeiros ConvergEx alerta num artigo que poderia ter efeitos "catastróficos" na economia capitalista tradicional. O seu maior desenvolvimento ocorre quanto às viagens de automóvel. Com a ideia de poupar dinheiro e reduzir a poluição e os congestionamentos, várias plataformas conectam pessoas dispostas a compartilhar o veículo, a viagem e os gastos.

Vayamos Juntos e EnCarmello são duas destas redes argentinas onde cada interessado publica a sua oferta ou demanda de viagem, ponto a ponto. Há quem procura compartilhar a viagem da casa ao trabalho, os que precisam ir de uma província a outra, ou quem deseja ver um espetáculo musical ou um jogo de futebol.

Noutros países, como o México, o transporte compartilhado tem várias modalidades, como o automóvel multiusuário, que permite ter acesso a um veículo quando necessário, pagando por hora, ou com mensalidade anual ou mensal. Como com as bicicletas públicas, é preciso levar o carro numa estação e deixá-lo em outra. Na Argentina, cada uma das propostas já tem milhares de usuários registados, e vão aumentando as opiniões sobre a experiência de compartilhar. (Envolverde/Terramérica)



SE BEBERES NÃO CONDUZAS

A CERVEJAS DE MOÇAMBIQUE RECOMENDA O CONSUMO RESPONSÁVEL E MODERADO DE ÁLCOOL

Agricultores africanos procuram dinheiro privado

África importa quase 40 biliões de dólares em alimentos por ano, mas deveria implantar medidas para atrair investimentos do sector privado na agricultura, para reduzir essas compras e aumentar a sua auto-suficiência, afirmaram à IPS especialistas do sector.

Texto: BusaniBafana/IPS • Foto: Arquivo @Verdade



"Nos próximos dez anos, os países africanos não deveriam depender da ajuda alimentar, mas produzir os seus próprios alimentos e, quando estes acabarem, comprá-los dentro de África", disse à IPS o professor Mandivambwa Rukuni, pesquisador em agricultura e director do Barefoot Education for AfricaTrust.

"A auto-dependência alimentar significa geração de riqueza, e os agricultores deveriam estar directamente vinculados aos mercados. Mais pessoas terão mais dinheiro nos bolsos se mais pequenos agricultores cultivarem com rentabilidade, e isto pode ser feito", afirmou Rukuni.

Segundo o Informe de Estatísticas sobre Agricultura Africana da Aliança para a Revolução Verde em África (AGRA), apresentado no dia 4 de Setembro em Maputo, os países do continente produziram 157 milhões de toneladas de cereais e importaram 66 milhões em 2010.

Em Agosto, o Fórum para a Pesquisa Agrícola em África calculou as actuais importações de alimentos do continente em mais de 40 biliões de dólares, dinheiro que, se afirma, seria melhor gasto se fosse para permitir que os agricultores africanos se tornassem auto-suficientes. Na Declaração de Maputo de 2003, os chefes de Estado e de Governo da África comprometeram-se a melhorar o desenvolvimento agrícola e rural no continente. O documento incluía o ambicioso objectivo de os governos destinarem pelo menos 10% dos seus orçamentos nacionais para essa finalidade.

Entretanto, nos últimos dez anos, apenas alguns dos 54 Estados membros da União Africana (UA) concretizaram esse investimento, entre eles Burkina Faso, Gana, Guiné Equatorial, Mali, Níger e Senegal. Outros 27 desenvolveram planos formais de investimento em agricultura e segurança alimentar por meio de pactos nacionais, resultado de mesas-redondas que reúnem os actores mais importantes do sector, e nas quais se procura acordar prioridades.

Um dos poucos países que priorizam os investimentos em agricultura é a Nigéria. Nessa nação do oeste africano o Governo desenvolveu o Sistema de Risco Compartilhado para Empréstimos Rurais baseado na Iniciativa da Nigéria (Nirsal), que tem a intenção de reduzir o risco na cadeia de valor agrícola, criando capacidade a longo prazo e institucionalizando incentivos para os créditos no sector. O objectivo do Nirsal é expandir os empréstimos bancários na cadeia de valor agrícola.

O ministro de Agricultura e Desenvolvimento Rural da Nigéria, Akinwumi Adesina, disse à IPS que o país está a obter 3,5 biliões de dólares para o sector dos bancos locais. O Governo assume o risco numa tentativa de atrair a participação dos privados. "Desenvolvemos um enfoque para que o sector privado tenha acesso às finanças, porque sem elas não se pode fazer muito", ressaltou à IPS. "Trabalhamos em novos instrumentos de financiamento que permitirão aos nossos mercados de capitais trabalharem para a agricultura. Esta representa 44 porcento de nosso produto interno bruto e 70 de todo o emprego, mas obtém apenas 2 porcento de todos os empréstimos bancários na Nigéria", acrescentou.

Por sua vez, Rukuni disse à IPS que, embora a maioria dos países africanos não possa comprometer 10 porcento, considera-se sábio fazê-lo. "Embora seja uma linda cifra sobre a qual se deve falar, não é mágica. O mais importante é promover um financiamento público catalisador, onde o Governo, os seus especialistas, os agricultores e o sector privado trabalhem juntos e entendam realmente que é fundamental impulsionar os investimentos do sector privado", destacou.

Citando a China, a Índia e o Brasil como exemplos de associações público-privadas, Rukuni disse que já é tempo de os africanos compreenderem que a agricultura não será competitiva sem que governos e empresários estabeleçam objectivos conjuntos em matéria de desenvolvimento de infra-estruturas, por exemplo. "O segredo está no facto de que o sector privado deve colocar mais dinheiro na agricultura", opinou Rukuni. "Não há nenhum lugar no mundo hoje onde alguém possa fazer com que o Governo ou a indústria avancem se não trabalharem com o sector privado", acrescentou.

O informe da AGRA diz que, apesar de mais de 70 porcento da terra de qualidade da África estar ainda sem cultivar, as fazendas continuam a diminuir. Este fenômeno tem impacto na produtividade dos 33 milhões de pequenos produtores responsáveis por até 90 porcento da produção agrícola do continente. A Aliança estima que um crescimento agrícola de 1 porcento aumentaria em mais de 2,5 a renda dos pobres, embora apenas 0,25 porcento dos empréstimos bancários no Mercado Comum para a África Oriental e Austral sejam para pequenos agricultores.

A comissária de Economia Rural e Agricultura da UA, Rhoda Peace Tumusiime, disse à IPS que investir na agricultura africana se tornou mais urgente do que antes, e que isto reflecte-se no movimento político para o desenvolvimento de planos nacionais. Isto é promovido pelo Programa Geral para o Desenvolvimento da Agricultura em África (CAADP) da União Africana, para a eliminação da fome e a redução da pobreza. "Setenta porcento da população depende da agricultura. É uma percentagem muito grande, por isso se nos concentramos em melhorar a situação destes 70 porcento se erradicará a pobreza. Não queremos uma situação em que as economias estejam a crescer mas a agricultura não", ressaltou Rhoda.

Num informe de Março deste ano, intitulado Cultivando África: Desbloqueando o Potencial dos Agro-negócios, o Banco Mundial exortou os governos a melhorarem as suas políticas e a promoverem os agro-negócios como vectores de crescimento. Abraham Sarfo, conselheiro agrícola, técnico e assessor vocacional na Nova Aliança para o Desenvolvimento de África, afirmou à IPS que a agricultura costuma ser parte de um planeamento de desenvolvimento, mas que agora estava na agenda continental mediante o CAADP para eliminar a fome e reduzir a pobreza.

"Um sector que contribui com mais de 30 porcento da economia de um país e ainda está no nível de subsistência mostra até que ponto está subdesenvolvido, em comparação com a mineração ou com as tecnologias para a informação e a comunicação, que atraem o sector privado", ressaltou Sarfo à IPS. O conselheiro também chamou a atenção para que se aumente os modelos inovadores de financiamento que eliminem os riscos nos investimentos agrícolas para atrair o sector privado.

Philip Kiri, presidente da Federação de Agricultores da África Oriental, que representa cerca de 200 entidades do sector, declarou à IPS que o acesso a insumos cruciais e a melhores tecnologias avançou levemente nos últimos dez anos, mas que os governos ainda têm de ajudar os produtores a viverem das suas terras.

Chuvas devastadoras matam 130 pessoas no México

O número de mortos pelas chuvas devastadoras que atingiram o México subiu para 130 nesta terça-feira (24), depois de vários corpos terem sido encontrados soterrados numa remota comunidade nas montanhas do Estado de Guerrero, no sul do país, o mais prejudicado pelo temporal, disseram as autoridades.

Texto: Redacção / Agências • Foto: Koral Carballo/AFP/STR



Em La Pintada, no município de Atoyac de Alvaréz, 100 quilómetros a noroeste do popular centro turístico de Acapulco, agentes de resgate recuperaram os corpos de sete vítimas. Neste local, toneladas de terra caíram sobre 40 casas.

Os primeiros cinco corpos foram resgatados na segunda-feira. Antes de começar o resgate, os moradores haviam registado o desaparecimento de 68 pessoas.

"Lamentavelmente tenho que informar que foi

registado o falecimento de mais algumas pessoas. Chegámos a 130 ... alguns dos quais figuravam na lista de desaparecidos em La Pintada", disse o secretário de governo, Miguel Ángela Osorio, em entrevista na Rádio.

O presidente do México, Enrique Peña Nieto, anunciou a criação de um comité de avaliação de danos no qual participarão membros do seu gabinete e os governadores dos Estados afectados a fim de promover um programa de reconstrução nacional.

O mandatário havia dito no domingo que o orçamento nacional de 2014 que se discute no Congresso deverá ser ajustado para destinar mais fundos aos trabalhos de reconstrução, após as chuvas devastadoras no país.

Os trabalhos de resgate continuam em vários Estados, depois de as chuvas torrenciais terem inundado grandes áreas. A costa do Golfo do México foi atingida pela tempestade tropical Ingrid, que chegou a ter força de furacão, enquanto a tempestade Manuel fez o mesmo na costa do Pacífico.

Quénia diz ter “derrotado” invasores de shopping mas morreram 72 pessoas

O Presidente do Quénia, Uhuru Kenyatta, disse nesta terça-feira que as suas forças derrotaram os militantes islâmicos do grupo somali Al Shabaab, mataram cinco deles e detiveram 11 suspeitos de assassinar 67 pessoas depois de atacarem um shopping de Nairobi e refugiarem-se no local por quatro dias. “A operação está terminada agora”, afirmou Kenyatta num discurso transmitido pela televisão.

Texto: Redacção/Agências • Foto: Goran Tomasevic/Reuters

“Nós envergonhamos e derrotamos os agressores”, disse Kenyatta, acrescentando que corpos ainda estavam presos sob os escombros depois do desmoronamento de parte do edifício no fim da operação. “Como nação, a nossa cabeça está a sangrar, mas não tombada.”

A Polícia afirmou que os militantes que invadiram restaurantes e lojas na hora do almoço no sábado, disparando balas e atirando granadas no local, foram mortos ou estão detidos. A Cruz Vermelha havia dito anteriormente que 63 pessoas estavam desaparecidas. Cerca de 60 civis foram confirmados como mortos nos primeiros dias de violência. Autoridades quenianas recusaram-se a dizer quantos mais podem ter morrido depois.

Os homens armados prometeram matar os reféns se fossem atacados. O Presidente queniano confirmou que até agora o número de mortos é de 61 civis e seis membros das forças de segurança, além dos cinco atacantes.

“O Quénia encarou o mal e venceu”, declarou Kenyatta. O Presidente acrescentou que não poderia confirmar os relatórios de



inteligência de que uma mulher britânica e dois ou três norte-americanos estariam envolvidos. Cientistas forenses estavam envolvidos na tentativa de identificar as nacionalidades dos “terroristas”.

“No fim da operação, três andares do shopping Westgate desabaram e há vários corpos

presos nos escombros, incluindo os dos terroristas”, acrescentou o Presidente.

“Esses cobardes irão à Justiça, assim como os seus cúmplices e patronos, onde quer que estejam”, disse ele, que agradeceu a outros líderes pelo apoio e aproveitou o seu discurso para elogiar a resposta do povo queniano, recomendando a unidade nacional, seis meses depois de a sua eleição ter sido marcada por tensões étnicas.

Tiros esporádicos e uma explosão marcaram o quarto dia de impasse no shopping, invadido no sábado à hora do almoço, um período de grande movimento. Helicópteros sobrevoaram o shopping, que é muito frequentado por estrangeiros e por quenianos ricos.

O Al Shabaab, ligado à Al Qaeda, diz ter cometido o ataque para forçar o governo queniano a retirar as suas forças militares da Somália, onde participam do combate ao grupo islâmico.

O Presidente do Quénia prometeu não fazer concessões. O ataque ocorreu no momento em que vários grupos islâmicos violentos, em diversos países da África, atacam alvos governamentais e interesses internacionais, aproveitando-se da insatisfação local, mas sempre partilhando um ideal anticristão e antioidental.

Para quem dá o seu melhor

Quem se esforça, se dedica e dá o seu melhor, merece uma recompensa, merece uma Manica. O seu paladar rico e saboroso, característico de uma cerveja encorpada torna-se ideal para relaxar depois de um dia de trabalho.

O sabor que recompensa

SEJA RESPONSÁVEL, BEBA COM MODERAÇÃO.



O FUTEBOL VÊ-SE MELHOR COM A 2M

SEJA RESPONSÁVEL, BEBA COM MODERAÇÃO.

Afrobasket2013: Estamos a caminho do “ouro” porque “em casa mandamos nós”

A cidade de Maputo é a capital, desde o passado dia 20 até ao próximo sábado, da 23ª edição do Campeonato Africano de Basquetebol sénior feminino, o Afrobasket-2013. Moçambique qualificou-se para os quartos-de-final e venceu todas as cinco partidas da fase de grupos.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Mangueze

No arranque da prova, Moçambique não jogou diante do Zimbábwè em virtude de esta selecção não ter chegado a Maputo a tempo de realizar a partida. Esta foi a grande mácula da prova no primeiro dia deste Afrobasket, disputado no pavilhão do Maxaquene.

Segundo o presidente da Federação Moçambicana de Basquetebol e do Comité Local de Organização do certame, Francisco Mabjaia, o país vizinho deslocou-se tardivamente a Maputo e por via terrestre, o que terá impossibilitado o mesmo de estar no pavilhão no início da noite de sexta-feira (20).

Ademais, Mabjaia clarificou que o Zimbábwè teve acesso ao calendário da prova a 30 de Agosto, não havendo fundamento para a postura da delegação daquele país vizinho que só chegou a Maputo na madrugada de sábado (21). A partida foi adiada para a segunda-feira (23), mas depois antecipada para domingo (22).

Uma estreia espectacular diante do Egito

A etapa inicial do jogo não foi boa para nossa selecção, que revelou altos índices de ansiedade. Aliás, no seio do conjunto orientado por Nazir Salé os níveis de confiança eram tão altos que não se apercebia das investidas ofensivas do seu adversário.

Anteviu-se, a cinco minutos do fim do primeiro período, uma partida equilibrada no que ao marcador diz respeito: 11 a 09 vencia a nossa selecção.

Chamou-se a atenção do público, para todos os efeitos, quando a experiente Clarisse Machanguana desceu à quadra sob fortes aplausos do público presente. E não era para menos. Aquela poste deu outro “gás” ao ataque da selecção nacional que saiu em vantagem de sete pontos ao fim do primeiro quarto.

No segundo as coisas ficaram normalizadas para o lado moçambicano. A organização nos dois sectores, ainda que com alguns erros de coordenação na defensiva como, por exemplo, a indefinição nos ressaltos, permitiram que a selecção nacional se pudesse distanciar ainda mais no marcador: 46 a 29 até ao intervalo.

Se nos períodos anteriores a equipa egípcia mostrou sinais de querer discutir o resultado, no terceiro, diga-se, “encovou” todos os seus argumentos. Moçambique simplesmente depôs as capacidades do Egito com recurso aos lançamentos do exterior, alcançando uma vantagem de

35 pontos no marcador.

O público não parou de vibrar e a nossa selecção agigantou-se. O Egito rendeu-se e, como se diz na gíria popular, “caiu de joelhos”. As “Samurais” não desaceleraram e, diante da desistência técnica da rival, responderam a um pedido do público: atingir os 100 pontos.

E não foram só uma centena. Contaram-se mais cinco pontos para delírio total dos moçambicanos que souberam, do princípio ao fim, acarinhar a selecção. Com apenas 53 pontos, para além do habitual “a muleza”, a equipa egípcia teve de “engolir” o também infernal cântico “salanine”.

No capítulo individual, Leia Dongue, com a sua camisola 11, destacou-se na partida ao atingir a marca histórica de 22 pontos sendo, também, a melhor ressaltadora com quatro recuperações de bola.

Clarisse Machanguana: uma verdadeira “bombeira”

Com 39 anos, Clarisse Machanguana regressou aos pavilhões da sua terra natal, mais uma vez para ajudar a selecção nacional. Apesar de ter iniciado o jogo no banco, a sua entrada, a sensivelmente quatro minutos do fim do primeiro período, mereceu uma ovacão por parte do público.

No total, a experiente poste jogou 21 minutos e 50 segundos, tornando-se a terceira jogadora que mais tempo teve na partida diante do Egito, atrás de Odélia Mafanelha (24'50") e da capitã Deolinda Ngulela (23'26"). Foi uma verdadeira “bombeira”, tendo entrado numa altura em que a ansiedade fazia com que a nossa selecção cometesse muitos erros nos lançamentos à tabela. Soube dar segurança aos lances ofensivos.

A sua experiência vislumbrou-se no jogo interior, em que foi tecnicamente excelente e decisiva. Foi a segunda melhor marcadora, com um total de 18 pontos, atrás de Leia Dongue (22). Converteu sete dos oito lançamentos livres e três dos quatro tiros na zona dos três pontos.

“Quero ganhar o campeonato africano”

Clarisse confessou que se sentiu bastante emocionada com a ovacão do público moçambicano quando pulou do banco. Para ela, “o calor do povo é sempre espectacular. Motiva, encoraja e nutre de força a equipa”.

“O que quero na verdade é ser campeã africana seja dentro, seja fora da quadra” disse. De lembrar que



este Afrobasket marca o fim da carreira da Clarisse Machanguana como jogadora de basquetebol.

Desde o princípio que Nazir Salé sonha em chegar à final

A vitória diante do Egito, por 105 a 53, pareceu não emocionar o humilde técnico ao serviço da selecção nacional, Nazir Salé, que afirmou que isso não pode implicar – nem o facto de estar a jogar em casa – que Moçambique seja melhor do que os restantes adversários.

“Vamos encarar (o certame) jogo a jogo e perspectivar os nossos objectivos que passam necessariamente por chegar à final da prova, o que garante a nossa presença no ‘Mundial’. Acima de tudo, temos de traçar alguns planos em função de cada adversário que tivermos pela frente” disse Salé.

Sobre a vitória diante do Egito, o seleccionador nacional revelou que “ela nos dá prazer e certo ânimo. Começar a ganhar é sempre bom e é importante para qualquer equipa. Estivemos confiantes desde o primeiro momento”.

“Temos de nos concentrar na nossa dimensão e pensar que ter vencido o primeiro jogo não significa que somos campeões. Temos de ter os pés bem assentes no chão e pensar sempre no depois”, concluiu.

Exigências da FIBA desorganizaram o calendário da prova

Os jogos marcados para domingo (22) foram adiados para segunda-feira (23), dia em que Moçambique iria defrontar o Zimbábwè em par-

tida de acerto de calendário da primeira jornada, no lugar do descanso previamente programado.

Havendo permuta, a selecção nacional defrontou e derrotou a equipa zimbabweana (117 – 28) no domingo sendo que, no dia 23 de Setembro, jogou diante da Argélia.

Os motivos, esses, não deixam de ser excepcionais. À última hora, com a competição a decorrer no seu segundo dia, a FIBA-África, entidade responsável pelo basquetebol no continente negro, declinou o piso do pavilhão do Maxaquene exigindo uma nova pintura, a vermelho, nas bordas e nos garrafões do mesmo, bem como a colocação de autocollantes que identificam o nome da prova, “Afrobasket”, e o local onde decorre, “Maputo”.

Os trabalhos foram feitos na madrugada de domingo (22), na expectativa de o pavilhão estar pronto para receber, a partir das 10 horas, os jogos da terceira jornada do certame. Debalde. A tinta não secou a tempo, o que obrigou a FIBA a ter de antecipar a partida entre Moçambique e o Zimbábwè para as 18 horas daquele dia, remarcando a ronda três para o dia subsequente.

O Zimbábwè só viu “estrelas” com Moçambique

Na noite de domingo (22), Nazir Salé alinhou o cinco inicial que era constituído por Deolinda Ngulela, Cátia Halar, Rute Muianga, Leia Dongue e a experiente Clarisse Machanguana.

E não tardou que a nossa selecção mostrasse garras diante de um Zimbábwè que não conseguia chegar

com precisão à tabela da adversária. Diferentemente do sucedido no primeiro jogo diante do Egito, o conjunto de Nazir Salé mostrou-se metódico e entrosado, quer na defensiva, quer no ataque.

A pressão alta, ou seja, defender a partir da saída da quadra do adversário, sufocou por completo o Zimbábwè que cedo “atirou a toalha ao chão”. 35 a 12 era o resultado no fim do primeiro tempo.

No segundo, Salé operou mudanças profundas para refrescar a equipa, lançando para a quadra Deolinda Gimo, Anabela Cossa, Valerdina Manhonga e Odélia Mafanelha. A atitude da selecção foi a mesma: ataques continuados, pressão alta e lançamentos a partir do exterior.

A cinco minutos do fim do segundo período, quando as “nossas meninas” venciam por 7 a 0, a selecção senegalesa, cotada como a mais forte deste grupo A, que estava a assistir ao jogo, abandonou o pavilhão do Maxaquene para ir treinar no do Desportivo de Maputo, mesmo ao lado. Porém não viu o “mister” Nazir Salé a cambiar o sistema de jogo, passando a privilegiar a defesa “à zona” e os passes em profundidade para o interior. 67 a 18 ao intervalo era o registo do jogo.

No reatamento, o aspecto físico corrompeu de vez as jogadoras do Zimbábwè que não conseguiam conduzir com sucesso as jogadas de ataque. Moçambique continuou a passear a sua classe e ao fim do terceiro período estava a quatro pontos dos 100.

No último tempo, a nossa selecção

Desporto

caiu de rendimento revelando total desacerto e descoordenação, sobretudo nas saídas ao ataque, detalhe não aproveitado pelas zimbabweanas que tanto aguardavam pelo apito final. Anabela Cossa foi a jogadora que mais se destacou neste quarto tempo, ao converter cinco triplos, fazendo com que Moçambique chegassem aos 117 pontos contra apenas 28 do adversário.

Rute Muianga e Deolinda Ngulela em destaque

A capitã da selecção nacional, Deolinda Ngulela, foi a grande maestrina da selecção nacional. Revelou-se, ao longo dos 26 minutos e 42 segundos em que esteve na partida, uma verdadeira líder. Soube colocar a equipa ao ataque; soube dirigir os processos defensivos, sobretudo os da pressão alta; e soube, ainda, atacar a tabela contrária com precisão, atingindo a marca dos 28 pontos e dois ressaltos.

Rute Muianga, por sua vez, foi a melhor marcadora com 29, enquanto Leia Dongue destacou-se nos ressaltos com onze de um total de 47 da nossa selecção. Clarisse Machanguana evidenciou-se nos lançamentos livres ao converter seis pontos em oito tentativas.

Ganhar todos os jogos da fase de grupos foi um imperativo nacional

O seleccionador nacional de Moçambique, Nazir Salé, voltou a falar do estado da sua equipa. O técnico revelou que queria mesmo terminar no topo do grupo A.

A pretensão de Nazir Salé na fase de grupos era de vencer todos os jogos, depois das entradas glóriosas diante do Egípto (105 - 53) e do Zimbabwe (117 - 28). Aquele técnico começou por elogiar o calendário da prova confessando, nas entrelinhas, que o mesmo é benéfico para Moçambique.

"Ainda temos muito campeonato pela frente. O modelo de competição permite que as equipas se possam regenerar para aguentar com o calendário. Temos a vantagem de nos podermos qualificar para a próxima fase", afirmou.

Mas, para aquele técnico, não basta apenas o apuramento para a outra fase, no sentido em que "perspectivávamos alcançar o melhor posicionamento neste grupo. Estivemos desde sempre cientes de que teremos de provar isso em campo, onde é preciso encarar (a prova) jogo a jogo sem menosprezar o adversário".

As vitórias sobre o Egípto e o Zimbabwe não passaram de aperitivos

Deolinda Ngulela, capitã da selecção nacional, afirmou que os dois jogos primeiros jogos de Moçambique não deram nenhum rendimento à selecção nacional. Para aquela atleta, a prova só arrancou na segunda-feira (23).

Para a base da nossa selecção, apesar de um arranque positivo, "sem tirar mérito às equipas que defrontámos, o Afrobasket para nós arrancou diante da Argélia".

Numa outra abordagem, Deolinda afirmou que a equipa está a recuperar os seus níveis de entrosamento e que o jogo diante do Zimbabwe foi o melhor em comparação com o primeiro desta prova.

Revelou que "a tensão e a ansiedade estavam muito altas diante do Egípto, o que é normal para uma equipa que ficou meses a treinar para uma competição. Contra o

Zimbábwè nós estivemos mais soltas e a jogar de forma coordenada".

No que diz respeito ao apuramento para a fase seguinte, Deolinda patenteou uma contradição com o seu treinador, ao afirmar que para as jogadoras não importa a posição no grupo, desde que garantam o apuramento seja em primeiro, seja em segundo lugar.

"Nós estamos a levar um jogo de cada vez. É preciso subir um degrau a cada dia. Sabemos em que posição nós nos queremos qualificar, mas para tal era preciso derrotar todas as equipas" concluiu Deolinda Ngulela.

Quando o mais fácil é difícil!

Não foi um confronto fácil para a nossa selecção, sobretudo na etapa inicial em que, a cinco minutos do fim do primeiro tempo, esteve a perder por quatro pontos de diferença. Mas a "bonança" veio no fim, quando o marcador estava em 12 a 08 a favor dos moçambicanos.

No segundo quarto, as duas equipas entraram determinadas a mudar o rumo dos acontecimentos. Por um lado a Argélia que acreditava numa vitória e, por outro, Moçambique que pensava na melhor maneira de dilatar o marcador. Num jogo de verdadeiro tira-teimas, a equipa de Nazir Salé teve de se aplicar a fundo para conseguir uma vantagem de 10 pontos.

Temeu-se, porém, pelo aspecto físico das nossas jogadoras. Um falso alarme para quem (pouco) entende de basquetebol. As "Samurais" regressaram ao terceiro período totalmente regeneradas. Mudaram bruscamente de estratégia e passaram a privilegiar os ataques em bloco.

Mas nem tudo foi tão fácil assim. As argelinas não se sentiram sufocadas e desfrutaram da inteligência técnica da poste Yasmine Meribout e da extremo Shahnez que, nos ataques daquela equipa, intervinham sempre desmarcadas para causar alguns calafrios aos moçambicanos.

Com o marcador a registar 43 a 27, entrámos no quarto e último período do jogo. As argelinas não desarmaram, mas a inteligência colectiva de uma equipa liderada por Nazir Salé veio ao de cima. Viu-se uma selecção nacional de Moçambique astuta, combativa e excelente nos lançamentos à distância. 67 a 34 foi o resultado final, numa partida em que Leia Dongue e Rute Muianga se igualaram no maior número de pontos marcados, 13.

Ademais, Dongue voltou a destacar-se nos ressaltos com nove, os mesmos de Odélia Mafanelha.

A vitória sobre a Costa do Marfim foi para manter a invencibilidade

O jogo não arrancou bem para a selecção nacional. Transcorridos apenas 57 segundos, a atleta Cátila Halar contraiu uma lesão no joelho direito e foi transportada para o hospital para se apurar a gravidade da mesma. No entanto, as informações sobre o diagnóstico continuam escassas sabendo-se, porém, que a jogadora não poderá voltar a brilhar nos palcos do Maxaquene.

No que ao jogo diz respeito, as "Samurais" travaram uma intensa "batalha" do primeiro ao último período, ainda que a conservarem vantagens animadoras. No fim do primeiro período venciam por uma diferença de dez pontos (18 a 08), chegando aos 12 até ao intervalo (32 a 20).

Moçambique recorreu, por inúmeras vezes, ao entendimento entre Deolinda Ngu-

lela e Clarisse Machanguana nos passos em profundidade para o interior, a única forma encontrada para explorar os espaços que eram abertos pelas adversárias. A diferença de pontos no marcador "estacionou" nos dez, sendo 31 para Costa do Marfim e 41 para Moçambique no fim deste tempo.

No quarto e último tempo, as "Samurais" elevaram a inteligência colectiva ao atacar e defender em bloco, tendo recorrido à pressão alta sobre o adversário, ainda que não de forma perfeita como nos habituaram. Contudo, souberam controlar o jogo e saíram vencedoras por 56 a 41.

As "Samurais" estavam motivadas para derrotar o Senegal

Para Deolinda Ngulela, capitã da selecção nacional, "as jogadoras estavam em condições de entrar na partida diante do Senegal com um bom aspecto físico". Aquela atleta avançou ainda que a equipa está balançada e com uma gestão de esforço ao pormenor feita pelo seleccionador nacional, Nazir Salé.

"Nenhuma de nós tinha mais de trinta de minutos nos jogos. Estávamos bem fisicamente para realizar uma excelente partida. Conseguimos contrariar a pujança do Senegal e conseguimos terminar na primeira posição do grupo" afirmou.

Para a base da selecção, as "Samurais" têm de constar da lista das equipas favoritas para a conquista da prova, ainda que para isso seja necessário "manter os níveis de confiança e de concentração". E ela fez uma promessa: "vamos continuar a fazer o nosso trabalho de equipa e tentar contrariar todas as potências que tivermos pela frente".

"Salanine" Senegal, até à próxima!

Numa verdadeira final antecipada, Moçambique defrontou o Senegal na última partida da primeira fase do Afrobasket. Em luta estava a primeira posição do grupo, em que só a vitória interessava aos moçambicanos.

Neste jogo foi solicitada, ao mais alto nível, a experiência individual, que se repercutiu no entrosamento da equipa. Deolinda Ngulela, Anabela Cossa e Clarisse Machanguana que praticamente não abandonaram a quadra, tornaram-se a tripla que segurou a nossa selecção, a mesma que se tornou responsável pela criação dos inúmeros problemas ao Senegal. Em ordem respectiva, jogaram 37 minutos e 10 segundos, 31'24" e 38'25".

Ao fim do primeiro período, o Senegal aterrorizou o pavilhão do Maxaquene ao forçar um empate a 16 pontos, saindo ao intervalo a vencer por 32 a 33.

Veio o terceiro em que Moçambique privilegiou a defesa "homem a homem", dando lugar às movimentações sem bola no ataque, o que atrapalhou as senegalesas que sempre deixavam solta Leia Dongue no interior por não saberem como defender. Um basquetebol de outro nível, como aliás se ouvia vezes sem conta no Maxaquene.

Por essa razão, as "Samurais" assumiram a liderança do jogo com cinco pontos de vantagem (53 a 48), ampliando, no quarto e último período, para 16 pontos.

A selecção senegalesa, diga-se de passagem, perdeu de cabeça erguida, ainda que assustada com o público que não deixou de apoiar, em nenhum momento, a selecção nacional.

O "Salanine" voltou a ser entoado, desta vez por cerca de 5000 pessoas que acederam a um pavilhão com capacidade para apenas 3000. Que confirme o presidente da Federação Moçambicana de Basquetebol, Francisco Mabjaia, que foi violentado quando o público decidiu invadir o pavilhão, desmontando todo o sistema de segurança que havia sido criado, obrigando ao reforço da equipa policial.

Deolinda Ngulela, com 21 pontos, foi a melhor marcadora da partida, enquanto Clarisse Machanguana se destacou com um total de nove ressaltos.

Moçambique defronta a Nigéria nesta sexta-feira (28), a partir das 18 horas, em jogo dos quartos-de-final da prova.

Quadro completo de jogos e resultados da primeira fase

Grupo A

1ª Jornada

Egípto	69	-	100	Senegal
Moçambique	117	-	34	Zimbábwè
Costa do Marfim	58	-	48	Argélia

2ª Jornada

Zimbábwè	66	-	73	Argélia
Egípto	53	-	105	Moçambique
Senegal	50	-	35	Costa do Marfim

3ª jornada

Zimbábwè	45	-	123	Senegal
Egípto	54	-	72	Costa do Marfim
Moçambique	67	-	34	Argélia

4ª jornada

Egípto	85	-	55	Zimbábwè
Argélia	22	-	102	Senegal
Costa do Marfim	41	-	56	Moçambique

5ª Jornada

Costa do Marfim	66	-	50	Zimbábwè
Argélia	66	-	76	Egípto
Moçambique	77	-	61	Senegal

Grupo B

1ª jornada

Mali	73	-	62	Cabo Verde
Camarões	61	-	39	Quénia
Angola	60	-	46	Nigéria

2ª jornada

Nigéria	74	-	49	Quénia
Mali	64	-	67	Camarões
Cabo Verde	51	-	76	Angola

3ª jornada

Cabo Verde	39	-	62	Camarões
Angola	45	-	39	Quénia
Nigéria	45	-	78	Mali

4ª jornada

Quénia	42	-	63	Mali
Camarões	44	-	48	Angola
Cabo Verde	55	-	60	Nigéria

5ª jornada

Quénia	64	-	63	Cabo Verde
</tbl_info

Afrobasket2013: Angola quer revalidar o título africano

A selecção nacional de Angola, presente no Afrobasket de Maputo, pretende renovar o título conquistado há dois anos em Bamako, Mali. Apesar de aquela equipa estar longe dos níveis desejados, Aníbal Moreira garante que a sua colectividade vai lutar pela primeira posição.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Manguezé

Dois anos depois de levantar o troféu mais cobiçado do continente africano a nível de países, a selecção angolana está em Maputo para revalidar o título. Aliás, esse é o objectivo que a delegação daquele país irmão carrega na "bagagem" quando, diga-se, se desloca do hotel em que se encontra hospedada para o pavilhão do Maxaquene para mais um jogo deste certame.

Para o efeito, Angola realizou um estágio pré-competitivo na Espanha, onde efectuou dez jogos de controlo com equipas locais, bem como com a própria selecção espanhola, tendo averrado três derrotas e sete vitórias.

A selecção feminina de Angola é treinada por Aníbal Moreira e Elisa Pires, um dupla sobejamente conhecida no mundo do basquetebol angolano.

Em conversa com o @Verdade, Aníbal afirmou que a sua equipa chegou a Maputo na máxima força, sem pensar noutra coisa senão na vitória, garantindo, deste modo, um lugar no "Mundial" da Turquia que terá lugar no próximo ano.

"Antes de cá estarmos realizámos um estágio muito proveitoso na Espanha, com vista a dar maior rodagem competitiva às atletas. Tudo o que foi programado saiu em conformidade" afirmou. Para aquele técnico, ainda que o seu conjunto tenha vencido todos os jogos do seu grupo, levantar novamente o troféu de campeão africano é uma missão espinhosa "em função dos objectivos traçados pelas demais selecções".

"Mundial" de hóquei: Moçambique chegou aos quartos-de-final

Depois de ter perdido na jornada inaugural do campeonato diante da Itália, por 4 a 1, a selecção nacional conseguiu o apuramento aos quartos-de-final, mercê de duas vitórias frente aos Estados Unidos, por 4 a 2 e à Colômbia, por 5 a 1, em partidas da segunda e terceira jornadas, respetivamente.

Texto: Redacção • Foto: LUSA

Não foi um bom arranque na prova para os moçambicanos, ao consentirem uma pesada derrota diante da Itália, por 4 a 1, no jogo disputado no pavilhão de Namibe, em Angola. Este resultado colocou a selecção nacional numa situação de pressão na jornada a seguir, visto que, em caso de mais uma derrota, podia ver goradas as hipóteses de atingir as meias-finais, o principal objectivo do país nesta competição.

Contudo, o conjunto de José Querido não facilitou e saiu de Namibe com o triunfo. Os Estados Unidos ainda assustaram os moçambicanos quando, aos seis minutos, Mário Rodrigues cometeu um erro crasso bem aproveitado pelos norte-americanos que abriram o marcador, com um golo que pôs o seleccionador nacional à beira de um ataque de nervos.

Bastaram apenas três minutos para Moçambique restabelecer a igualdade, por intermédio de Bruno Pinto, depois de uma arrancada irrepreensível que culminou com um remate para o fundo das malhas de William. Com o golo, a selecção nacional ficou ainda mais galvanizada e, um minuto mais tarde, deu a cambalhota no marcador por Spiros Esculudes, na cobrança de uma grande penalidade.



As outras selecções estão fortes

Instado a comentar sobre a visível queda de rendimento da sua equipa, sobretudo nos dois jogos que antecederam a última fase de grupos, em que teve de esgotar os últimos segundos para confirmar os triunfos, contra a Quénia por 45 a 39 e Camarões por 48 a 44, Aníbal recorreu à desculpa de que as outras selecções estão mais fortes do que há dois anos, "sem contar com o facto de que rejuvenescemos a nossa selecção".

"Tivemos alguns problemas no decurso dos jogos relacionados com o entrosamento entre as jogadoras. O que mais importa é continuarmos firmes nos nossos objectivos, melhorando jogo a jogo e aprendendo com os erros que vamos cometendo. Vimos a Maputo para revalidar o título", garantiu.

Tenho (quase) a certeza de que vamos ao "Mundial"

Aníbal Moreira acredita no apuramento de Angola para o "Mundial" de basquetebol, prova que terá lugar no próximo ano na Turquia. Mas, para aquele técnico, as atenções neste

momento estão todas elas viradas para o certame que decorre em Maputo.

"Estamos concentrados no objectivo que traçámos para este Afrobasket. Claro que chegando à final temos o apuramento para o 'Mundial' garantido. Mas há coisas que temos de acertar primeiro, como, por exemplo, elevar os níveis de confiança e de coordenação da equipa" disse.

O nível do nosso basquetebol interno não é dos melhores

Mesmo estando em Maputo, Aníbal não deixou de lançar farpas para "dentro de casa". Para o seleccionador nacional daquele "PALOP", se Angola quiser realmente ir ao "Mundial" "para competir e não fazer figura, é importante aumentarmos o número de equipas; elevarmos o nível de competitividade; bem como traçar mais projectos de descoberta e busca de novos talentos. Nenhum talento desponta por si" afirma.

Ainda assim, aquele treinador não deixa de realçar a vontade, quer do Governo angolano, quer do empresariado, de apoiar o basquetebol daquele país, sobretudo a selecção nacional.



Na segunda metade do confronto, com a nossa selecção a contar com o forte apoio do público angolano que esteve em massa no pavilhão, Moçambique precisou de apenas dez minutos para marcar mais dois golos, por Spiros, novamente de uma grande penalidade, e por Bruno Pinto. O outro golo dos Estados Unidos de América surgiu em virtude de a selecção nacional ter abrandado o seu ritmo competitivo.

Jogo contra a Colômbia era decisivo

Na terceira e última jornada da primeira fase, a nossa selecção teve pela frente a equipa da Colômbia, num jogo de "tudo ou nada". A vitória era a palavra de ordem na noite desta terça-feira (24) em Namibe.

Neste confronto, Moçambique não podia começar da melhor maneira ao marcar, logo na primeira parte, dois golos. No segundo período, os pupilos de José Que-

rido entraram "devastadores" e dominaram por completo o jogo. Marcaram três golos, sofreram um e passaram o resto do período a gerir o resultado, naturalmente a pensarem no adversário que teriam na fase seguinte, designadamente Portugal.

Na fase de grupos, a selecção nacional terminou na segunda posição, com seis pontos, menos três do que a Itália que venceu os três jogos que teve pela frente.

Angolanos apoiam Moçambique

Depois da eliminação precoce da equipa anfitriã, esta decidiu apoiar a selecção nacional de Moçambique, sobretudo no jogo dos quartos-de-final diante de Portugal. Percebe-se: Portugal foi a grande responsável pela eliminação de Angola na fase de grupos.

Assim, Moçambique não se ressentiu da falta de apoio por parte do público no pavilhão multi-uso de Luanda, depois de ter impressionado com a sua qualidade nos jogos que tiveram lugar em Namibe.

A partida entre Portugal e Moçambique disputou-se na última quinta-feira (26), momentos antes do fecho da presente edição do @Verdade.

Moçambique: Liga derrota o Chingale e conserva a liderança

A Liga Desportiva Muçulmana derrotou, no último domingo (22), o Chingale de Tete em jogo da 19ª jornada do Moçambique. O triunfo, por 1 a 0, mantém os muçulmanos no topo da tabela classificativa com 36 pontos, mais dois do que o Ferroviário da Beira, que se encontra na segunda posição.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Manguezze



Numa tarde com uma temperatura propícia para a prática de bom futebol, a Liga Muçulmana recebeu e derrotou, no campo da Matola C, o Chingale de Tete, por 1 a 0. Depois de uma primeira parte em que prevaleceu o "nulo" no marcador, com a equipa da casa a protagonizar as melhores situações de golo, a partida viria a ser decidida somente na etapa complementar.

Num jogo em que o árbitro Inácio Sito se tornou no "décimo segundo jogador" dos muçulmanos, minutos após o reatamento a Liga Muçulmana beneficiou de uma grande penalidade duvidosa, ora desperdiçada por Sonito que desferiu um remate denunciado para uma defesa espectacular de Goodfrey.

No seguimento deste lance, o Chingale de Tete saiu em contra-ataque rápido e, numa jogada de insistência, Cantoná desviou manifestamente a trajectória da bola com mão direita no interior da grande área, com o árbitro a mandar prosseguir a jogada.

A turma canarinha do planalto da província de Tete não descanhou e agigantou-se, encorralando os donos da casa no seu próprio campo.

Ao minuto 78, a equipa de arbitragem voltou a entrar em destaque ao anular um golo de Alon que, num cruzamento pela esquerda, conseguiu fugir à marcação dos centrais muçulmanos para, de cabeça, introduzir o esférico no fundo das malhas

de Caio. Para o árbitro, aquele avançado partiu em posição irregular.

Um minuto depois, a Liga Muçulmana chegou ao único tento da partida, apontado por Sonito, mercê de um pontapé de bicicleta na zona de grande penalidade.

Ainda nesta jornada, o Costa do Sol humilhou o Têxtil de Punguè por 4 a 1, com golos de Nelson, João Mazine, Alvarito e Manguelito II. Do lado dos fabris da Manga, Luís foi o "salvador".

Esta derrota precipitou a demissão do técnico Caló do comando técnico daquela equipa do Chiveve, cargo que poderá ser ocupado por Miguel dos Santos que terá como alvo principal garantir a manutenção do Têxtil no Moçambique.

Poule: Desportivo vence em Inhambane e continua na liderança

O Desportivo de Maputo conquistou mais três pontos na poule de apuramento ao Moçambique, edição 2014 ao derrotar, por 2 a 0, o Ferroviário de Gaza. Nas zonas Centro e Norte, o Textáfrica de Chimoio e o Ferroviário de Pemba assumiram, respectivamente, o topo das tabelas classificativas.

Texto: Redacção • Foto: Miguel Manguezze



No Sul do país, o Desportivo de Maputo não desarma e já começa a ficar claro que estará na próxima edição do Moçambique. Depois de derrotarem o Estrela Vermelha da Beira no confronto directo da jornada passada, desta vez os alvinegros foram a Maxixe arrancar os três pontos ao Ferroviário de Inhambane, mercê da vitória por 2 a 0.

Num outro jogo desta fase, o Estrela Vermelha derrotou o MG da Matola, por 1 a 0, enquanto o Incomáti desapontou ao empatar, sem abertura de contagem, diante do Ferroviário de Gaza. A Associação Desportiva da Maxixe goleou o Samora Machel de Chókwè, por 3 a 1.

Com esta combinação de resultados, o Desportivo de Maputo mantém a liderança com 13 pontos, mais três do que o Estrela Vermelha e o Ferroviário de Gaza. Na cauda da tabela classificativa está o MG da Matola, que ainda não pontuou.

Textáfrica suplanta Ferroviário de Quelimane

Na zona Centro do país, o Textáfrica de Chimoio recebeu e derrotou o Ferroviário de Quelimane, seu oponente directo na luta pelo lugar reservado no Moçambique, por 1 a 0.

Quadro de resultados

Costa do Sol	4	x	1	Têxtil de Punguè
Clube de Chibuto	0	x	1	Fer. da Beira
HCB de Songo	1	x	0	Fer. de Nampula
Matchedje	*	x	*	Fer. de Maputo
Desp. de Nacala	1	x	1	Maxaqueñe
Liga Muçulmana	1	x	0	Chingale de Tete
Estrela Vermelha	1	x	1	Vilankulo FC

**Adiado

Próxima Jornada

Costa do Sol	x	Fer. da Beira
Têxtil de Punguè	x	Fer. de Nampula
Clube de Chibuto	x	Fer. de Maputo
HCB de Songo	x	Maxaqueñe
Matchedje	x	Chingale de Tete
Desp. de Nacala	x	Vilankulo FC
Liga Muçulmana	x	Estrela Vermelha

L	Clubes	J	V	E	D	GM	GS	DG	P
1º	Liga Muculmana	17	11	3	3	31	12	19	39
2º	Fer. da Beira	19	10	4	5	27	22	5	34
3º	HCB de Songo	19	8	7	4	24	13	11	31
4º	Maxaqueñe	18	9	4	5	22	14	8	31
5º	Clube de Chibuto	19	9	4	6	19	19	0	31
6º	Desp. de Nacala	19	7	8	4	16	12	4	29
7º	Costa do Sol	17	7	6	4	23	16	7	27
8º	Fer. de Maputo	18	7	5	6	16	15	1	26
9º	Fer. de Nampula	18	5	5	8	16	22	-6	20
10º	Têxtil de Punguè	19	5	5	9	13	26	-13	20
11º	Estrela Vermelha	18	4	7	7	12	18	-6	19
12º	Vilankulo FC	18	5	3	10	12	19	-7	18
13º	Chingale de Tete	17	4	5	8	9	13	-4	17
14º	Matchedje	18	1	4	13	11	30	-19	7

Ainda nesta região, o Chimoio FC derrotou o FC da Angónia, por 2 a 1, enquanto o Sporting da Beira venceu, por 2 a 0, as Águias de Angónia. Entre o Palmeiras de Quelimane e o FC da Beira registou-se um empate sem abertura de contagem.

Concluída a quinta jornada, o Textáfrica de Chimoio lidera a prova com 10 pontos, mais um do que a locomotiva de Quelimane ainda que com um jogo a menos.

Ferroviário de Pemba assalta a liderança da prova

Na zona Norte do país, o Ferroviário de Pemba derrotou o Benfica de Monapo, por 2 a 0, enquanto a UP de Lichinga goleou a Associação Desportiva de Cuamba, por 3 a 0. O Ferroviário de Nacala, por sua vez, venceu o Desportivo de Mueda, por 1 a 0.

Com estes resultados, o Ferroviário de Pemba lidera esta fase de apuramento com 10 pontos, mais um do que o Ferroviário de Nacala e a Universidade Pedagógica de Lichinga.

Quadro completo de resultados

Zona Sul		Zona Centro		Zona Norte	
Fer. Inhambane	0 - 2	Desportivo	P. Quelimane	0 - 0	FC da Beira
AD da Maxixe	3 - 1	Samora Machel	FC de Angónia	1 - 2	Chimoio FC
Fer. de Gaza	0 - 0	Incomáti	Textáfrica	1 - 0	Fer. Quelimane
Estrela Vermelha	1 - 0	MG da Matola	Sport. da Beira	2 - 0	Á. Angónia
Próxima jornada		Próxima jornada		Próxima jornada	
Desportivo	-	Incomáti	Á. Angónia	-	Chimoio FC
MG da Matola	-	Fer. Inhambane	Fer. Quelimane	-	Sport. da Beira
AD de Maxixe	-	Fer. de Gaza	FC da Beira	-	Textáfrica
Samora Machel	-	Estrela Vermelha	P. Quelimane	-	FC de Angónia

Diga “não” aos direitos humanos!

No concerto da gravação do seu primeiro DVD, Jah Lite, além de realizar um espetáculo invulgar, Ras Haitrim disseminou uma mensagem – que se for avaliada sem se considerarem os seus argumentos, pode-se concluir que é – perversa. É que ordenou que “não defendamos os direitos humanos”. Talvez haja alguma vantagem. Experimentemos...

Texto & Foto: Inocêncio Albino

Há vezes em que os Homens precisam de se deixar, deliberadamente, conduzir por Jah a fim de libertarem o espírito Reggae que habita em si. Por isso, numa noite de calor intenso, como o da sexta-feira passada, 13 de Agosto, em Maputo, os amantes desse género musical encontraram-se no Centro Cultural Franco-Moçambicano. Iam ver Ras Haitrim e a sua banda Word Sound and Power.

Acredita-se que Jah esteve lá – e viu o concerto – afinal foi suplicado e sublimado do princípio até o fim. Mas quem dirigiu a actividade foi Ras Haitrim. Era o seu dia. Gritou, pulou, cantou, disse palavras especiais, encantou os presentes que saltitaram em proporções quase similares às suas. Foi uma festa com um decurso muito imprevisível, porque não apenas Ras e os seus convidados cantaram – o público também o fez. O evento foi uma pura interacção.

Poderia ter havido muito mais gente. Assim, o DVD seria muito rico. Mas os presentes desempenharam o seu papel – rumo à sublimação da música Reggae. Todos estavam vinculados por uma espécie de One Love – a segunda música exposta pela colectividade.

A excelente qualidade de execução dos instrumentos por parte de Ras Kafre, o baterista, Mighty Mito, o baixista, Jojó Zita, o teclista, Samito Tembe, o percussionista, e o guitarrista Diogo não só garantiu que se tivesse um concerto com elava qualidade, como também que nós, os espectadores, estivéssemos numa espécie de Security Place. Ou, pelo menos, assim cantou Ras Haitrim.

Depreende-se que esta performance se deveu mais ao



talento e ao engajamento dos artistas do que à experiência acumulada ao longo de muitos anos na área. Esses instrumentistas são muito jovens.

Ampliar o reino para criar o império

Atraídos por tal segurança, também tivemos actuações invulgares de convidados como Wazimbo e Valdemiro José que, não obstante o facto de explorarem um estilo musical diferente, se sentiram confortáveis no Reggae. É que a diferença que existe entre o Reggae e o resultado que se nos foi apresentado foi ténue.

Como se percebeu – desde a entrevista colectiva, nas vésperas, até à realização do concerto – Ras Haitrim quer expandir o reino da música Reggae no país. Por isso, induziu Valdemiro José a dizer ao público que irá publicar um trabalho discográfico, contendo Reggae. Promessa é dívida, costuma-se dizer; por isso esperemos para ver e consumir.

Até este nível o concerto estava muito bom. O problema é que Ras Haitrim (este jovem de 33 anos de idade com um espírito muito mais velho que isso, como afirma), depois referiu que “é melhor não defendermos os direitos humanos”. Disse-o em forma de ordem. Ficámos com algum receio porque, como ele é que estava a dirigir aquela congregação musical e todos os presentes, poderia influenciá-los nesse sentido – o que seria um problema.

Na sociedade em que vivemos, atordoada pela acção de gente que, recorrentes vezes, faz da vida a negação da própria vida, imagine-se que as organizações que defendem os direitos humanos abandonem a sua missão! O que seria das pessoas oprimidas e que, vezes incontáveis, vêem os seus direitos básicos abusados violentamente? O estimado leitor há-de convir que se produziria um caos social. Naquela noite, Ras Haitrim estava inspirado – o que se constatou a partir do que falou e da interactividade que produziu no concerto de mais de três horas. “Toda a mudança é boa” – aportou uma nova ideia e atacou as Organizações Não Governamentais, dando-lhes a seguinte orientação: “Todas as ONGs que vêm a Moçambique para nos ajudar não se metam nos aspectos inerentes à nossa cultura”.

Se Ras Haitrim, ou qualquer outro familiar ou admirador seu estiver a ler este artigo, agora, poderá – é uma possibilidade sobre a qual cogitamos – achá-lo

demasiado chato, por entorpecer os factos, narrando-os parcialmente. Então, apresentemos os argumentos do artista.

Para sustentar a sua tese, o autor da famosa música Jah Lite sugere-nos que “lutemos pela paz, pelo amor e pela harmonia social para todos. Se defendermos, apenas, os direitos humanos, o que será das plantas e dos animais?” Construímos, imediatamente, um gancho para perceber a sua filosofia, questionando-o novamente. Os parágrafos que seguem são uma resposta integral, mais elaborada, sobre o seu ponto de vista.

“Para mim, toda a mudança é boa quando for necessária. Por isso, eu não posso introduzir uma transformação numa certa cultura – só porque tenho a minha como padrão. No entanto, nós nessa situação no país.

As organizações internacionais vêm a Moçambique, apoiam-nos, mas também têm algo a dizer-nos. O problema é que não pesquisam nada sobre a nossa cultura. Impõe-nos os seus padrões de vida – sem considerar o nosso contexto. Por exemplo, se as pessoas têm mercado no centro da cidade de Maputo, o mesmo não pode ser transferido para outro espaço sem que, antes, sejam consultadas as pessoas.

Consultadas, as pessoas dirão, por exemplo, que se estão mal-situadas no seu espaço habitual, numa situação em que os seus clientes estão na zona do Museu, então que sejam transferidas para lá. Ou seja, iria-se produzir certo consenso, antes de se transformar o local. No entanto, na prática, e neste momento, nós não vemos isso a acontecer no país.

Participei num curso sobre os direitos humanos, na vertente da mulher. Por isso, penso que não vale a pena apostar só numa variante quando se trata de direitos como, por exemplo, os da mulher e defendê-los. É melhor lutarmos pelos direitos do Homem, dos animais e das plantas de forma integrada. Assim teríamos um mundo melhor – constituído por Homens, plantas e animais.

Há países em que a pessoa é encarcerada por cortar uma planta ou matar um animal. Para mim, nesses países, a qualidade de vida é melhor, porque os Homens circulam nos parques e, com medo de ser predados, os pombos, por exemplo, não os abandonam. É muito bom educar todas as pessoas à base da cultura da paz. Mais vale ter a cultura de paz, o amor e a harmonia do que gastar dinheiro e tempo lutando, de uma forma isolada, pelos direitos somente da criança, da mulher ou da pessoa idosa”.

Diante de tudo isso, faz sentido que o concerto de Ras Haitrim tenha terminado com uma ordem evangélica: “Go and tell the world!”

A Boa Viagem de Maimuna Adam

A exposição de artes plásticas que, recentemente, foi inaugurada no Centro Cultural Kulungwana, contendo obras da autoria da artista plástica Maimuna Adam, desperta a atenção do público. Intitulada Bon Voyage, ou simplesmente Boa Viagem, as criações transportam-nos para mundos imemoriais, memoráveis, actuais e fictícios...

Texto & Foto: Reinaldo Luis

Falando ao @Verdade, Maimuna Adam diz que o título da mostra revela muito mais do que uma simples partida física dos homens – de um lugar para o outro – mas, também o desaparecimento da alma, de uma memória ligada à viagem e de tudo o que vai e vem sempre que assim o tempo determinar.

“A mostra Bon Voyage inspira-se num trabalho que resulta da minha experiência laboral ao longo de várias viagens pelo mundo”, refere a artista que está preocupada com os percursos que a distanciam dos seus familiares, muitos dos quais espalhados pelo mundo, onde experimentam novas maneiras de ser e estar nessas culturas.

Maimuna tem fé de que, independentemente do idioma de cada pessoa, a linguagem que se emprega nas suas criações é universal e, por essa via, utilizada pela humanidade. É verdade que existem diferenças sutis, mas todas as pessoas que experimentam uma viagem, muitas vezes, não têm como evitar um “até à próxima”. Trata-se de um experiência – à partida – muitas vezes emocionante que, se não nos impele a chorar, instala em nós um vazio em relação a quem abandonámos.

Essa vivência repete-se quando acabamos de conhecer alguém que não obstante, sem explicação nenhuma, ao tornar-se importante nas nossas vidas, tem de, imediatamente, partir.

É dentro desse contexto que se explica que, na verdade, ninguém gosta da despedida e da partida, mas a maioria das pessoas aprecia os votos de uma boa viagem. Esta migração que nos leva à procura da



materialização de diversos motivos, algo que está mais além, marca sempre a história dos povos.

Nesse sentido, as viagens são uma experiência que, para Maimuna Adam, também marca os moçambicanos desde os tempos imemoriais. “As razões e as histórias são desconhecidas e variadas, porque dependem das necessidades das pessoas, incluindo a sua sede pelas aventuras”.

A mostra Bon Voyage está patente no Centro Cultural Kulungwana, em Maputo, até o início de Novembro próximo.

Chuvas de abraços para Almíro Lobo

Texto: Reinaldo Luis

Homenageia-se no próximo sábado, 28 de Setembro, o conceituado académico moçambicano, Almíro Lobo, num evento que se enquadra no programa de Noites de Abraços...

A iniciativa, que terá lugar num espaço com tradição, o Centro Cultural Ka Edith, no bairro da Machava-Sede, tem sido uma plataforma de encontro de celebridades moçambicanas e os seus admiradores.

Sabe-se que Almíro Lobo nasceu na província de Zambézia em 1960. Obteve o grau de bacharel no ensino de Português em 1978 pela Faculdade de Educação da Universidade Eduardo Mondlane. Iniciou a carreira de professor em 1979, lecionando no ensino primário em Niassa. Concluiu a Licenciatura em Estudos Portugueses e Ingleses e o Mestrado em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Lobo dedica-se, para além do ensino, à pesquisa e crítica literária. Tem dois livros publicados, designadamente, “A escrita do real”, lançado em 1999, e “Leituras ensaiadas” dado à estampa no corrente ano.



Toma que te Dou

Alexandre Chaúque
bitongachauque@gmail.com

O sol ainda não nasce para todos!

Imaginei-me a ir outra vez ao Palácio da Ponta Vermelha onde o Presidente Armando Guebuza me esperava sentado numa cadeira de madeira de pau-preto recheada de almofadas de seda. Fiquei espantado com o facto de ele estar a fumar cachimbo com tabaco perfumado, porque o que se sabe, e isso foi noticiado em todo o mundo, é que o nosso chefe de Estado abdicou desse acto agressivo aos pulmões, aos dentes e aos lábios. Mas também me lembrei de um ditado segundo o qual “só um estúpido é que não muda de ideia”.

A segurança do Presidente está reforçada. As armas brilham em todo o perímetro dos cobiçados e perigosos aposentos. Os guardas, bem alimentados e vestidos com uniforme a cheirar sempre a novo, movem-se. Uns discretamente, outros de forma por demais óbvia. Mas cada vez que se investem milhões de dólares do nosso suor para proteger o chefe máximo da Nação, Guebuza parece ter cada vez mais medo. E essa reacção pode estar traduzida no regresso ao cachimbo.

Levantou-se quando chegou e estendeu-me cordialmente a mão que segurei com vigor, ao mesmo tempo que me curvo em respeito ao Chefe de Estado, respondendo à saudação, num ambiente tenso. Compreensivelmente tenso porque Guebuza está, absolutamente, na corda bamba.

Estamos frente a frente e eu, gozando da minha liberdade de cidadania, disse ao Presidente aquilo que penso.

- Senhor Presidente, o sol neste país ainda não nasce para todos, ou melhor, só desponta para um punhado de pessoas, e aqueles que continuam no escuro estão a colecionar feridas!

Guebuza sorriu. Gaguejou. Levou o cachimbo – apagado – à boca.

- Sabe, estou com uma vontade tremenda de fumar mas não o posso fazer em respeito a ti.

- Fique à vontade senhor Presidente, estamos ao ar livre.

- Não, não posso. Fui educado a respeitar os outros.

- Muito obrigado, senhor Presidente.

Senti-me lisonjeado pela elevada consideração, mas o que eu queria é que o Chefe de Estado comentasse o que lhe dizia, o sol ainda não nasce para todos em Moçambique, ou melhor, só nasce para um punhado de pessoas.

Examinei o arsenal disponível para defender o representante máximo da Nação, puxei igualmente pela minha imaginação e vi um búnquer e vários sistemas electrónicos da mais alta tecnologia, que podem ser accionados em caso de o rio mudar de direcção. E a conclusão a que cheguei é a de que tudo aquilo não era nada. Tudo aquilo era falso. Porque o rio, quando se enfurece, não há nada que o segure.

Mas eu estou aqui com o Presidente de todos os moçambicanos. Frente a frente. Quero transmitir-lhe palavras. Dizer-lhe o que penso, como cidadão. Não levo nenhum feixe de azagaias. Nem pólvora. Nem farpas. Apenas trago nas mãos o sangue das nossas feridas para dizer, senhor Presidente, o sol ainda não nasce para todos em Moçambique, ou seja, apenas nasce para um punhado de pessoas!

Uma dança que ilumina a tradição do litoral

As mulheres da região costeira de Moçambique identificam-se com o Tufo, uma dança originária da Ásia. Geralmente, elas emigram para o interior do país onde criam colectividades que se dedicam a essa manifestação, a fim de perpetuar um prática dos seus ancestrais. No bairro de Muatala, algures da cidade de Nampula, existe o grupo Estrela Vermelha que, há 13 anos, se dedica ao tufo.

Texto & Foto: Sebastião Paulino

Em 2000, 23 mulheres criaram o grupo Estrela Vermelha de Muatala, especializada na prática do Tufo, para preservar a tradição dos seus antepassados e sustentar as suas famílias.

A maior parte dos membros da colectividade é oriunda da Ilha de Moçambique, Angoche, Moma e Mussoril. O Tufo é para estas mulheres uma actividade de renda, afinal elas são desempregadas.

Grosso modo, o tufo é praticado nos eventos festivos como os referentes a feriados nacionais. Nesse movimento, essencialmente feminista, os homens são, exclusivamente, instrumentistas.

Durante as actuações, as bailarinas apresentam-se sempre maquilhadas e com o rosto pintado de mussiro. Entre as dançarinas existe uma hierarquia de beleza e formosura, isto é, as mulheres com os rostos e corpos mais formosos ficam na linha da frente para exprimir a feminilidade macua.

Por outro lado, as bailarinas usam um uniforme composto por capulana, blusa e lenço com cores vistosas. As capulanias são amarradas na cintura, uma por cima da outra, cobrindo as pernas.

A luta contra o desemprego em Nampula foi um dos motivos que animou as mulheres na criação do Tufo. É assim que Mariamo Mussagy convocou as mulheres que se tornaram membros do grupos para discutirem os mecanismos de apoarem os seus maridos nas despesas domésticas. A solução encontrada foi a criação do grupo Estrela Vermelha do Muatala.

Um dos primeiros desafios enfrentado pela colectividade foi a falta de material, mas o facto de que a sua maioria era praticante de Tufo foi um estímulo.

No debate chegou-se ao consenso de que cada elemento devia desembolsar 200 meticais para a aquisição das ferramentas para a actuação. Agendou-se que os ensaios passariam a acontecer aos fins-de-semana.



Segundo Mariamo Mussagy, a primeira actuação realizou-se na Praça dos Heróis Moçambicanos e o grupo foi bem-sucedido, o que lhe valeu convites para actuar noutra cerimónias.

Depois da aparição vitoriosa, o grupo passou a ensaiar na Casa Provincial da Cultura, a convite de alguns grupos culturais que também praticam Tufo.

Mussagy refere que à medida que se conquistava o mercado, o conjunto manifestou o interesse de actuar noutros palcos fora da cidade de Nampula. As primeiras zonas de expansão foram os distritos de Meconta, Rapaile, Mogovolas e Murrupula.

Entretanto, apesar de o grupo Estrela Vermelha de Muatala estar a progredir na área em que actua, Mariamo considera que a sua grande aposta não é, necessariamente, actuar fora de Nampula, mas formar os jovens para perpetuar aquela prática.

Para concretizar esse desejo, aos fins-de-semana, o grupo forma crianças com idades compreendidas entre 10 e 16 anos, sendo a maior parte delas do sexo feminino.

Kuphaya



Cremildo Bahule
cremildo.bahule@gmail.com

INFLUÊNCIAS URBANAS

Inertes constroem-se no limiar da claridade urbana. Aparentemente, corpos movimentam-se, num simbolismo perpendicular à lua, onde cada fio lunar representa um traço arquitectónico de corpos que se desfazem em pequenas palavras, em pequenos sons, porque palavras e sons constroem o poema.

Na lógica urbana cada corpo é um poema e cada poema é uma vida, onde o poeta retira das falsas injúrias os prodígios da alma que se fecundam em cada manhã, onde margaridas descalças e algumas pétalas caídas, fecundam as ruas do gueto, que cresceu sem fim.

Ah, que belo ver o gueto iluminado pelo raiar da lua onde os corpos se influenciam sem olhar para a densidade urbana que cada espírito carrega no avesso do corpo.

Corpo: linguagem carnal de manifestação social.
Corpo: espaço híbrido de sensibilidade espiritual.
Corpo: o gueto, onde habita a alma.

No plano urbano Tudo se confunde, Tudo se influencia, porque os corpos estão grafitados e as paredes estão tatuadas, na densidade húmida do verso que jaz e se dissolve no desencanto espaço, onde a amargura se tornou feliz na infelicidade dos olhos do povo.

O povo encontra-se no desfileiro das ruas do gueto, olhares se cruzam com cumprimentos disfarçados:
- Olá Bela, como estás?
- Eu estou bem e boa. E tu?
- Sabes, toda a mulher é um poema!
- Calma Kelesa.
- És a vizinha mais bonita do bairro!
- E tu és o poeta mais louco do gueto.

Da guerra, do diálogo, da palavra, os homens vão esculpindo influências urbanas onde face a face, os homens lutam com azagaias buscando uma liberdade que ainda está por construir.

E quando passeio nas ruas do meu gueto com a minha pose de poeta e com o meu corpo tatuado de grafites, vejo homens e mulheres que não são homossexuais nem lésbicas, apenas são homens e mulheres que desfilam os seus corpos desnudos para anunciar uma nova revolução, onde o corpo é o novo universo da liberdade.

E quando a lua desaparece percebo que no meu gueto haverá num dia, um dia de ventura, onde a atitude das influências urbanas fecundará novas sombras de paz, de amor e ternura.
E os corpos, no meu gueto, brilharão como flores na construção de um novo arco-íris.

ACONTECEU

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade

O Jornal mais lido em Moçambique

ENTRETENIMENTO**PARECE MENTIRA...**

O músculo mais forte do corpo humano é a língua.

Uma barata pode sobreviver nove dias sem a cabeça até morrer de fome.

O olho da aveSTRUZ é maior do que o seu cérebro.

A borboleta tem o seu sentido do paladar nos pés.

O louva-a-deus macho não pode copular enquanto tiver a cabeça conectada ao corpo.

A fêmea inicia o acto sexual arrancando-lhe a cabeça.

PENSAMENTOS...

- As pessoas que trabalham para a imortalidade não sabem o que fazer numa tarde de chuva.
- O caminho para chegar a casa é muitas vezes o mais curto para o casamento.
- As mulheres e os homens novos estão sempre prontos a revelar os segredos que sabem pela vaidade de terem confiado neles.
- A celebridade dos antigos autores não vem da reverência dos mortos, mas da competição e inveja mútua dos vivos.
- Quem tem boca não se perde.
- A dor ensina.
- Não vás de mãos vazias diante dos grandes.
- Mão demais, trabalho de menos.
- O bom princípio é metade.
- Água vertida nem toda é colhida.
- O coelho não dança de alegria em dois lugares.
- Um cão reconhecido é sempre melhor que um homem ingrato.
- O trabalho ajuda sempre, e a sorte só às vezes.

RIR É SAÚDE

O oculista pergunta a um cliente avaro:

- Como se vai dando com os seus óculos?
- Muito bem. Muito bem. E... sabe? Para poupar as lentes só me vou servindo da armação.

Um comerciante, à hora da morte, convocou os filhos.

- Estás aí Sambe? Chega-te cá, meu filho. E o Balindo, também veio? Onde está o Mavimbe?
- A mulher tenta acalmá-lo:
- Repara bem. Estão todos aqui.
- Com mil raios! E quem ficou na loja?

Uma senhora vai no comboio com o bebé ao colo e comece a dar de mamar ao garoto.

O passageiro que ia em frente, lendo o jornal, repara a certa altura que a senhora tinha um seio muito bonito, e já não olha mais para o jornal. A senhora, um bocado aborrecida com a insistência do olhar, diz-lhe:

- Parece impossível! O senhor nunca viu dar de mamar a uma criança?
- A senhora desculpe, e não leve a mal, mas o problema que se põe é este: eu fui alimentado a biberão, nunca tive o prazer de mamar. É essa a razão de eu estar a olhar embevecido.
- Ah! Coitadinho! Se o senhor quiser experimentar...

O homem aproximou-se da senhora, e ela mete-lhe o seio na boca; o tipo começa a mamar, chupa, chupa, pára um bocadinho, e a senhora, que já estava a torcer-se toda, pergunta-lhe com uns olhos muito meigos:

- Então, o senhor não quer mais nada?
- Sim. Agora caíam bem umas bolachinhas.

Dois amigos voltam a encontrar-se depois de algum tempo, e um deles conta:

- Sabes? Nova Iorque é uma cidade extraordinária e muito acochelhadora. Sai-se do avião e há logo quem comece a conversar com a gente; pagam-nos uma bebida, levam-nos a visitar a cidade, e oferecem-nos mesmo um quarto num hotel.
- É formidável! E aconteceu contigo tudo isso?
- Não, não foi a mim. Mas aconteceu à minha irmã.

A visita pergunta ao novo-rico, dono da casa:

- Este quadro é de Rafael?
- O ricaço, agastado:
- Aqui na minha casa não há nada do Rafael ou do Francisco. Tudo isto é meu, muito meu.

FRASES DE PALAVRAS INVERTIDAS

Moçambique precisa de preservar a paz que foi conquistada com muita dor pelos seus melhores filhos

Na sopa de palavras abaixo, descubra os termos destacados no texto.

B	Z	C	B	E	F	H	A	M	O	Ç	A	M	B	I	Q	U	E	J	K	L	B	A	P	F	D	M	G	D	N
O	Z	H	F	L	S	P	T	A	B	P	R	E	C	I	A	F	Q	S	N	G	T	V	H	D	G	I	A	K	K
T	D	A	G	E	X	O	H	P	R	E	S	E	R	V	A	R	B	R	O	K	S	V	D	S	T	B	P	D	U
V	A	R	U	G	Q	S	E	T	E	T	V	D	B	K	C	V	D	U	S	I	R	U	C	J	X	R	O	O	H
P	A	Z	C	E	I	F	Q	S	U	K	A	U	T	A	R	Q	U	A	S	T	R	S	W	T	J	E	X	R	D
E	F	S	Q	R	C	O	N	Q	U	I	S	T	A	D	A	J	D	E	G	O	Q	A	R	U	F	S	V	V	B
D	U	I	W	S	R	E	C	E	N	S	A	M	E	N	T	O	R	U	C	J	D	E	F	I	L	H	O	S	

Cartoon

**HORÓSCOPO - Previsão de 27.09 a 03.10**

carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Finanças: A semana favorece as questões de ordem financeira e poderá proceder a pequenos investimentos na compra de novos equipamentos para sua casa. As aplicações de capital de médio risco encontram, neste período, um momento favorável.

Sentimental: Perfeito, deverá ser o entendimento sentimental dos nativos deste signo. Grande aproximação do casal, ternura e manifestações amorosas contribuirão, largamente, para uma semana feliz.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Finanças: Tudo o que se relacionar com dinheiro não encontrará, durante este período, o tão desejado equilíbrio. A situação poderá tornar-se, um pouco, complicada e a sua força pessoal terá um papel importante, no sentido de inverter esta tendência.

Sentimental: Será este aspecto que lhe trará os melhores e mais agradáveis momentos. O entendimento com o seu par será absoluto e, através de um relacionamento inteligente, virá uma semana muito agradável. Alguma tendência para o ciúme, caso se manifeste pelo ciúme não deverão ser alimentadas pelo casal. Não será uma semana muito favorecida para se iniciarem relações amorosas.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Finanças: Alguma instabilidade financeira aconselha a que seja prudente, em tudo o que se relacionar com este aspeto. Não se deixe vencer pela dificuldade deste período. Será aconselhável que se evitem as despesas desnecessárias.

Sentimental: O seu relacionamento sentimental poderá atravessar um período crítico. Use o diálogo como forma de entendimento. As discussões motivadas pelo ciúme não deverão ser alimentadas pelo casal. Não será uma semana muito favorecida para se iniciarem relações amorosas.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Finanças: Período caracterizado pela estabilidade; assim, não deixe de aproveitar a segurança que este aspecto lhe transmite para que, de uma forma tranquila, possa construir e consolidar outros aspectos da sua vida.

Sentimental: O entendimento com o seu par será uma realidade. Não deixe de aproveitar este período, tão favorecido, para consolidar a sua relação amorosa. Alguma tentativa para criar problemas relacionados com ciúmes deverá ser evitada, por si, a todo o custo.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças: Regulares, no entanto, será aconselhável que tome algumas precauções em matéria de despesas. Para o fim da semana, este aspecto manifestará alguma tendência para melhorar.

Sentimental: O relacionamento amoroso será perfeito e, se bem gerido pelo casal, poderá viver momentos bem agradáveis. Possíveis, mas nulas tentativas de estragar a relação, poderão verificar-se. Será uma boa altura para o início de novas relações, para solteiros.



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças: Este aspecto caracteriza-se por algumas preocupações inerentes à não entrada de dinheiro e à necessidade de cumprir com os seus compromissos. Tente encarar este aspecto com alguma tranquilidade e esperança de que tudo mudará e que, para isso suceda, necessita de manter os seus níveis de confiança em alta.

Sentimental: Aspeto que poderá ser marcante, durante este período. Não hesite em demonstrar o que sente pelo seu par e verificará que uma boa e saudável união contribuirá, de uma forma marcante, para que os outros aspectos sejam encarados com mais objetividade.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças: Tudo o que se relacionar com dinheiro encontrará-se favorecido e poderá proceder a pequenos investimentos. Algumas aquisições necessárias que tem tido receio de fazer encontram, nesta semana, uma altura favorável; no entanto, deverá ter presente que os tempos que correm aconselham a alguma precaução.

Sentimental: Uma maior aproximação do seu par, a comunhão das coisas boas e das desagradáveis servirão para consolidar e fortalecer a sua relação; assim, não guarde para si problemas que divididos entre os dois tornar-se-ão mais fáceis de suportar.



peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

Finanças: As suas finanças deverão iniciar um período de revigoramento. Embora sendo criterioso na forma como faz as suas despesas, esta será uma boa altura para proceder à compra de objetos que lhe sejam necessários. Apesar de este aspecto ser favorecido, deverá ser prudente nos seus gastos.

Sentimental: Seja mais tolerante no relacionamento com o seu par. Ambos têm necessidades e carencias; assim, não se coloque em primeiro lugar, nem pretenda ser o dono da razão. Um bom e saudável diálogo poderá resolver.

Selo d'@Verdade**Carta aberta aos libertadores da Pátria****Quem pode responder-me estas inquietações?**

Não sou jovem, pertenço à geração dos da luta armada. Não fui à luta armada porque nem todos deveríamos lá ir e nem tive condições para o efeito. Naturalmente, compreendi as razões da luta armada de libertação em 1970 e, a partir daí, apoiei e acreditei no que a falecida Ivete Mboia, na altura, me dizia. Entre muitas coisas, ela vincava que lutar para libertar a terra e os homens do jugo colonial português era uma acção justa, pois o sistema vigente era uma coisa dolorosa e detestável.

Ela comparava o colonialismo a alguém que sofria de falta de tudo e que viesse à sua casa pedir para ser acolhido e depois tornar-se dono(a) da casa. Chegou o 25 de Abril de 1974 e o grupo Massinga, Taurino Migano, Sumbana, Muthemba e outros juntou alguns jovens, na altura, para chamá-los à consciência sobre a luta de libertação e que o futuro ainda era incerto, havendo assim a necessidade de se avançar para várias frentes.

A mim, Ana Maria, Guilhermina, Calisto e Milagre Mazuze coube-nos o trabalho de mobilização na zona sul e, infelizmente, a caminho de Chibuto tivemos um grande acidente do qual saí sem uma única lesão, mas os meus colegas ficaram feridos. Porém, antes trabalhei na organização das mulheres para a causa da luta pela formação da nova sociedade, por isso, fui da OMM. Acreditei e li em livros, dizendo que a Frelimo era um movimento de massas, um movimento anti-colonialista, anti-capitalista, anti-racista, anti-regionalista, anti-corrupção de tal sorte que ter amante, na altura, era visto como uma pessoa corrupta.

Nunca na época se vislumbrava a dimensão da actual corrupção, daí o facto de ter aderido à revolução encabeçada pela Frelimo com maior vigor por acreditar nos seus ideais. A avidez por dinheiro era impensável; quanto a mim, o dinheiro, esse sim, era necessário para a satisfação das necessidades básicas, mas tudo o que era ambição exagerada era combatido. Talvez o básico mesmo era suficiente, pois com 5.50 (cinco escudos e cinquenta centavos) dava para um litro de gasolina normal para o meu Volkswagen 1200 que eu tinha e dei boleia a muitos que chegaram da luta de libertação e que, na altura, nem sabiam comer com faca e garfo na mesa.

Anos depois, apesar da sobrevivência com repolho, farinha amarela e peixe sem cabeça que nunca chegou a saber que peixe era, vivímos moralmente felizes, e é por isso que aceitávamos ir à machamba do povo, limpar as estradas, ir à colheita do arroz no Chókwé com Jorge Tembe, na altura, director do Complexo Agro-Industrial do Limpopo, ex-colonato do Limpopo.

Mas, deixo para os historiadores o relato das várias etapas por que passou este país e vamos agora à minha indignação dirigida às senhoras e aos senhores libertadores da pátria amada: Deolinda Guezimane, Graça Machel, Marina Pachinuapa, Marcelino dos Santos, Jorge Rebelo, Joaquim Chissano, Raimundo Pachinuapa, Sérgio Vieira, João Américo Mpumfumo, Hama Thai, Óscar Monteiro, Pascoal Mocumbi, Padre Filipe Couto. Vocês todos respondam-me, por favor: quem foi verdadeiramente o combatente Armando Emilio Guebuza? Sabem porquê?

Samora deixou o país destruído pela guerra, mas tinha moral, ética, identidade e espírito de unidade nacional. Dizia que lutava pela unidade de todos mesmo que tivesse sido em teoria; ele procurava reflectir a moral do seu povo e ninguém imaginava que o actual Presidente estava metido em negócios. Sabem, no meu tempo, filha de uma prostituta subia para o altar de véu e grinalda. Joaquim Chissano saiu do poder e deixou os cidadãos com alguma moral e esperança. Que me lembre não deixou muita gente tão descontente como estão os cidadãos hoje, sem esperança, sem moral, sem dignidade onde cada um só pensa em roubar para ser rico. Nunca ouvi o povo tão revoltado e sem esperança como está agora. Ora, vejamos: a corrupção aumentou sem qualquer plano de acção para o seu combate; a incompetência dos governantes acentuou-se mais e passamos a ver ministros que nem sequer sabem o que fazem, não conhecem a casa que governam, os problemas dos seus pelouros e não medem palavras quando se dirigem aos cidadãos; a criminalidade aumentou assustadoramente; a sinistralidade está a ceifar vidas diariamente nas estradas; os incêndios jamais vistos ocorrem nesta governação; o branqueamento de capitais, o tráfico de órgãos humanos, drogas e

armas fazem parte do sistema de uma forma impune.

Os raptos sucedem-se e atingem números que assustam. A comunidade asiática, apesar de ser composta por moçambicanos com igual direito de protecção, nada é feito para a acudir. No mínimo o Estado deve esclarecer este fenómeno que, ultimamente, virou crime organizado com impacto social e económico bastante negativo. As manifestações de vários segmentos sucedem-se, dia após dia, mas a Polícia de Intervenção Rápida é, de facto, veloz para descarregar sobre cidadãos no gozo dos seus direitos. Para não falar de perseguições consequentes desde o emprego até a casa.

Vivemos, sim, momentos de terror e incerteza. A greve do pessoal da saúde, por duas vezes, sem resposta e que continua silenciosa. Basta ir para qualquer posto de saúde ou hospital para ver como é que o povo sofre. A greve silenciosa na saúde tem efeitos mais nefastos do que a da rua. Os médicos, enfermeiros, todo o pessoal da saúde e suas famílias continuam a sofrer, ameaças, despedimentos, transferências, descontos, processos disciplinares e humilhações. É para isto que lutaram e pensam que nos libertaram?

Libertaram a terra, mas os homens continuam debaixo do sofrimento. Os dois levantamentos populares aconteceram e marcaram os dois mandatos de Armando Guebuza em que as pessoas procuraram demonstrar a sua revolta ante a má governação. E o Governo, no lugar de transmitir mensagem de esperança, distanciou-se cada vez mais, matando inocentes.

Senhoras e Senhores libertadores acima citados e outros esclareçam-me: Quem foi, afinal, Armando Guebuza, ontem, na luta de libertação que tantos anos convosco viveu e não descobriram que é a pessoa com mais espírito de negócios pessoais, ambição e ganância desmedida. Porque não descobriram que ele é que poderia virar o país para o abismo e não somente o Lázaro Nkavandame e Urias Simango que os textos parciais da Frelimo tanto nos deliciam? Digam-me, minhas senhoras e meus senhores: foi para isto que lutaram e tomaram o poder para num minuto tornar a filha dele a mulher mais rica de Moçambique? Não lutaram por uma sociedade equilibrada e de justiça social?

Ei acreditei no socialismo propalado pela Frelimo, não nisto que estou a ver e sentir porque é repugnante. Não tolerei mais, confesso, publicamente. Digam-me, minhas senhoras e meus senhores, porquê e de que medo têm de enfrentar e dizerem-lhe que esta não é a Frelimo que nós construímos em Junho de 1962? O que vos prende a ele ao ponto de engolir tudo isto? O povo está a sofrer e vocês são cúmplices do sofrimento do povo. A história julgar-vos-á por este silêncio do que pelos crimes que cometem durante a luta armada de libertação. Porque durante a luta de Libertação todos estávamos convencidos de que o colono é que era o nosso inimigo e todo aquele que a ele se aliasse ou tivesse as suas atitudes era contra nós.

E hoje, porque o cidadão que já foi amado maltrata o seu povo; persegue-o. Traz exploradores piores que os colonos, pois não sabemos o que irão deixar quando saírem deste solo pátrio onde o colono nos deixou com a terra, os recursos naturais e casas onde hoje habitamos e arrendamos por dólares sem termos construído. Sabem, senhoras e senhores libertadores, esta indignação não é só minha, é de muitos outros cidadãos, e se não saem à rua é porque têm medo da FIR que implantaram para maltratarem o povo que vocês tiraram do colonialismo para pessoalmente maltratarem.

Nas casas, nas ruas, nas festas e nos "chapas" toda, mas toda a gente mesmo, só fala da má governação de Guebuza; escutem o jovem que canta a má governação dele, mesmo os que se encontram no poder dizem que o povo tem razão mas que fazer, temos filhos por sustentar e educar; dizem basta ver como ele exonera os seus quadros: é humilhante nem parece que merecem dignidade. Eles bajulam, dizendo falem vocês, nós o que queremos é garantir o pão.

O Senhor Joaquim Alberto Chissano na última campanha nas instalações da EMOSE afirmou categoricamente que confia no Guebuza porque o que ele promete cumpre. Recorda-se?

Então posso assumir que toda a trama que ele faz é do seu conhecimento e consentimento; é assim que combinaram que quando libertarem a terra quem não foi à luta e as outras gerações vão passar mal. Vão-nos fazer comer o pão que o diabo amassou e vocês outros senhoras e senhores? Recorda-se de que eu, peremptoriamente, lhe afiancei que não iria votar em vós? Significa isto que nós também deveremos ir à luta para nos libertarmos de vocês? Porque é que quando o saudoso Samora vos aconselhava a não lhe entregarem o poder o chamaram de louco ou alucinado? Desvendem-nos o porquê de ele dizer isso.

Senhora Graça Machel, como consegue viver, conviver e fazer negócios com esta pessoa que o seu marido dizia abertamente o que representava para o povo? Que consciência pesa sobre si esposa que preserva o nome de uma pessoa que aos olhos do povo era sã a conviver e fazer negócios com quem o seu marido não aceitaria fazer? Para Samora vale mais o povo do que o dinheiro e para si vale mais dinheiro do que o povo. Responda-me.

Sabem, senhoras e senhores libertadores, a escritora e poetisa Noémia de Sousa já dizia que África é mítica. Sabem porquê? Por causa dos seus mistérios em todas as suas dimensões. Kadafi domou o seu povo, era o mais rico que tinha até uma pistola de ouro. Os seus cidadãos até tinham casas, comida, enfim, o básico, mas como morreu? Porque o povo não tinha liberdade, os direitos fundamentais, pois a liberdade de pensamento, de manifestação e de reunião é fundamental para que o indivíduo viva em paz sem falar por dentro que um dia explode e a explosão, regra geral, mata.

O povo na sua maioria tem saudades de Mondlane que não conheceu. Só vocês o conheceram e conhecem os seus feitos; o povo na sua maioria tem saudades de Samora e o povo na sua quase totalidade tem saudades de Joaquim Chissano e perguntam de que medo têm de levar o poder ao Guebuza para pararmos de sofrer. Quem mais terá saudades de Guebuza? A esperança dos cidadãos até crianças é de que depressa chegue Novembro de 2014 para se ver livre de Guebuza e da sua família.

Os críticos vão-me crucificar por esta carta mas eu não vivo para os críticos com interesses, vivo com e para o povo que sofre. Só me vai sacrificar quem com Guebuza desfruta o sabor da libertação. Que o digam os madjermanes; os desmobilizados de guerra; os antigos combatentes escorraçados das suas habitações; os sofridos médicos e enfermeiros; os espoliados das suas terras a favor da Vale, ProSavana, petroleiros, gaseiros, chineses e brasileiros exploradores, sem dó nem piedade.

Os militares entregues à guerras sem necessidade de novos confrontos, sim essa é herança do Chissano mas ele sabia gerir, não havia rixas. Quem sabe, ele tivesse, neste momento, resolvido tal como soube parar com a guerra dos 16 anos. Sim, ele era diplomata e com calma resolvia os problemas dos cidadãos em momento certo. Hoje, o espírito do deixa andar virou "xipoko" de roubar os impostos dos cidadãos, "xipoko" do tráfico de drogas e armas, "xipoko" da alta criminalidade, "xipoko" da falsidade dos funcionários públicos.

Diariamente só se vê nos jornais funcionários a roubarem dinheiro do povo para não falar dos barões que sacam os cofres do Estado para se tornarem ricos de Moçambique a partir do nada. Acredito que o povo pobre e os cidadãos ricos e honestos vão apoiar esta minha inquietação. QUEM FOI, QUEM É, O QUE PRETENDE E ONDE QUER CHEGAR O CIDADÃO ARMANDO EMÍLIO GUEBUZA? Respondam-me, senhores libertadores da terra, e vamos friamente analisar a sua governação.

Caso seja possível ele interiorizar e corrigir a sua forma de actuação, gostaria de lhe ver a sair do poder pela porta da frente e deixar saudades neste ano que lhe falta. Desde a Constituição de 1990 até a de 2004 que gozo da liberdade de expressão e de pensamento, e é por isso que escrevo e continuarei a escrever como uma cidadã deste país e não em representação de nenhum grupo ou agenda. Esperando continuar com vida após esta indignação, despeço-me com a promessa de voltar.

Maria Alice Mabota

Cidadania



goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Os apartamentos da Vila Olímpica do Zimpeto, na cidade de Maputo, continuam a ser uma autêntica dor de cabeça aos seus ocupantes devido a rachas, infiltrações e outras falhas de construção. Entretanto, as soluções para esses problemas não são fáceis, facto que fez com que o construtor Mota-Engil - Soares da Costa negasse de fazer as reparações. E é facto para dizer que os compradores das casas da Vila Olímpica fizeram um mau negócio.

<http://www.verdade.co.mz/economia/40232>

Rjl Lundo Bem feito p elex, custa ir comprar um tereno em marracuene, construir uma senhora casa linda e poderosa? 23/9 às 6:13

Need Natalia Nathy



23/9 às 4:36

Stavá Vanny Veré É verdade? 23/9 às 7:33

Sonia Marisa Que vergonha meu Deus, coitados dos moradores. 23/9 às 9:26

Josefa Amos Matsimbe Esperavam o que de produto oriental? Tudo é descartável. 23/9 às 5:18

José Amor Mudjadju Tovele Vão a tempo de reveindicar e podem trocar pelas novas casas do intaka, 23/9 às 5:47

Jose Proença as do intaka tbm nao tardam a racharem si 23/9 às 6:45

Angela Maria Serras Pires Foi tudo oferecido pelos tugas e mesmo assim houve luvas, frelimo fez frelimo faz... 23/9 às 4:44

Celestino Juga por favor meu governo, quando kerem contratar fiscalizador de obras temos k levar pessoas com uma boa experienca, nos sabemos k engenheiros sao superiores mas eu acreedito que um tecnico faz coisa melhor pk ele estuda a pratica 23/9 às 4:38

Lelio Ricardo Piloto Tenho um Amigo que diz que fez bom negocio kkkk ele nao quer aceitar que foi burlado. 23/9 às 14:14

Adélio Tourais Galinha gorda por pouco dinheiro, o resultado das luvas ja ta visivel. 23/9 às 8:09

Carlos Francelino Sitoe Kikikikiki, pensei que fosse nos pedreiros dos bairros, afinal ate ate as obras dos engenheiros racham se????? 23/9 às 7:34

Helton Guele Coisas de Moçambique. 23/9 às 7:32

Marufo Ali É bom davam se entre eles que aquentem com tudo que vier... 23/9 às 4:38

Francisco Oliveira Porque não expulsam esas empresas do País. 23/9 às 4:29

Mandasse Sitoe politica do empreiteiro Chines, obra barata/curta duração. 23/9 às 4:35

Manuel Cardoso É necessário desmascarar este tipo de pouca vergonha=corrupção há 14 horas

Vasco Cossa ShameVer tradução há 21 horas



goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

22/9 às 5:44 .

CIDADÃO Palmeirim REPORTA: A falta de medicamentos está ganhar contornos dramáticos em Marromeu. No Banco de Socorros do Hospital Rural, o pessoal de Saúde faz o que pode, no desespero total, muito doentes acabam voltando apenas com o diagnóstico e uma receita na mão.

A demanda por medicamentos na farmácia privada, aumentou com pessoas a virem de Chinde, Mopeia e Luabo, a procura de fármacos, um sintoma de que na margem Norte do Zambeze, há também carência.

Note que a esmagadora maioria dos "marromenes" não tem poder aquisitivo para enfrentar uma farmácia privada!

Isau Maticua É geral, o profissional de saúde não tem culpa nisso, visto que prescrevem medicamentos correctos para o diagnóstico. Correcto. Lembrem-se que na saúde cada diagnóstico tem determinado tratamento. Culpado é o governo. 22/9 às 6:57

Josefa Amos Matsimbe Infelizmente, a saúde, a educação e o saneamento básico do meio são os nossos direitos como cidadãos que pagam impostos mas eles são muito mal aplicados. Parece que as leis foram feitas para ficar mesmo no papel e nada mais. Força Moçambicanos sigam em frente 22/9 às 10:23

Emilio Mario Dausse ja era de esperar, militares só servem para guerras apenas, não para dirigir uma nação, num país como o nosso, que o orçamento geral do estado depende de financiamento externo não se justifica que o governo diminua o pouco que tem, para investir na guerra, não temos dinheiro para saúde, mas gasta se dinheiro na compra de armas, carros de guerra, alimentação dos soldados, sem nenhuma necessidade, porque não estamos com as presidências abertas também, o nosso país foi classificado anos atrás, pela O.M.S., o país da região que pouco investe na saúde, acho que até então mente se, e se calhar num escalão muito pior. 22/9 às 10:48

Sergius Quim Macamo Enquanto os Moçambicanos nascem, o Governo tende a diminuir a população. 22/9 às 6:07

Samuel Braz Muito triste! É como se não tivéssemos Governo. 22/9 às 5:49

Manuel Cardoso Caso muito sério; parece que ninguém quer ver há 12 horas

Joaquim Veloso Joaquim Governo actual tem culpa 23/9 às 8:38

Manuel Antonio Cardoso Falta de medicamento, falta de medicamento, falta de medicamento, até quando??? 22/9 às 23:57

Ramon Garitano também como estão a matar curandeiros, como e que vão resolver a situação sem medicamentos?? 22/9 às 11:09

Emilio Mario Dausse A vida do Moçambique não tem nenhum valor, com uma spiles dores de cabeça as pessoas morre 22/9 às 10:31

Inelsia Grine hi pai Rogerio tas muit bem informad ixo mstra k n so n alcids mas também muit canhenhe na cabexa, no entant valles por dois. 22/9 às 7:39

Delio Domingos Manungo É um problema nacional falo na primeira pessoa a uma hora atras tava no hospital provincial d gaza xtou custipado ñ tivem nem simples paracetamol o medico recomendou me fazer o bafo a minha pergunta pork mater o hospital ou melhor deixarem nos marcar consulta enquanto ñ tem cumprimentos espero k quem e do direito vela por esta situação. Sinti muito pork na fila havia doentes graves k nem conseguia tambem na mesma situação se cumprimendo o k lhes valeu ir ao hospital. 22/9 às 7:19



goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

21/9 às 0:34 .

A convite do Governo francês, o Presidente da República, Armando Guebuza, deverá efectuar, nos dias 27 e 28 do mês em curso, uma visita de dois dias àquele país europeu onde o seu objectivo será atrair investimentos para os sectores público e privado moçambicanos, informou o porta-voz do Chefe do Estado, Edson Macuacua, nesta sexta-feira (20), em Maputo.

<http://www.verdade.co.mz/economia/40193>

Antonio Júnior tem tempo p ir dar uma voltinha em paris, mas não tem tempo p ir a Santungira resolver a questão do povo 21/9 às 0:46

Janito Mavie o pais ja foi vendido em parcelas. Ja temos em Moz, terras da #china, do #Brasil, #India, agora querem vender p a #França, so falta um dia dizerem k todos moçambicanos devem viver n mesma província pk o resto das províncias ja xtarao vendidas. 21/9 às 1:16

Case 'beco' Armando Vai receber a comissão dos 30 navios em cash · 21/9 às 1:23

Manuel Antonio Cardoso Atrair investimentos para os sectores públicos e privado, ou do seu interesse???? 21/9 às 0:56

Gilbert Words Rhymes Alex Que aproveite ver se os 30 navios que encomendou já estão fabricados ou não! 21/9 às 0:49

Antonio Júnior mano Jose entendo perfeitamente k p teu negocio andar precisar esconder, mas não esqueça k se a renamo k hje dxprezax dsencadear uma guerra exe teu spa n vai ver 1 cliente sequer pelo k afirmo k precisam manter a paz. E a paz mantence através da tolerância 21/9 às 18:07

José Simões Coménio Mandate Guebuza tem que perceber de o povo passou de ovo, agora é galo. investimento para quê??? chega de mastrubação, agora precisamos duma relação directa cuja sua gravidez daria à luz filhos com seguintes nomes: PAZ, IGUALDADE, INDEPENDÊNCIA EFECTIVA ,DEMOCRACIA, CONCORDIA, IRMANDADE E JUSTIÇA. 21/9 às 5:29

Simiao Antonio Nosso governo tem tempo para viajar para ir em norte falar com irmão perdido não tem 21/9 às 1:36

Norberto Jr Gong Marley DESTA VEZ COMPREM MIGS 1 · 21/9 às 0:48

Ruycarlosdacecilia Ruydacecilia Para mim, guebuza irá fazer uma viagem para dar uma vaga de abertura de janelas para mais um filme de xtrip tiss na primaria. 21/9 às 12:55

José Francisco Narciso António Júnior, não seja tão hipócrita! Porque o Presidente da República deve ir a Santungira? Ele pode ir lá para a população daquela localidade, mas não para ir a uma pessoa que diz defender os interesses de Moçambique, com AKM47 na mão. O lugar de Duo está no Parlamento MOÇAMBICANO, não em Santungira. 21/9 às 7:46

Natálio Filipe Ki ki ki, xte é o Moçambique cheio d coixas! 21/9 às 5:39

Bilaal Mohamed Amin E ainda digo mais. O país terá sempre que extender a mão à misericórdia porque os nossos "queridos" dirigentes implementaram a política de PASSAGENS AUTOMÁTICAS nas escolas, o que traduz claramente a falta de mão-de-obra moçambicana qualificada. São vários os factores, que juntos, fazem-nos acreditar, e comprovar que o estado da nação é lamentável. Não é o facto de terem reabilitado uma estrada ou terem construído uma ponte, que indica que o país está a crescer. Aliás, o país está mesmo a crescer, mas para o bem de quem de direito! Tendo dito! Os nossos dirigentes não precisam de ir á europa ou seja lá onde for para atrair investimentos. Essa justificativa, que depois se traduz em concepções OBSCURAS de licenças de exploração do nosso país, é mais uma de tantas esfarrapadas na tentativa de enganar o povo, que agora, está com os olhos totalmente abertos. Por tanto, prezados dirigentes, sejam justos com o povo! 21/9 às 5:24

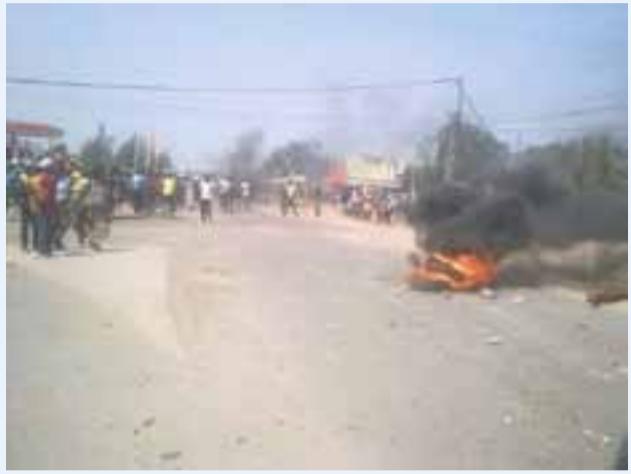


goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Fotos da cronologia

CIDADÃO Lopes REPORTA

Está a decorrer uma greve na cidade de Chókwe dos populares que fizeram a limpeza da cidade após as cheias mas que até agora não tem os seus salários e o patronato o Município nega a pagar, apenas adian-
do as datas enquanto o edil está de saída porque o seu mandato já expirou, Macuacua é burlador digo eu, já encheu a pança agora esta cuspindo no prato que vinha comendo para que outro não coma!
Neste momento estão a disparar tiros para os mani-
festantes!



José Luis Domingos A Frelimo e digo Frelimo porque reafirmo o poder bélico não é de Moçambique mas sim deles não conhece outra solução que não seja a das armas. Ainda há pessoas que pensam que a Renamo e eles se vão entender um dia. Um deles vai ter que desaparecer e espero que seja o poder vigente. Como dizia alguém COM FERRO MATAS COM FERRO MORRES. 20/9 às 5:06

Zé Manel A renamo e a frelimo estão a des-
truir Moçambique! <http://goo.gl/VmdrrN>



20/9 às 13:08

Horácio Costa Fernando Essa foto dz tdo..



6 · 20/9 às 8:35

Charles Palege sem sombra de duvida 20/9 às 9:44

Janito Mavie obvio. Hje falam e amanha re-
novam o mandato dstes sakanas d frel 20/9
às 13:12

Horácio Costa Fernando Pos eh.! São os
mesmos k irão votar lhes nas proximas ele-
xões, agora a reclamarem! 21/9 às 0:24



Gito Gitinho Gitão GREVE e VANDALISMO são coisas bem diferentes!! Apoio a greve, mas o vandalismo não...o combate ao vandalismo pressupõe o uso da força! · 20/9 às 7:29



Zé Manel Combate-se o vandalismo com a Educação, não com a Violência! <http://goo.gl/2GvfqH> · 20/9 às 13:04 ·



Gito Gitinho Gitão "Pressupõe", sublinho...! 20/9 às 13:04



Valter Chiziane Cuidado malta de chokwe, a Fir/ferlimo vai vox meter bala, cmo faz aqui em maputo 20/9 às 6:03



Yasin Jumma para a populacao disparam.mas para vulgo G20 nao tinham efectivos.merda desses gajos 20/9 às 12:28



Hermenegildo Gilda Paguei, paguem, di-
nheiro e para quem trabalha oky. Curuptox
bandu d ladroex 20/9 às 11:09



Florencio Buvane O problema deste governo e'
de adrubar a populacao trabalhar de borla e re-
ceber nada.Mesmo akeles ki nao trabalharam
tinham ki ajudar pra acabar esse problema. 20/9 às 8:10



Anés Eduardo Uetimane Quando os outros
falam a verdade dizem q e da oposisao,mas
oposicao da salarios trabalhadores deles.so
sabem dizer q afrelimo eq faz,sim sabemos q eq faz
dividas,eq fez sim contratos dessa gente entao q os
pague.gstm de comer sosinhos. 20/9 às 6:58



Pascoal Zunguze Ya sao egoistas 20/9 às
22:35



Isaias Mavota Gaza (Chokwe), surge et ambu-
la! · 20/9 às 5:39



Melo Alexandre Faria Momade Moçambicanos
de verdade mais manifestações nas urnas vo-
tando em outros ha kem ja ta empantorado
20/9 às 5:36



Belito Inacio Porto Frelimo é que fez e faz
20/9 às 5:12



Pereira Cuinica prometem nao cumprem, ne-
gam o direicto de reivindicar. Tamx numa di-
datura ? 20/9 às 5:10



Eduardo Marcolino Cumbane Meu deus, mo-
çambique é uma merda. 20/9 às 5:06



Gito Gitinho Gitão Discordo...algumas pesso-
as que andam de barrigas cheias é que são
merda. Moçambique é um pais de encantos...
20/9 às 7:25



Samuel Sum so dia 20 de novembro que vai
ditar se o povob de chokwe apredeo alguma
coisa co cheis e com comportamento de os
governates de chokwe 20/9 às 10:39



Pascoal Zunguze Irmao nao Mozambique mas
sim Frelimo 20/9 às 22:40



Eduardo Marcolino Cumbane Sim, eu sei que
moçambique é belo mas eipáh. 21/9 às 0:45



Felisberto Jequete Abram olhos como Beiren-
ses 20/9 às 5:06



Mamo Anli tenham calma k tudo se resolve
com dialogo 21/9 às 3:17



Rui Pona Minha Terra Como tu eras e como Es-
tas..... Um Abraco a Paz e a todos Vos.....:) 20/9 às 11:29



Edimilson Nhambe é da mdm exi tal macuacua
20/9 às 9:47



Pascoal Zunguze Voce pah nao conheces q fre-
limo sempre foi assim? 20/9 às 22:38



Hilario Alberto Macuacua Claro pork o dinheiro
ja tava tendo asas. Max ja terminou bem pork
m,ereceu a greve. Seja pra licao ao papa Gue-
bas 20/9 às 8:11



Cláudio Inácio Repolho Greve sem a força é
teatro ou cantiga. greve com a força é vanda-
lismo. entao ok caracteriza uma greve!??...
1 · 20/9 às 7:59



Ricardo Ferreira Quando não agrada sai pan-
cadaria 20/9 às 6:42



Atália R Bila Bila Grande burladores · 20/9 às
6:25



Maria Calhosa Quem FEZ E FAZ? A FRELIMO E
ESSE PAIS K TEMOS, TODOS OS DIAS O POVO
RECLAMA. 20/9 às 6:24



Gildo Zeka Dê ao moises o k de moises! Pa-
guem ox necessitados pox elex ja trabalha-
ram... 20/9 às 6:13



Zequinto Macuacua frelimo e' assim! vao pas-
sar mal ainda com a ditadura frelimista! 1 ·
20/9 às 6:10



Cristiano Banze ximbite immer, as notícias
boas já são reportadas pelos canais públicos
(tv, jornal notícia, etc.) por isso n condene
esse jornal por fazer isso que é de interesse de todos.
forca @verdade. quando é para disparar contra os mu-
nicipes, "temos" armas e policias mas quando é para
proteger o município de malfeitos não temos agentes
suficientes?? até quando esse maquiavelismo num
país aparentemente democrático?? 20/9 às 6:03



Raul Almeida Se nao existirem fraudes, fare-
mos justica no dia 20 de Novembro 20/9 às
5:58



Abel Vilanculos Refila Boy tinha razao!! Algo
nao esta' bem no Chokwe. 1 · 20/9 às 5:55



Extenzias Tafirenyikayatongwa Becake Triste
e frustrante... Mesmo quando se tem razão,
nada podemos fazer! Será isto que viveremos
sempre! 20/9 às 5:40



Bruno M. Silva deslike 20/9 às 5:23



Crimildo Chissico yowè yowè paguem o k e
deles.... · 20/9 às 5:14



Simiao Antonio Que pagau a leles trabalharau
para ganhar pao pensaca que Refila boi nao gos-
ta de macuacua afinal e verdade 20/9 às 5:09



Buana Momade onde e k xta a independencia
mxmo em moxambik ou num outro país? 22/9
às 6:40



Carlos Gumete Gume isto não e greve mas
sim manifestação popular. 21/9 às 1:35



Pascoal Zunguze Ai que pena pensei q Refila
ta louco ta falar serio 20/9 às 22:34



Augusto Magaure Mas para os gazenses pen-
so que e muito bom porque nao aceitam mu-
dancas e impendem outras forcas politicas de
desenvolverem o seu trabalho, para mim, policia dis-
parem mais para ganharem juizo! 20/9 às 13:59



Silvino Liuele Pais de pandza 20/9 às 12:21



Oprofeta Magrand gostei desta verdad. 20/9
às 12:12



Jorge Cachaço Na hora voto dem o troco 20/9
às 11:48



Armando Timane Exe pais ta de penas pa o ar
mmx. 20/9 às 11:32



Adelino Albino Dzimba Amigos a patria ja foi
vendida a muito,ate o samora disse : um ambi-
cioso pode vender patria , o espanto é natural
mas n ha nada que possamos fazer ate encontrarmos
os gatos demais para acabar com as ratazanas cem
vergonha ,porra é que faz,sim mas nao des-
se jeito castigando os filhos do povo . 20/9 às 9:55



Januario Ernesto Acho que estamos habituado,
o governo não sabem prevenir essa revolta,
precisam de ver sangue ou mesmo vidas per-
didias, aí eles vem com toda força e fundo e encontram
a solução na hora. Que sacanagem? 20/9 às 7:59



Crisne Ussiquete Meus Deus ,chokwe nao
merece nem um minuto de paz 20/9 às 7:43



El Guigas Berete Nhandaehoooooo 20/9 às
7:43



Jose Verniz Timoteo iissso è muito
caricato,imaginem cidade ou vila de chokwe
apos as cheias,ate onde ouvi havia um cheiro
nauseabundo pululando por la e as pessoas nada fa-
ziam por isso(nas suas casas)entao o governo vem
com uma publicidade(enganosa)em nome do sanea-
mento e da limpeza do bairro. alooooooooo nao sei onde
é que falha minha observacao mas se nao tivessem
feito a limpeza eles que la vivem quem viria
fazer?comon pa,hoje estao a incendiar pneus e ainda
virao com slogans do tipo"limpamos a vila onde mor-
mos e nao fomos pagos" hehehehehe made in mo-
zambique mesmo 20/9 às 7:42



Filipe Matias refila boy vai resolver est asunto.
20/9 às 7:37